



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PÓS- GRADUAÇÃO EM LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LÍNGUA E CULTURA**

Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA  
Tel.: (71) 3263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: [pgletba@ufba.br](mailto:pgletba@ufba.br)

**MARÍLIA ROBERTA DA SILVA LEITE**

**OS GÊNEROS COMUNICATIVOS NA ESCOLA**

SALVADOR

2015

**MARÍLIA ROBERTA DA SILVA LEITE**

**OS GÊNEROS COMUNICATIVOS NA ESCOLA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, área de concentração Texto e Discurso, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr. Simone Bueno Borges da Silva.

SALVADOR

2015

**Sistema de Bibliotecas da UFBA**

Leite, Marília Roberta da Silva.

Os gêneros comunicativos na escola / Marília Roberta da Silva Leite. - 2015.

118 f.: il.

Inclui apêndices e anexos.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Simone Bueno Borges da Silva.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2015.

1. Escolas. 2. Comunicação. 3. Interação social. 4. Ensino. 5. Língua portuguesa.

I. Silva, Simone Borges da. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 401.41

CDU - 81'42

MARÍLIA ROBERTA DA SILVA LEITE

## **Os gêneros comunicativos na escola**

Esta dissertação de Mestrado foi avaliada para obtenção do Título de Mestre e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

### BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr. Karine Araújo Silveira  
Universidade Salvador

---

Prof. Dr. Júlio Neves Pereira  
Universidade Federal da Bahia

---

Prof<sup>ª</sup>. Orientadora: Dr. Simone Bueno Borges da Silva  
Universidade Federal da Bahia



## AGRADECIMENTOS

No percurso do mestrado, Deus foi meu primeiro guia, a voz que soprava suavemente nos meus ouvidos palavras doces de positividade, esperança e fé. Agradeço muito a Deus por preparar os caminhos que eu iria percorrer ao longo desses dois anos, por colocar na minha vida pessoas tão importantes como minha FAMÍLIA, pessoas com um amor incondicional, meu chão e meu aconchego.

Agradeço a Deus pelas bênçãos derramadas, pela intercessão de Nossa Senhora a cada dia, pela presença na minha vida, no terço rezado nas idas e vindas a Salvador. Sou grata aos meus companheiros e amigos nessa aventura (Rose, Illa, Flávia, Aster, Quésia, Nélio, Thamiris), pessoas que me ensinaram que muito mais que um título acadêmico eu ganhei um título em experiência de vida.

Sou muito grata às duas escolas que aceitaram que eu realizasse a pesquisa. Agradeço aos alunos, professores e direção por serem solícitos e contribuírem para minha pesquisa.

Agradeço a minha orientadora, Simone Bueno, pelas orientações, paciência, pelos conselhos e principalmente pelo profissionalismo. Esta conquista tem toques suaves e fortes de uma professora, que no seu exercício, é uma mediadora exímia na construção do conhecimento.

## RESUMO

A presente dissertação é o resultado de uma pesquisa que estudou os gêneros comunicativos na escola, considerando uma noção de língua que enquanto processo comunicativo envolve sujeitos situados historicamente, nesse caso alunos, pais e professores, direção e funcionários. Dessa forma, a pesquisa se insere na esfera de discussões acerca dos gêneros discursivos como processo da comunicação e como recurso para o ensino da língua. Inclui-se também no campo de estudo que entende que o gênero pertence a um contexto social e cultural. Nesta perspectiva, a escola foi observada como espaço de interação, onde os gêneros eram constituídos para atender aos objetivos comunicativos do sistema escolar e de seus participantes. Objetivamos, com a pesquisa, verificar quais os gêneros discursivos (orais, escritos ou virtuais) são produzidos na escola pública e na privada, para atender às demandas comunicativas entre direção/coordenação, professores, funcionários, pais e alunos do ensino médio. Como parte dos pressupostos teóricos, escolheu-se entender a língua a partir da perspectiva interacionista, pois estudar os gêneros, em grande medida, equivale a estudar a língua de um determinado grupo social. Com o desenvolvimento deste estudo, pretendeu-se responder as seguintes perguntas: 1. Quais gêneros comunicativos são utilizados nas relações sociais estabelecidas entre alunos, professores, direção, funcionários, pais e comunidade de uma escola pública e outra privada de uma cidade do interior da Bahia? 2. Quais desses gêneros são contemplados nas aulas de Língua Portuguesa das escolas, como instrumento de ensino? Para desenvolver o estudo partimos da compreensão de que a escola é um espaço de interação e, dessa forma, os gêneros estariam mediando as relações entre seus sujeitos através dos comunicados, ofícios, *e-mail*, rede social entre outros gêneros. Realizamos uma pesquisa qualitativa, interpretativista, de cunho etnográfico em duas escolas, quais sejam: Colégio Estadual Professor Edgard Santos (C1) e Colégio Viana (C2). O conjunto de dados foi composto por visitas de campo, aplicação de questionários, acompanhamento de redes sociais entrevistas e um conjunto de documentos composto por *comunicados* enviados pela escola, ofícios, *contratos*, *carta de matrícula* e *e-mails*. No intuito de discutir sobre os gêneros como mediadores da comunicação e a utilização dos gêneros no ensino de Língua, a pesquisa fundamentou-se nas reflexões de Bakhtin (2003[1951-1953]), Brait (2005, 2012, 2013), Rojo (2009 e 2014), Schneuwly e Dolz (2004), Marcuschi (2004 e 2008), Orientações Curriculares Nacionais (2006), Rodrigues (2005). Com os resultados, foi possível observar os modos particulares de comunicação nas duas escolas, uma pública e outra privada, em suas relações com os funcionários, pais, alunos e comunidade em geral. Observou-se, também, que os gêneros comunicativos que circulam na escola pouco são utilizados como instrumento de aprendizagem da língua.

**PALAVRAS – CHAVE:** Escola; Gênero; Interação; Ensino.

## **ABSTRACT**

This master thesis is a result of a research in which the communicative genres in the school were studied, considering a notion of language that, as a communicative process, involves subjects historically situated. In this case, parents, teachers, administration and staff. Thereby, this research is included in the sphere of discussions on discursive genres as a process of communication and as a resource to language teaching. It is also included in the field of study that understands the genre as belonging to a social and cultural context. In this perspective, the school was observed as a place of interaction, where the genres were constituted to meet communicative goals of the school system and its participants. As a part of theoretical assumptions, the sociointeractionist perspective was chosen to understand the language, for studying the genres, largely, is equivalent to studying the language of a determined social group. For the development of this study, we aimed at answering the following questions: What communicative genres are used in the social relations established among students, teachers, direction, staff, parents and community of a public school, as a teaching instrument? To develop this study, we started from the comprehension that the school is a place of interaction and, as such, the genres would be mediating the relations among the subjects through communications, official letters, e-mails, social network, among others. We conducted a qualitative and interpretative research, of ethnographic nature, in two schools, namely: the state school Professor Edgard Santos (S1) and Viana High School (S2). The set of data was composed by field visits, questionnaire applications, social networks monitoring, interviews and a set of documents composed by communications sent by the school, official letters, contracts, registration letter and e-mails. In the attempt of discussing the genres as mediators of communication and the using of genres in language teaching, this research was based on the reflections of Bakhtin (2003[1951-1953]), Brait (2005, 2012, 2013); Schneuwly & Dolz (2004), Rojo (2009 and 2014); Marcuschi (2004 and 2008), National Curriculum Guidelines (2000), Rodrigues (2005). From the results, it was possible to observe the particular ways of communication in two schools, one of them public and the other private, in their relations with the staff, parents, students and community in general. It was observed, as well, that the communicative genres that circulate on school are little used as a tool for language learning.

**KEY WORDS:** School; Genre; Interaction; Teaching.



## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1: Quadro comparativo entre o Estruturalismo e o Funcionalismo.....	21
--	----

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1: Síntese do perfil dos alunos do C1 participantes da pesquisa.....	41
TABELA 2: Síntese do perfil dos alunos do C2 participantes da pesquisa.....	44
TABELA 3: Gêneros que circulam no C1 e no C2.....	59

## LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Cartazes da Campanha de vacinação contra o HPV, do Ministério da saúde, que circulou nas escolas.....	27
FIGURA 2: Representação gráfica do conceito bakhtiniano sobre gêneros.....	28
FIGURA 3: Imagem da rede social <i>facebook</i> .....	30
FIGURA 4: Gráfico com a média de alunos por professor.....	40
FIGURA 5: Gráfico com a média de alunos por funcionário.....	40
FIGURA 6: Propaganda exposta no mural do C1.....	43
FIGURA 7: Propaganda exposta no mural do C2.....	46
FIGURA 8: Mural do C2 no período da matrícula.....	47
FIGURA 9: Lista de alunos aprovados C1.....	47
FIGURA 10: Mural do C1 no período do final do ano.....	48
FIGURA 11: Lista de conteúdos para as provas finais.....	48
FIGURA 12: Portão do C1 como suporte.....	49
FIGURA 13: Portão do C2 como suporte.....	49
FIGURA 14: Aviso de mudança e Horário de avaliações do C2.....	51
FIGURA 15: Rede Social do C2.....	51
FIGURA 16: Site do C2.....	57

FIGURA 17: Rede social do C1.....	58
FIGURA 18: Aluna fotografando o horário disponibilizado pela direção.....	58
FIGURA 19: Gráfico construído a partir da aplicação dos questionários no C1 com os alunos.....	61
FIGURA 20: Gráfico construído a partir da aplicação dos questionários no C2 com os alunos.....	61
FIGURA 21: Exemplo de comunicado do C2.....	63
FIGURA 22: Comunicado da Coelba.....	64
FIGURA 23: Comunicado para os pais sobre os paradidáticos.....	65
FIGURA 24: Comunicado para os pais e alunos sobre o final do ano letivo.....	66
FIGURA 25: Exemplo de convite do C1.....	67
FIGURA 26: Comunicado exposto na parede do C1 no final do ano letivo de 2014.....	68
FIGURA 27: Aviso do C1 exposto no mural da escola .....	69
FIGURA 28: Comunicado aos alunos sobre a merenda escolar.....	70
FIGURA 29: Comunicado e Diário Oficial.....	71
FIGURA 30: Cartaz divulgando o período de matrícula.....	72
FIGURA 31: Contrato do C2.....	73
FIGURA 32: Ficha de matrícula utilizada pelo C1.....	75

FIGURA 33: Carta de renovação da matrícula.....	77
FIGURA 34: Recorte do site do C2.....	80
FIGURA 35: Recorte do site do C2.....	80
FIGURA 36: E-mail entre direção e professores do C1.....	82
FIGURA 37: E-mail entre direção e professores do C2.....	82
FIGURA 38: Recorte do <i>facebook</i> do C2.....	85
FIGURA 39: Recorte do <i>facebook</i> do C2.....	86
FIGURA 40: Recorte do <i>facebook</i> do C1.....	87
FIGURA 41: Recorte do <i>facebook</i> do C2.....	88
FIGURA 42: Grupo do <i>facebook</i> dos alunos do 3º do C1.....	88
FIGURA 43: Grupo do <i>facebook</i> dos alunos do 3º do C1.....	89
FIGURA 44: Grupo do <i>facebook</i> dos alunos o 3º do C2.....	90
FIGURA 45: Grupo do <i>facebook</i> dos alunos do 2º do C2.....	90
FIGURA 46: Grupo do <i>facebook</i> dos alunos do 3º do C2.....	91

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1 CONCEITUANDO A LÍNGUA E ENTENDENDO OS GÊNEROS DISCURSIVOS.....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 Uma breve retrospectiva sobre alguns modos de conceber a língua.....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 Gêneros discursivos: da Conversa face a face ao Facebook.....</b>	<b>24</b>
<i>1.2.1 Gêneros Virtuais.....</i>	<i>29</i>
<b>1.3 Gêneros e o Ensino de Língua.....</b>	<b>31</b>
<b>2 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE INTERAÇÃO: ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....</b>	<b>35</b>
<b>2.1 Aspectos metodológicos da pesquisa.....</b>	<b>37</b>
<b>2.2 Contextos de pesquisa.....</b>	<b>39</b>
<b>2.3 Os sujeitos da comunicação na escola.....</b>	<b>41</b>
<i>2.3.1 Perfil dos alunos.....</i>	<i>41</i>
<i>2.3.2 Perfil das professoras.....</i>	<i>43</i>
<i>2.3.4 Perfil da direção/coordenação.....</i>	<i>44</i>
<b>2.4 Conjunto de dados da pesquisa.....</b>	<b>44</b>
<i>2.4.1 As visitas.....</i>	<i>44</i>
<i>2.4.2 Aplicação dos questionários.....</i>	<i>52</i>
<i>2.4.3 Entrevistas.....</i>	<i>56</i>
<i>2.4.4 Acompanhamento das redes sociais e sites.....</i>	<i>57</i>
<b>3 OS GÊNEROS QUE CIRCULAM NA ESCOLA.....</b>	<b>59</b>
<b>3.1 Comunicados, avisos e convites.....</b>	<b>60</b>
<i>3.1.1 As relações de poder da escrita.....</i>	<i>69</i>
<b>3.2 Cronograma, Contrato, Carta, Ficha: Gênero para matrícula.....</b>	<b>72</b>
<b>4 A COMUNICAÇÃO ESCOLAR ATRAVÉS DAS TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E O ENSINO DE LÍNGUA.....</b>	<b>79</b>
<b>4.1 Sites e e-mails.....</b>	<b>79</b>
<b>4.2 Facebook.....</b>	<b>83</b>

<b>4.3 Os gêneros que circulam na escola e o ensino de língua.....</b>	<b>91</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>99</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>103</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>106</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>117</b>

## INTRODUÇÃO

*“Se os meus escritos valem alguma coisa, possam os que tiverem (...) utilizá-los do melhor modo que entenderem”. Descartes*

Realizar uma pesquisa, em qualquer campo científico, é uma ação desafiadora. O pesquisador é instigado a todo o momento pelo seu objeto, principalmente, se ele envolver fatores sociais, culturais e ideológicos, que tornam a pesquisa ampla e singular. Nesse sentido, pesquisar sobre os gêneros comunicativos na escola foi um grande desafio, dada a complexidade do tema, que envolve as dimensões sociocultural e ideológica.

A presente dissertação é o resultado de uma pesquisa realizada no campo prático da linguagem, dentro de um contexto comunicativo que envolve sujeitos situados historicamente. É uma pesquisa que compõe um arcabouço de estudos que vê a língua como objeto de poder que medeia as relações humanas, pois estudar os gêneros é estudar a língua de um grupo social, e estudar os gêneros comunicativos no contexto escolar equivale, em certa medida, buscar a compreensão das relações que se estabelecem entre os sujeitos nesse universo.

A escola é um dos espaços institucionais onde a língua se materializa através dos gêneros que circulam em seu contexto e são produzidos para atender às necessidades comunicativas dos professores, direção/coordenação, alunos, funcionários, pais e comunidade. Neste trabalho, vemos a escola como um espaço de interação social e, como tal, os gêneros estão presentes, não só como recursos de ensino, mas também como mediadores das relações sociais.

Destacamos também que fazer uma pesquisa na escola é mais uma maneira pela qual a Academia se aproxima de outros espaços sociais e que possibilita a construção de conhecimento. Não escolhemos a escola como espaço investigativo para apontar seus problemas, mas para que o espaço escolar pudesse ser pensado como *locus* de intensa circulação de comunicações e, que, por conseguintes podem ser tomadas como objeto de ensino.

Parafraseando Descartes, este trabalho poderá ajudar o professor de língua a ter uma visão diferente de sua prática, compreendendo que os gêneros que circulam na escola podem ser valiosos recursos. Entendemos que além dos gêneros apresentados nos livros didáticos, a escola é o lugar onde a sua própria produção de linguagem poderia passar a ser objeto de ensino, uma forma original de tomar os gêneros, que muitas vezes, conforme Schneuwly e



Dozl *et al.* (2004, p.65) são vistos como uma ação fictícia, “considerados desprovidos de qualquer relação com uma situação de comunicação autêntica”.

A partir desse contexto, para o desenvolvimento da pesquisa, questionou-se: *Quais gêneros comunicativos são utilizados nas relações sociais estabelecidas entre alunos, professores, direção/coordenação, funcionários, pais e comunidade de uma escola pública e outra privada de uma cidade do interior da Bahia? Quais desses gêneros são contemplados nas aulas de Língua Portuguesa das escolas, como instrumento de ensino?* Para desenvolver o estudo partimos da compreensão de que a escola é um espaço de interação e, dessa forma, os gêneros estariam mediando às relações entre seus sujeitos através dos *comunicados*<sup>1</sup>, *ofícios*, *e-mail* entre outros. Entendemos que esses gêneros comunicativos que circulam na escola constituiriam bons objetos de ensino, pois representariam o uso da língua em um espaço íntimo aos educandos, trazendo tanto uma linguagem bastante formal, quanto exemplos de linguagem menos formal, em determinadas situações.

Objetivamos, com a pesquisa, verificar quais os gêneros discursivos (orais, escritos ou virtuais) são produzidos na escola pública e na privada, para atender às demandas comunicativas entre direção/coordenação, professores, funcionários, pais e alunos do ensino médio. Assim, este estudo se dedicou, num primeiro momento, a compreender como se dá o processo de comunicação entre seus membros e, num segundo momento verificar se os gêneros comunicativos que circulam nas escolas eram contemplados nas aulas de Língua Portuguesa como um recurso de aprendizagem da língua, tanto na leitura quanto na produção da escrita.

Schneuwly e Dolz *et al.*(2004, p. 63) afirmam que “os gêneros materializam as práticas de linguagem” e, por conseguinte, são instrumentos potenciais para ensino/aprendizagem da língua e de outros conteúdos. Então, acreditamos que o estudo dos gêneros comunicativos no contexto escolar, além de ajudar a compreender as relações estabelecidas entre os sujeitos que compõem a comunidade em estudo, pode ser trazido para as práticas de ensino, uma vez que circulam efetivamente na instituição. Os gêneros que circulam no ambiente escolar, por muitas vezes, passam despercebidos pelo professor de Língua Portuguesa que, em grande medida, centra seu trabalho apenas no estudo dos gêneros explorados nos livros didáticos.

O estudo dos gêneros vem se desenvolvendo a partir de diferentes perspectivas teóricas, já há bastante tempo, por isso falar sobre gêneros não é um fato inovador. Aristóteles, na Grécia Antiga, pontuou sobre os gêneros dentro do limite dos estudos que havia naquela época. Na visão aristotélica, a ideia de gênero estava vinculada ao campo literário. No século XX,

---

<sup>1</sup> Destacamos, ao longo do estudo, os gêneros comunicativos das escolas, usando o itálico.

Michael Bakhtin passa a compreender os gêneros no campo linguístico, entendendo os gêneros como organizador das diferentes esferas humanas, desde a mais simples, realizadas nas interações cotidianas, até as mais complexas, como as obras literárias e as interlocuções acadêmicas travadas entre o grupo altamente especializado, como uma tese. Foi Bakhtin quem trouxe para o centro das pesquisas linguísticas o caráter social e histórico da língua e do enunciado, ao se opor a uma perspectiva dos estudos linguísticos voltados apenas para a estrutura da língua. Propondo outra forma de ver a organização da língua, Bakhtin apresenta-nos o conceito de gêneros do discurso.

Estudar os gêneros discursivos justifica-se pela importância destes nas relações sociais e como mediadores do processo de comunicação na escola. Bakhtin (2003, p. 279) afirma que os gêneros têm a capacidade de organizar a interação social. Barzeman (2011) ressalta que a utilização dos gêneros é um fato particular a cada sociedade e cultura. Não se pode considerar que eles sejam iguais ou usados da mesma forma em todos os lugares, já que se têm culturas tão ímpares e objetivos específicos para cada situação de comunicação humana.

Realizamos, então, uma pesquisa qualitativa, interpretativista, de cunho etnográfico em duas escolas: Colégio Estadual Professor Edgard Santos (C1) e Colégio Viana (C2). Escolhemos estas duas instituições por serem as duas maiores escolas de Ensino Médio - na área pública e particular - da cidade de Governador Mangabeira, cidade do interior do estado da Bahia. As duas instituições estão localizadas na zona urbana da cidade, em bairro de fácil acesso e que atendem alunos tanto da zona rural quanto da zona urbana.

Para desenvolver esta pesquisa utilizamos uma metodologia que auxiliou compreender a amplitude do objeto pesquisado e o seu contexto. Assim, para analisar as relações sociais estabelecidas na escola que são representadas através dos gêneros discursivos, foi necessário o desenvolvimento de coletas de dados etnográficos para reunir as variáveis importantes a serem consideradas no estudo do funcionamento dos gêneros comunicativos naqueles contextos. A etnografia na escola ajudou a revelar os processos de interação e a concepção de língua que fundamenta a prática. Sobre a pesquisa etnográfica Kleiman (1995, p.48) afirma que

Os estudos etnográficos, que examinam a construção das práticas escolares na interação, se constituem um campo propício para a transformação da práxis, uma vez que esses estudos permitem perceber a inscrição, no microcontexto da interação [...]

Os fundamentos da pesquisa etnográfica, dessa forma, ofereceram detalhes sobre as práticas sociais onde a escrita está inserida bem como outros tipos de letramento. Para tanto,

utilizamos instrumentos variados para a concretização dos objetivos. Realizamos visitas às escolas em tempos diferentes (início do ano, período de avaliações e final do ano), construindo um diário de campo onde registramos nossas observações sobre a comunicação na escola através de conversas com alunos, professores, diretores/coordenação, registros fotográficos. Nesse processo, acompanhamos as redes sociais dos colégios, fizemos entrevistas com seis alunos (três de cada escola) e quatro professoras (duas de cada escola) e realizamos a aplicação de questionários com cento e cinco alunos, quatro professoras, a direção/coordenação dos dois colégios.

O instrumental da pesquisa etnográfica possibilitou melhor compreensão do contexto institucional em que circulam os gêneros. O conhecimento desse contexto foi fundamental, pois não é possível estudar os gêneros excluindo deles características do seu funcionamento social. A etnografia, conforme salienta Street (2010, p.34) é o caminho seguido quando se quer compreender a linguagem através dos contextos culturais.

Acreditamos que os resultados desta pesquisa contribuirão para as reflexões sobre os gêneros na escola, não só como recurso de ensino, mas também, como um elemento dinâmico da língua, que tem a capacidade de representar o objetivo da situação comunicativa e os recursos utilizados pelos interlocutores para atendê-lo.

A fim de apresentar a pesquisa, esta dissertação segue dividida em quatro capítulos. O primeiro intitulado “*Conceituando a língua e entendendo os gêneros discursivos*”, discorremos, inicialmente, sobre o conceito de língua e de gêneros do discurso, conceitos centrais para este estudo. No segundo capítulo: “*A escola como espaço de interação: aspectos metodológicos da pesquisa*” tratamos dos aspectos metodológicos da pesquisa, apresentando os contextos, os instrumentos utilizados, os caminhos percorridos para entender as relações dentro das escolas e os gêneros que circulam naqueles espaços.

“*Os gêneros que circulam na escola*”, terceiro capítulo, analisa a comunicação nas escolas pesquisadas através dos gêneros mais recorrentes, considerando suas características e os contextos de utilização. Nesse capítulo também discutimos os efeitos de sentidos e as relações de poder que eles revelam. O quarto capítulo, “*A comunicação escolar através das tecnologias contemporâneas e o ensino de língua*” analisa os gêneros comunicativos mediados pelas tecnologias contemporâneas a exemplo do *email* e do *facebook*. Neste capítulo também apresentamos se há o uso dos gêneros comunicativos na escola no ensino de língua.

Concluimos a dissertação, considerando que a escola é um espaço de interação, que os gêneros que circulam nas relações entre direção/coordenação, professores, alunos,

funcionários são variados e refletem os contextos de cada escola e podem ser recursos para o ensino de leitura e escrita.

# 1 CONCEITUANDO A LÍNGUA E ENTENDENDO OS GÊNEROS DISCURSIVOS

*“Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua...” Bakhtin*

Os ideais, princípios e valores circulam na sociedade por meio da língua, organizada através dos gêneros do discurso. Eles, nos seus diversos tipos, representam objetivos e ideias adotados em uma determinada situação comunicativa. Nesse contexto, nos últimos anos, têm surgido trabalhos cujo objeto de estudo é os gêneros discursivos. Muitos desses trabalhos procuram sistematizar os gêneros, descrevendo-os e delimitando-os. A diversidade de trabalhos reflete a complexidade de sistematização dos gêneros, pois estes são amplos, heterogêneos como a língua. Para Marcuschi (2008, p. 149) “[...] o trato com o gênero diz respeito ao trato com a língua em seu cotidiano nas mais diversas formas.”

Assim, para refletir sobre os gêneros parece preciso revisitar, inicialmente, o conceito de língua que fundamenta, por conseguinte, o conceito de gênero que adotamos neste estudo.

## 1.1 Uma breve retrospectiva sobre alguns modos de conceber a língua

A história da Linguística, como se sabe, se firma com as ideias estruturalistas/formalistas empreendidas por Ferdinand Saussure, seu maior expoente. Saussure, através do *Curso de Linguística Geral* (1916)<sup>2</sup>, promove uma transformação na forma de estudar a língua, alçando os estudos linguísticos a condição de ciência, ao delimitar o objeto e a forma como este seria analisado. Saussure inaugura um método nas pesquisas linguísticas que mais tarde é enquadrado nos parâmetros do Estruturalismo. O método e o objeto definidos pelo mestre genebrino abriram as portas para os estudos da língua por uma perspectiva científica. Conforme Costa (2013) Saussure é o percussor do estruturalismo, pois definiu a língua como um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente. Ele, assim, preferiu seguir a linha racional/estrutural da língua (uma visão positivista de pesquisa que predominava na época, um legado das pesquisas na área das ciências exatas). Culler (1979) estudando a perspectiva Saussureana ressalta que a função do linguista naquele contexto era definir as unidades de uma língua, as relações entre elas, e suas regras de combinações.

---

<sup>2</sup> Livro que corresponde à junção feita pelos alunos do então professor Saussure dos manuscritos no Curso de Linguística Geral depois da sua morte.

As análises de Saussure fundamentaram-se na oposição, ele difere linguagem de língua; língua e fala, sincronia e diacronia. Assim, para Saussure (1916, p.17) a linguagem é um campo de vasto domínio e a língua encontra-se nesse campo, uma parte de um todo. “[...] Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios [...]”

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada essencial dela, indubitavelmente. É ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Nessa perspectiva, a língua é tida como um sistema organizado por meio de um conjunto de regras, isto é, a língua é constituída por blocos que organizados formam um sistema homogêneo “Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea; constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união de sentido e da imagem acústica [...]” (SAUSSURE, 1916, p.17).

Pensando as pesquisas linguísticas do ponto de vista estruturalista, os estudos são empreendidos a partir de uma noção de sujeitos ideais. A grande preocupação dos linguistas estava fundamentada nos aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos da língua. Enquanto sistema importava estudar a língua através do exame da organização das palavras e das frases. As dimensões textuais e discursivas ainda não estavam no foco da ciência linguística.

Nesse sentido, tem-se uma perspectiva, em que os aspectos sociais, culturais da comunidade não são integrados às discussões relativas á língua. A língua, na visão de Saussure (1916), é um produto social da faculdade da linguagem e convenções necessárias e que não pode ser confundida com a linguagem. Vale ressaltar que Saussure não negava a existência dos aspectos sociais da língua, no entanto, para construir a ciência linguística segundo os parâmetros positivista da época, ele preferiu dedicar-se à estrutura, “Nossa definição da língua supõe que eliminemos dela tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao sistema, numa palavra: tudo quanto se designa pelo termo ‘Linguística externa’” (SAUSSURE, 1916, p.23)

Mesmo Saussure reconhecendo que havia fatores externos que interferem nos processos linguísticos, a partir da distinção entre *língua* (convenção social) e *fala* (o uso individual), o conceito de língua que vigorou, define-a como um sistema, como uma abstração, ou seja, “a língua em si mesma, um todo em si, um princípio de classificação” (1916, p.17). Conforme Borges Neto (2004, p. 85) “os formalistas estudam as línguas naturais para entendê-la enquanto linguagem, isto é, enquanto um conjunto de forma que se relacionam com objetos do mundo (mundo objeto ou mundo mental)”.

Preocupados menos com a estrutura da língua e mais com os usos linguísticos, o funcionalismo surge desenvolvendo estudos focados nos elementos externos à língua, pois, para os funcionalistas a estrutura da língua não é tão autônoma como afirmam os formalistas. Para a perspectiva funcionalista, a língua é vista como forma de interação social, é um produto sócio histórico como afirma Cunha (2003, p.157) “O funcionalismo é uma corrente linguística que, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas [...]”. Para o funcionalismo a língua tem funções, as quais são externas ao próprio sistema e a linguagem se adapta de acordo com as funções que exerce. Então, língua é conceitualizada como objeto maleável, um fenômeno social.

A proposta do funcionalismo consiste em colocar no centro das pesquisas linguísticas os estudos sociais e históricos, e principalmente, tirar das margens o papel do sujeito na comunicação e no uso efetivo da língua. Para o funcionalismo, a língua não se resume a fonemas ou sintagmas, mas se constitui através dos textos. Dessa forma, os paradigmas funcionalistas consideram, conforme Heine (2011, p.6)

- A língua como um instrumento de interação social;
- A função primária da língua é a comunicação;
- Dá relevância à competência comunicativa;
- O sistema linguístico deve fazer parte do seu uso em contexto de comunicação;
- A aquisição da linguagem não é inata;

Para funcionalismo não existe a noção de falante ideal, mas se considera que a língua existe a partir de uma interação social, o que possibilita, então, estudar a língua nas diferentes situações comunicativas. Cunha (2003) afirma que o funcionalismo alinha-se à tendência que analisa a relação entre língua e sociedade. Logo, funcionalismo e estruturalismo constituem polos diferentes referentes aos estudos linguísticos como o quadro a seguir apresenta.

**Quadro 1:** Quadro comparativo entre o Estruturalismo e o Funcionalismo.

<b>PERSPECTIVA ESTRUTURALISTA/FORMALISTA</b>	<b>PERSPECTIVA FUNCIONALISTA</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A língua é uma abstração;</li> <li>• A língua é um sistema homogêneo;</li> <li>• A língua é um conjunto de signos;</li> <li>• Estudo da estrutura da língua;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A língua é um produto da interação social;</li> <li>• A língua é heterogênea;</li> <li>• Estuda-se a língua em uso;</li> <li>• Os fatores externos determinam também a estrutura.</li> </ul>

Consoante às ideias funcionalistas, o círculo bakhtiniano<sup>3</sup> também propõe outra perspectiva para o estudo da língua, diferente do enfoque dado a ela pelos estruturalistas. Bakhtin<sup>4</sup> (2003) procura ver a língua, considerando sua perspectiva interacional “[...] a língua é um fenômeno puramente histórico.” (BAKHTIN, 1997, p.109). Nesse contexto, o objeto refletido por Bakhtin está em constante transformação. Dessa forma, a língua viva evolui historicamente na comunicação verbal concreta. Percebemos na visão bakhtiniana que a linguagem é uma atividade responsiva ativa.

As ideias de Bakhtin a respeito da língua não constituem uma teoria fechada e, atualmente, há releituras deste filósofo da linguagem para a Análise de Discurso de linha dialógica, os estudos da Linguística Aplicada, os estudos sobre gênero etc. Rodrigues (2005) destaca a importância de Bakhtin para os estudos do ensino de língua “É como problematizador e interlocutor produtivo que podemos situar o Círculo de Bakhtin na Linguística Aplicada, pois as suas ideias tem impulsionado as discussões teóricas e os desenvolvimentos pedagógicos na área de ensino de línguas [...]” (RODRIGUES 2005, p.153).

Os postulados de Mikahail Bakhtin propõem que a interação e a história façam parte do estudo da língua. Ele, então, critica os estudos da língua fora do contexto de uso, afirmando sobre a fonologia, por exemplo, que, “[...] Se isolarmos o som enquanto fenômeno puramente acústico, perderemos a linguagem como objetivo [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 70), ou seja, é necessário compreender os fenômenos da língua nos seus contextos reais de uso. Para o autor, cada fenômeno linguístico, deve ser inserido no contexto que é algo mais amplo: “[...] uma esfera única da relação social organizada [...]”. A língua passa a ser estudada como um produto social, fruto da interação. É destacado, então, o papel dos sujeitos (a relação entre emissor e receptor), e a relação de vozes existente na construção do sujeito. Para Bakhtin os estudos voltados para uma “enunciação monológica isolada” (BAKHTIN, 2003) não dão conta da língua. A partir dessa compreensão, nos parece que os fundamentos interacionistas são importantes para pensarmos a língua dentro da escola, nas diferentes situações de

---

<sup>3</sup> O Círculo de Bakhtin ou bakhtiniano constitui um grupo de intelectuais de diferentes formações, entre eles Bakhtin, Voloshinóve, Medvedev. Havia entre esses intelectuais uma produtividade interdisciplinar. Conforme Faraco (2009) o Círculo tem um lugar consolidado na história do pensamento linguístico “[...] o papel central que eles deram à linguagem em suas formulações e as próprias peculiaridades da filosofia da linguagem que elaboraram [...]”. São dos vários escritos do Círculo bakhtiniano que surgem a concepção de língua e o conceito de gêneros refletidos nessa dissertação.

<sup>4</sup> Bakhtin teve formação em estudos literários. Tem uma vida marcada pelo exílio no Cazaquistão. Foi professor do Instituto Pedagógico em Mordóvia.



comunicação, a língua que medeia às relações entre diretor/coordenação, pais, alunos, professores.

Língua é comunicação e, a comunicação está diretamente ligada à relação entre os sujeitos de uma comunidade, que utilizam da língua para atender aos seus objetivos comunicativos. Na visão bakhtiniana “o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas”. Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos por enquanto a legitimidade) num “dado contexto concreto. [...] Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar.” (BAKHTIN, 1997, p. 92).

Para a perspectiva de Bakhtin (1997), a relação estabelecida entre os sujeitos é o que constitui a língua. Sujeitos conscientes do uso da língua, que não são como caixas vazias, mas conhecedores, em diferentes medidas, do funcionamento dela. Conforme Bakhtin (1997) nem os sujeitos conseguem ver a língua como sistema de formas normativa, do ponto de vista do enunciador, o signo é variável e flexível. Assim, a língua não é um produto acabado, não é um sistema estável nem um depósito inerte “[...] a língua constitui um fluxo ininterrupto de atos de fala [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 92). Nesse contexto, o conceito de língua que vigora fundamenta-se nas ideias de interação, comunicação e o papel atuante dos sujeitos.

Os ideais bakhtinianos dedicam-se a algo maior que a frase: o enunciado. Para Bakhtin “[...] O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes e que termina por uma transferência da palavra para o outro [...]” (2003, p.294). Assim, conforme Brait e Melo (2013) a noção de enunciado é o pilar da concepção de linguagem no pensamento bakhtiniano.

Para Bakhtin o enunciado está relacionado diretamente a outro enunciado “[...] cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (2003, p. 291). O enunciado para Bakhtin é o meio através do qual nos comunicamos, é o vínculo completo da língua, por onde a história, a cultura e a ideologia circulam em meio às relações sociais. Sobre o enunciado Bakhtin (2003, p.282) ainda afirma:

[...] Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida [...]

Nesse sentido, em nosso estudo, alunos, professores, direção/coordenação se comunicam na escola através de enunciados que metaforicamente constituem os espelhos de cada relação dialógica entre os sujeitos nesse espaço social. Ao propor e desenvolver o conceito de língua através dos enunciados, Bakhtin inicia outro estudo importante para esta pesquisa, dentro do campo linguístico, qual seja: os estudos sobre os gêneros.

## 1.2 Gêneros discursivos: da Conversa face a face ao Facebook

As discussões sobre gêneros datam da Antiguidade. No entanto, Bakhtin, no século XX, retoma o conceito, chamando a atenção para a perspectiva adotada pelos estudiosos dos gêneros, na Antiguidade, centrada na noção artístico-literária da sua especificidade, ou seja, os gêneros nos limites da literatura e não se ressaltava que os gêneros são realizados por enunciados que se constituem no uso da língua, nas diversas situações comunicativas. Segundo Machado (2013) foi a partir de Bakhtin que a rota dos gêneros sai do campo das formações poéticas para as práticas prosaicas, ratificando a diversidade do uso da língua. Bakhtin, ao conceber a língua a partir do processo de interação, é o primeiro a definir os gêneros como “[...] tipos particulares de enunciados que se diferenciam de outros tipos de enunciados, com os quais, contudo têm em comum a natureza verbal (linguística) [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 279).

[...] O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, p.282).

Então, observa-se que ao se tratar de gêneros, estamos estudando os enunciados em todas as esferas de comunicação. Conforme Carvalho (2005) o enunciado é a unidade de ‘comunicação verbal’ e, dessa forma, o mais importante talvez não seja apenas o enunciado em si, mas o próprio ato comunicativo, “[...] atividade social, marcada pelo diálogo, pela possibilidade de interação [...]” (CARVALHO, 2005, p.132). Nesse sentido, para nossa pesquisa, podemos considerar que o *comunicado* escrito é uma consequência da essência da interação entre direção/coordenação e pais, por exemplo.

O interesse de Bakhtin pelos gêneros perpassa por muitos trabalhos do Círculo. Esses trabalhos contribuem, conforme Brait e Pistori (2012) para o aprimoramento na concepção de gênero fundada na ideia de que a língua se materializa por meio de enunciados concretos, envolvendo elementos interiores e exteriores, bem como ressaltando a noção de sujeito

histórico e socialmente situado. Dessa forma, para as autoras, quando se fala em gênero, é importante levar em conta outros conceitos como os de: “linguagem, signo ideológico, enunciado concreto, texto/discurso, relações ideológicas, forma arquitetônica (ver o texto com suas relações, não como autônomo e sim pelos seus diálogos), forças centrípetas e forças centrífugas.” (BRAIT e PISTORI, 2012, p.374 ) Isto é, estudar o gênero requer um olhar amplo, além da estrutura, buscando compreender os enunciados nos seus respectivos contextos. É por isso que Bakhtin (2003) ressalta que o estudo do enunciado e da diversidade de gêneros, nas diferentes esferas comunicativas tem importância para as áreas da linguística e da filosofia, pois significa estudar a língua de maneira interdisciplinar.

Os gêneros fazem parte das mais simples às mais complexas ações humanas e, que hoje estão mais diversificados em virtudes dos suportes tecnológicos oferecidos pela nossa sociedade. Para Marcuschi (2008), os gêneros surgem emparelhados à necessidade e atividade sociocultural e, dessa forma, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem (cultura oral, escrita e informatizada), são cartas, romances, blogs, poemas, conto, e-mail, reportagem, aviso etc., que enriquecem a comunicação. Nesse contexto de variedade, destacam-se os gêneros primários, aqueles que se realizam no contexto imediato, do cotidiano, como a conversação face a face informal. Os gêneros secundários, por outro lado, pertencem ao contexto em que há a utilização de uma linguagem mais complexa como os eloquentes discursos dos filósofos antigos, as teses e romances, por exemplo.

Gêneros primários e secundários não devem ser estudados objetivando valorizar um em detrimento do outro. Conforme Bakhtin (2003), os gêneros secundários mantêm uma relação com os gêneros primários, cada um contribui para a história do outro e para compreender a noção de enunciado e língua. Sobre este aspecto Bakhtin (2003, p.282.) afirma: “[...] A inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado, o processo histórico de formação dos gêneros secundários do outro, eis o que esclarece a natureza do enunciado”. Assim, na relação entre os alunos, no dia a dia da escola, podemos perceber, entre os muitos gêneros, o bate-papo presencial e virtual, ligados aos gêneros primários.

A distinção entre gêneros primários e secundários feita por Bakhtin (2003) auxilia compreender a gama de gêneros existentes e sua formação. Bakhtin com esta separação nos permite entender que os gêneros não são apenas os da esfera literária, mas organizam a produção da linguagem em todas as esferas, seja no dia a dia das pessoas, seja no contexto da escola, onde se circunscreve esta pesquisa.

No processo de definição de gênero, Bakhtin (2003, p.284) destaca que cada gênero é fruto de uma esfera, ou seja, cada esfera de comunicação verbal constitui gêneros específicos,

denominado por Bakhtin como “um dado tipo de enunciado relativamente estável”. Assim, em uma escola, por conta de suas características e funções há enunciados com características mais variáveis e outros menos variáveis como apresentaremos no terceiro capítulo.

Sobre a formação dos gêneros, Bakhtin (2003) ressalta que estes ultrapassam o que se chama hoje de tipologia textual<sup>5</sup>. Ao falar que o *tema*, a *composição* e o *estilo* são elementos que compõem os gêneros, Bakhtin (2003) está se referindo que cada gênero existente na sociedade, não se trata apenas de um modelo de sequencia textual, mas um produto da comunicação, refletindo a história, as relações entre locutor e receptor e os objetivos destes numa esfera.

Nesse contexto, o *tema* é definido a partir do objetivo que se pretende com o texto, é muito mais que o conteúdo, trata-se das escolhas e propósitos do falante/escritor diante do assunto abordado. Conforme Silva (2013, p. 59), o tema não é o significado, “[...] é o que há de único e irrepitível em cada enunciado concreto [...]”, ou seja, trata-se de toda situação comunicativa. A *composição* refere-se à organização/estruturação do gênero correspondente à esfera comunicativa. No caso de um comunicado podemos citar a utilização de um texto explicativo, por exemplo. A *composição* de um gênero depende também do conhecimento do falante/escritor da sua língua materna e suas regras de funcionalidade. O *estilo* constitui a forma como o tema e a *composição* são organizados no gênero, ou seja, as estratégias lexicais, semânticas e pragmáticas utilizadas pelos emissores/receptores para se comunicar. Para o *comunicado* que circula na escola, observamos o estilo de cada direção/coordenação adotado na situação comunicativa na produção do gênero. As análises que seguem nessa pesquisa sobre gêneros comunicativos na escola evidenciarão que cada escola produz um *comunicado* com estilo próprio. Sobre o estilo afirma Bakhtin (2003, p.284):

[...] De fato, o estilo linguístico ou funcional nada é senão o estilo de cada gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana da esfera que conhece seus gêneros apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos [...].

---

<sup>5</sup>Há quem defina que uma narração seja um gênero, mas Marcuschi (2008) cita que quando falamos de narração, estamos nos referindo à tipologia textual que é utilizada na composição de um gênero, a depender de seus objetivos comunicativos. Assim a narração pode estar em uma carta, música, poema etc.

Em um *comunicado*<sup>6</sup> o estilo está presente também nas saudações utilizadas pela direção/coordenação. É conhecendo sobre composição, estilo e tema que compreendemos que os gêneros são variados e podem dialogar entre si a depender da esfera comunicativa.

Segundo Bakhtin (2003, p.287) o estilo é essencial, pois “Quando há estilo, há gênero”. Para Brait e Melo (2013) o estilo também depende da relação entre o locutor e os parceiros da comunicação, mas também com as unidades temáticas determinadas e com as unidades composicionais. Assim, tema, estilo e composição estão intrinsecamente interligados.

**Figura 1:** Cartazes da Campanha de vacinação contra o HPV, do Ministério da saúde, que circulou nas escolas.



A figura acima corresponde aos cartazes publicitários de uma campanha de vacinação contra HPV, assinada pelo governo federal, circulada no ano de 2014, nas escolas e lugares públicos. Para cumprir os objetivos comunicativos, os cartazes da campanha foram compostos por múltiplas modalidades semióticas (escrita, fotos, desenhos, cores). Por trata-se de uma campanha destinada para adolescentes sobre vacinação há um cartaz que parece dialogar com os pais, em que se observa uma foto com duas mulheres abraçadas, sugerindo mãe e filha, uma cuidando da outra. O segundo cartaz utiliza imagens, cores e composições típicas do universo juvenil, travando um diálogo direto com as jovens. Os títulos parecem em cor rosa, um diálogo com o público alvo feminino.

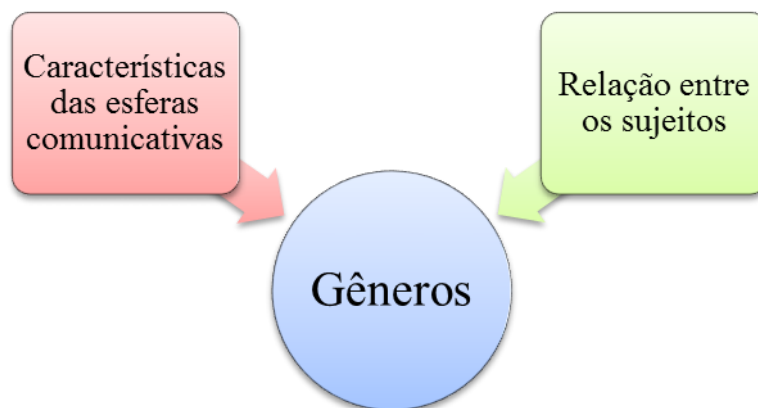
Os cartazes nos parecem bons exemplos para observarmos que ao estudar um gênero é preciso ir muito além da tipologia. Mais que isso, os processos comunicativos são o ponto de

<sup>6</sup> Adotamos ao longo da pesquisa a utilização do nome dos gêneros comunicativos das escolas em itálico analisados nesse estudo.

partida, ou seja, é preciso que se considere o tema, o estilo e a composição. Segundo Brait e Melo (2013, p. 72) “[...] Perguntas como ‘A quem se dirige o enunciado?’, ‘Como o locutor percebe e imagina seu destinatário’, ‘Qual é a força de influência do destinatário?’ ajudam, na perspectiva bakhtiniana, a compreender a composição e o estilo dos enunciados.

A partir das reflexões de Bakhtin (2003), consideramos que os gêneros são interacionais, visto que eles não são produções individuais. Conforme Marcuschi (2008, p.189) “são formas socialmente maturadas em práticas comunicativas na ação da linguagem”. Os gêneros também são entidades históricas, pois o desenvolvimento de cada gênero na sociedade depende da história. Dessa forma, os *e-mails* que circulam na comunicação entre direção e professores é a amostra da evolução histórica e tecnológica da língua. A representação gráfica, a seguir, resume a perspectiva de Bakhtin (2003) acerca dos gêneros discursivos.

**Figura 2:** Representação gráfica do conceito bakhtiniano sobre gêneros



Assim os gêneros correspondem à relação entre os sujeitos e as características entre as esferas comunicativas. Ao considerarmos a relação direta entre gêneros e esferas comunicativas, entendemos que há heterogeneidade entre os gêneros e esta heterogeneidade permite que o educador, por exemplo, tenha um recurso em mãos importante para o ensino de língua. A escola é uma esfera comunicativa onde há muitos gêneros (trabalhos dos alunos, conversa informal, *slides*, bilhete, *e-mail*, exercícios, instruções, cartazes, declarações, atestados, advertências, entre outros) distribuídos em instâncias como a sala de aula, por exemplo.

### 1.2.1 Gêneros Virtuais

As tecnologias da informação evoluíram e com ela a comunicação também. As distâncias diminuíram, e a possibilidade de um sujeito estar conectado com vários outros ao mesmo tempo é uma realidade. Com as novas tecnologias da comunicação a velocidade, a interatividade, dinamicidade determinam as marcas, estilo e a composição dos gêneros. Pertencemos à sociedade dos celulares, dos computadores. Além disso, a tecnologia permitiu agrupar em um só aparelho funções diversa, fazendo com os modos de comunicação se realizem com certa facilidade, do ponto de vista tecnológico. Um celular, por exemplo, carrega funções que antes eram restritas ao computador. O celular foi além do SMS (sistema de mensagem) para acessar as redes sociais, *e-mails*, *sites*, entre outros. Temos, assim, novos contextos comunicativos, portanto, espaços que constituem gêneros.

O bate-papo online, um espaço de destaque na esfera virtual, teve sua origem na Finlândia, em 1988, como IRC (Internet Relay Chat), um protocolo tecnológico surgido através dos estudos do finlandês Jarkko Oikarinen com objetivo de permitir o encontro entre as pessoas por meios de canais. Interessante que, durante a Guerra do Golfo, este sistema foi utilizado para divulgar notícias em tempo real. O avanço deste programa deu-se no final da década de 90 com a popularização da internet. Assim, o IRC se tornou um importante meio de conversação entre os internautas. Durante os anos este foi sendo desenvolvido, gerando diferentes salas de bate-papo, como exemplificou Marcuschi (2005, p.12):

[...] **2-bate-papo virtual em aberto (room-chat)**. (inúmeras pessoas interagindo simultaneamente)

**3-bate-papo virtual reservado (chat)** (variante dos *room-chats* do tipo (2) mas com as falas acessíveis apenas aos dois selecionados, embora vendo todos os demais em aberto).

**4-bate-papo agendado (ICQ)** (variante de (3), mas com a característica de ter sido agendado e oferecer a possibilidade demais recursos tecnológicos na recepção e envio de arquivos) [...]. (grifos do autor)

Marcuschi (2005) escreve do ponto de vista de um contexto tecnológico, onde as salas de bate-papo eram restritas aos *sites*, hoje, já podemos destacar o avanço das salas de bate-papo para os grupos criados nas redes sociais como *facebook* e *whatsaap*, em que o acesso pode ser feito por meio de celulares com tecnologia específica.

Os gêneros virtuais se diferenciam por causa do suporte. Há, por exemplo, os gêneros assíncronos e síncronos, isto é, se a comunicação é em tempo real ou não. Para alguns autores estes gêneros são considerados como novos ou são definidos como gêneros com uma nova

reconfiguração ou reestruturação. Koch & Elias (2009, p.55) nas suas definições, destacam que: “os gêneros são práticas comunicativas, resultado de um grupo e que são modeladas e remodeladas em processos interacionais dos quais participam sujeitos de uma determinada cultura.”.

Os gêneros produzidos no espaço virtual atendem aos objetivos do internauta, que busca uma comunicação dinâmica e interativa. Sobre o surgimento de gêneros na internet, Marcuschi (2005) destaca a flexibilidade da linguagem perante as mudanças sociais, culturais e essencialmente tecnológicas, mostrando assim que, através do hipertexto, *dos blogs, chats*, entre outros, o homem expressa a sua criatividade. Para Bazerman (2011) os gêneros não são formas cristalizadas no tempo, considerando o aspecto sociointerativo que envolve o texto, pois “a definição de gêneros como apenas um conjunto de traços textuais ignora o papel dos indivíduos no uso e na construção de sentido.” (BAZERMAN *apud* MARCUSCHI, 2004, p. 11).

Os gêneros mantêm uma relação histórica com outros gêneros, seja relação de um gênero primário com o secundário, ou o gênero secundário com o virtual. O que sabemos é que o gênero não é insensível às transformações sociais e tecnológicas. Hoje, as redes sociais dominam a comunicação. E para se comunicar, utilizamos de gêneros que pertencem a estas redes. Gêneros com características específicas a esfera de comunicação virtual.

Como não poderiam ser diferentes, os gêneros virtuais estão na escola, sendo utilizados pelos alunos, professores, direção/coordenação. Vejamos uma página do *Facebook* (rede social utilizada pelas duas escolas pesquisadas) e suas principais características:

**Figura 3:** Imagem da rede social *facebook*.





A Figura apresentada corresponde ao recorte da página do Facebook<sup>7</sup> da pesquisadora durante um acesso. Podemos observar que é uma página interativa, onde os gêneros se misturam. O internauta pode enviar mensagem para alguém, conversar no bate-papo. O *facebook*<sup>8</sup> é uma rede social muito utilizada no nosso país. Depois do seu surgimento há trabalhos que o consideram como gêneros e outros como suporte. Seguimos aqui a linha apresentada Rojo (2014), para quem o *facebook*, é um gênero, pois é um enunciado híbrido, caracterizado por novas ferramentas e técnicas, que permitem “ecoar novos estilos, novos temas e composições” (ROJO 2014, p.3).

Rodrigues (2005), ao pontuar sobre a existência de diversos gêneros, explica que cada gênero tem seu campo predominante de existência, onde é insubstituível e não suprime a existência do outro. Se um gênero desaparece é porque não há condições sociocomunicativas de acordo com a autora para que o gênero exista. Assim, as redes sociais não estão substituindo ou acabando com a conversa face a face, elas proporcionam outros espaços comunicativos com outros recursos tecnológicos, sendo utilizadas por milhares de pessoas desde que estas tenham acesso à internet.

Os gêneros virtuais, hoje, estão intensamente presentes nas relações sociais, na vida das pessoas, especialmente, no horizonte dos alunos que encontram na internet um espaço criativo e rápido para interagir com outros amigos ou os professores para fazer perguntas, tirar dúvidas, obter informações, entre outros. Já os professores também se utilizam dos gêneros virtuais para encaminhar trabalhos, avaliações, apostilas, entre outros. Por esta razão, esta pesquisa, que estuda os gêneros comunicativos na escola, não poderia deixar de abordar os gêneros virtuais.

### **1.3 Gêneros e o Ensino de língua**

O reflexo da perspectiva bakhtiniana sobre a língua e sobre os gêneros podem ser encontradas nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM). As orientações compreendem o ensino de Língua Portuguesa deve ser baseado nos gêneros, isto é, a concepção de língua que deve vigorar deve alinhar-se ao entendimento dos gêneros.

---

<sup>7</sup> A página citada no corpo do texto pertence à pesquisadora.

<sup>8</sup> Conforme uma pesquisa realizada pela Serasa Experian, divulgada em novembro de 2014, o facebook é a rede social que concentra mais de 90% visitas feitas pelos brasileiros. Segundo a pesquisa Hitwise, os brasileiros passaram em média 27 minutos e 13 segundos conectados ao Facebook em novembro.

Destacamos que para Bakhtin (2003) os gêneros não têm como função primária o processo de ensino e sim a comunicação. Mas, foi a partir da sua perspectiva que alguns estudiosos apontaram os gêneros como instrumento/objeto de ensino, já que cada gênero representa a língua em uso, no cotidiano. Nas OCME os gêneros discursivos são citados como recursos para uma proposta que objetiva letramentos múltiplos, e para tanto é necessário que os alunos tenham contato com os diferentes gêneros, “[...] a escola que se pretende efetivamente inclusiva e aberta à diversidade não pode ater-se ao letramento [...]” (Brasil, 2006, p29.).

Dessa forma, com as orientações curriculares, os gêneros se tornaram valiosos recursos no ensino de língua. No entanto, ressaltamos que nesse processo, alguns gêneros foram cristalizados mesmo não sendo os mais usuais na sociedade contemporânea, como a carta. Também os gêneros literários tradicionalmente levados para escola se mantêm muito presentes no ensino, muitas vezes sem considerar, de fato a perspectiva do gênero. No contexto escolar, percebemos, ainda, a valorização dos gêneros escritos em detrimento dos gêneros orais. E, durante o ensino e aprendizagem, conforme Schneuwly e Dolz et al. (2004), os gêneros perdem suas características intrínsecas, tornam-se produtos culturais da escola, com objetivo de avaliar a escrita dos educandos, ou seja, os gêneros perdem a função comunicativa para se transformar em formas puras.

Schneuwly e Dolz et al. (2004) apontam dos gêneros como “megainstrumentos”, numa perspectiva interacionista, constituído na relação dialógica entre os sujeitos “[...] o instrumento, para se tornar mediador, para se tornar transformador da atividade precisa ser apropriado pelo sujeito; ele não é eficaz senão à medida que se constroem, por parte do sujeito, os esquemas de utilização [...]” (SCHNEUWLY, 2004, p.22). Nessa razão, para o ensino de língua, o gênero precisa ser percebido em seu processo interacional.

Para Bezerra (2010, p. 42), os gêneros, no contexto de aprendizagem, constituem o desenvolvimento do letramento, já que, “Qualquer contexto social ou cultural que envolva a leitura e/ou a escrita é um evento de letramento; o que implica a existência de inúmeros gêneros textuais, culturalmente determinados, de acordo com diferentes instituições e usados em situações comunicativas reais [...]”.

Nesse sentido, é recomendável que os educandos compreendam que cada gênero tem uma função social, que a sequência textual presente naquele gênero estudado está relacionada à função comunicativa. Por muitas vezes, os educandos não sabem para quem vão escrever, qual o objetivo da escrita e, desta forma, embora a atividade didática se realize a partir de traços do gênero (se pede que um aluno escreva uma carta, um panfleto etc.), parece haver

uma espécie de esvaziamento do gênero, pois foi suprimido dele um aspecto fundamental que é a situação comunicativa. Por isso, que Schneuwly e Dolz et al. (2004) destacam a necessidade de que para ter os gêneros como instrumentos de ensino é preciso que os alunos estejam envolvidos em uma situação comunicativa, compreendendo o processo de produção e recepção dos gêneros, tornando-se os sujeitos da comunicação. A partir da compreensão da situação comunicativa, os alunos apreendem o estilo, o tema e a composição de um determinado gênero.

Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz são dois pesquisadores e professores da área de educação na França, que apoiados nas perspectivas de Bakhtin e Bronckart desenvolvem trabalhos sobre o ensino escolar de gêneros escritos e orais. Apoiando-se na perspectiva de Bronckart (2012)<sup>9</sup>, Schneuwly e Dolz et al. (2004) veem os gêneros como a materialização das práticas de linguagem, isto é, o fato de um sujeito compreender, interpretar os enunciados é através dos gêneros. Conforme estes pesquisadores, os gêneros correspondem ao elo no processo de linguagem para que as atividades de linguagem não sejam vistas como algo fragmentado. Os trabalhos de Schneuwly e Dolz, atualmente, são referências para o estudo dos gêneros na escola. Preocupados com a forma como os gêneros são utilizados, estes pesquisadores sistematizaram orientações para o ensino dos gêneros orais ou escritos, como a partir das sequências didáticas.

Schneuwly e Dolz et al. (2004) propõem uma “sistematização” do uso dos gêneros. A ideia é que se crie uma sequência a fim de que se depreenda tudo que o gênero possa oferecer (dentro do contexto escolar, ao que pretende ensinar), principalmente a questão da flexibilidade da linguagem diante das diversas situações de comunicação.

A sistematização do ensino de gênero para estes autores (2004) consiste em adotar estratégias de intervenção exercidas pelo professor a fim de que o aluno consiga desempenhar com maestria a interação com o texto. Assim, o professor poderá proporcionar condições de produções para qualquer gênero como conhecer e adaptar-se às características do contexto e do referente. No processo de aprendizagem, Schneuwly e Dolz et al. (2004, p.46) citam algumas atitudes:

1. Adaptar a escolha de gêneros e de situações de comunicação às capacidades de linguagem apresentadas pelos alunos;
2. Antecipar as transformações possíveis e as etapas que poderiam ser transpostas;
3. Simplificar a complexidade da tarefa, em função dos elementos que excedem as capacidades iniciais das crianças;

---

<sup>9</sup> Os fundamentos do sociointeracionismo.

4. Esclarecer com os alunos os objetivos limitados visados e o itinerário a percorrer para atingi-los;
5. Dar tempo suficiente para permitir as aprendizagens;
6. Ordenar as intervenções de maneira a permitir as transformações;
7. Escolher os momentos de colaboração com os outros alunos para facilitar as transformações;
8. Avaliar as transformações produzidas;

Salientamos que essas orientações são flexíveis a cada gênero e objetivo do professor. Se pensarmos diferentes, estaremos concebendo o ensino de língua fora da perspectiva interacionista.

Schneuwly e Dolz et al. (2004) abordam que os gêneros ensinados devem fazer parte do cotidiano escolar, pois estes usados de maneira correta colaboram no desenvolvimento da linguagem, os autores chamam atenção também de que o ensino não pode se restringir aos gêneros “cânones”<sup>10</sup>, mas buscar no próprio contexto escolar, gêneros que são utilizados entre alunos, professores, direção, ratificando que a mesma é um espaço comunicativo, que o texto é utilizado para representar os objetivos dos interlocutores.

Nesse sentido, muitos gêneros que circulam na escola como o *comunicado*, o ofício, o regulamento, o *convite* entre outros não são estudados dentro da sala de aula, ficam esquecidos na prática do educador, condicionando os alunos a não compreender a sua própria escola como um lugar de comunicação, ou fazendo com que os educandos não aprendam a produzir estes gêneros. Percebemos este reflexo na prática, quando muitos desses educandos, na sua condição de cidadão precisam fazer um ofício e não sabem ou na compra de um objeto deparam com um contrato e não sabem o sentido dele.

Os gêneros escolares correspondem à esfera comunicativa que é a escola, o *comunicado* utilizado pela direção/coordenação, o bilhete utilizado pelos educandos, o *e-mail* entre professores, gêneros que representam as relações entre direção e aluno, aluno e aluno etc. Dessa forma, os professores de língua poderiam ensinar os educandos a entenderem a funcionalidade destes. Saber que o ofício, por exemplo, é um gênero de estilo formal e que a linguagem utilizada corresponde a esta característica. O trabalho com os gêneros escolares perpassa muito além dos gêneros convencionais. Para Schneuwly e Dolz et al. (2004), os gêneros escolares representa o resultado o funcionamento da especificidade da comunicação escolar.

---

<sup>10</sup>Os gêneros textuais supervalorizados pelos livros didáticos.

## **2 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE INTERAÇÃO: ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

A comunicação faz parte do dia a dia do homem, nas mais simples e nas mais complexas atividades. Seja através da comunicação verbal (oral ou escrita) ou não verbal (imagética, sonora, gestual, entre outros), o homem tem a necessidade de comunicar-se com os outros. Nesta sociedade tão complexa, de múltiplas relações sociais, a comunicação é um processo social necessário entre as pessoas de diferentes culturas. É por meio da interação, em casa, na rua, na feira ou na escola que constituímos a vida.

A língua está diretamente relacionada às diferentes esferas comunicativas. O que observamos é que existem diferentes situações comunicativas e estas são organizadas pelos gêneros. Os gêneros, por sua vez, representam as características da referida esfera. Na visão de Bakhtin (2003) a interação é um dos elementos constitutivos do gênero, isto é, da língua. Nesse contexto, a escola também é um espaço comunicativo onde sujeitos múltiplos interagem entre si, nas diversas situações, utilizando dos gêneros orais, escritos ou virtuais. Compreendemos o espaço escolar como o lugar em que alunos, professores, direção/coordenação e funcionários utilizam vários enunciados a partir das relações e das instâncias em que vivem. A comunicação na escola está nas aulas, na secretaria, na cozinha, nos corredores, no mural da escola, na sala dos professores, mas também nas redes sociais e nos contratos comerciais e nos documentos que legitimam, de alguma forma, sua existência.

Considerando que desde os gêneros utilizados pelo professor (independente da disciplina) aos gêneros que medeiam às relações entre os seus, a escola é um espaço rico para o estudo dos gêneros. Sobre este aspecto Schneuwly e Dolz et al. (2004) afirmam que a escola deve ser tomada como autêntico lugar de comunicação e esta comunicação é representada também através das ocasiões de produção e recepção de textos. Destacamos que os gêneros discursivos são múltiplos na escola devido às inúmeras relações sociais e os múltiplos objetivos comunicativos. Se pensarmos em uma aula (uma instância comunicativa pertencente à esfera maior que é a escola), por exemplo, teremos, dentro dela, os gêneros dos livros didáticos (charge, mapa, gráfico, música entre outros), os gêneros utilizados pelo professor para desenvolver a aula (aula expositiva, seminário, debate), os gêneros produzidos pelos educandos como uma avaliação, um exercício etc. A escola é, então, um espaço onde as relações se desdobram e os gêneros seguem o mesmo ritmo.

A perspectiva de perceber a escola como espaço de comunicação iniciou-se com os estudos do pedagogo Célistin Freinet<sup>11</sup>. Ele que, rompendo com o ensino tradicional, compreendeu que as práticas escolares poderiam ser diferentes. Freinet está inserido no grupo de educadores da chamada Escola Nova<sup>12</sup>, uma vez que, ele permitiu aos educandos experiências ímpares como as aulas de campo. Nesse processo de ruptura com o ensino tradicional, Freinet compreendeu que a comunicação é o meio possível para desenvolver habilidades. Surgiu dele a ideia da imprensa na escola (circulação dentro da escola de jornal, folhetos), o diário de classe dos educandos bem como a correspondência, isto é, os educandos trocaram cartas entre eles, entre turmas ou entre as escolas. Consideramos, assim, que estas práticas representam um pouco das relações estabelecidas no convívio escolar.

A escola é uma comunidade dentro de uma macro esfera social que se constitui de ideologias, de relações poder e de cultura. Ressaltamos que tudo que é produzido dentro da escola reflete sua dimensão educativa que define e demarca os papéis sociais dos atores. Consideramos que a escola, num todo, é uma instituição conservadora, no que se refere às relações interpessoais com hierarquias, por exemplo. As escolas são caracterizadas também pelas ligações estabelecidas por elas com o município (escolas municipais), com o estado (escolas estaduais), com a federação (institutos federais) ou com as empresas (escolas particulares). O C1 é uma instituição que está associada à rede estadual de ensino da Bahia e o C2 é uma instituição associada à instituição privada - Associação Educacional Otávio Mangabeira (AEOM). Sobre a escola, Rojo pontua:

[...] trata-se, como indicamos, de uma instituição intermediária entre as esferas privadas/cotidianas e as públicas; mais que isso se trata, em nossa sociedade, da instituição 'ponte' entre ambas, que visando à construção de um sujeito social capaz de atuar na vida pública (cidadão) [...]"

Essas características justificam a configuração dos gêneros que circulam na escola. Assim, um aviso que circula na escola representa as relações entre os sujeitos dessa esfera, diferentemente de um aviso que circula em um escritório, por exemplo, pois cada uma das esferas constitui-se de sujeitos, história, cultura e relações ideológicas e de poder diferentes.

---

<sup>11</sup> Freinet é citado por Schneuwly e Dolz et al. (2004) no livro Gêneros orais e escritos na escola, como o colaborador no processo de utilização dos gêneros no ensino da língua.

<sup>12</sup> Movimento de renovação do ensino que tinha como princípios a autonomia dos estudantes no processo de aprendizagem.

## 2.1 Aspectos metodológicos da pesquisa

Para estudar os gêneros comunicativos na escola, baseamo-nos nos princípios da Linguística Aplicada (LA) e da Etnografia. A Linguística Aplicada procura compreender a língua nos diferentes contextos sociais, já que, conforme destaca Kleiman (1995, p.29), apoiando-se em Bakhtin, “[...] A linguagem, seja qual for sua modalidade de comunicação é por natureza, polifônica, incorporando o diálogo com vozes outras as do enunciador [...]”. E, nesse contexto, o papel do pesquisador da LA é diferente como explica Moita Lopes (1996, p.114):

O linguista aplicado, partindo de um problema com o qual as pessoas se deparam ao usar a linguagem na prática social e em um contexto de ação, procura subsídios em várias disciplinas que possam iluminar teoricamente a questão em jogo, ou seja, que possam ajudar a esclarecê-la.

A relação com as várias disciplinas comunga com a ideia de que a língua não é apenas composta pela estrutura, mas por um emaranhado de relações que passam por questões psicológicas, cognitiva, histórica, sociointeracional, didática, comunicativa etc., fazendo convergir diversas disciplinas para a compreensão do fenômeno em estudo, ou seja, a língua estudada com a contribuição dos vários olhares.

Kleiman (1998) nos ajuda ampliar as considerações sobre a Linguística Aplicada ao comentar que o objetivo dessa perspectiva não é a língua em si mesma como na visão abstrata apontada por Saussure (1973), mas a busca por compreender a língua como práticas sociais. É ver a língua a partir dos seus contextos de uso.

Para os trabalhos desenvolvidos no âmbito da LA, muitas vezes, é necessário que os procedimentos metodológicos sejam híbridos e variados. A LA propõe que as metodologias sejam flexíveis, móveis como a língua. Nesse sentido, pesquisas no contexto da LA podem utilizar instrumental típico de outras áreas como a antropologia e a sociologia que usam a etnografia. Em LA, o pesquisador pode não realizar uma etnografia, em seus moldes tradicionais<sup>13</sup>, no entanto, a pesquisa pode ter cunho etnográfico, ou seja, de cunho descritivo ao utilizar instrumentos etnográficos ou pode, ainda, o pesquisador ter um olhar etnográfico para seu campo de pesquisa, para responder as suas questões.

A palavra etnografia tem origem na Grécia (do grego *ἔθνος*, *ethno* - nação, povo e *γράφειν*, *graphein* – escrever), isto é, o registro da história e da cultura de um povo. Esse registro é um processo que exige que o pesquisador seja um bom observador. Ele demanda

<sup>13</sup> A etnografia iniciada pelos antropólogos.

que o pesquisador seja sensível à diversidade, que esteja preparado para lidar com o que não estava, previamente, estruturado, e que consiga reunir as informações necessárias à compreensão do fenômeno. É, conforme Street (2010, p. 35), um olhar investigativo. “[...] Sei que em Etnografia paramos de julgar *a priori* e buscamos uma atitude mais investigativa [...]”. Nesse contexto, para o etnográfico os métodos não podem ser rígidos e os resultados inesperados são merecedores de reflexões.

A pesquisa etnográfica sugere uma descrição das práticas sociais. A nossa pesquisa, apoiando-se nessa ideia, descreve as práticas de comunicação na escola, seja através da oralidade, da escrita ou dos recursos virtuais. É uma pesquisa que procura entender também os significados dessa comunicação entre os sujeitos. Assim, uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico não pode estar fora do contexto e não se pode compreender os espaços pesquisados como uniformes, em que os sujeitos constituem uma cultura homogênea.

Nossa pesquisa não se define como uma etnográfica propriamente, visto que no seu desenvolvimento não seguimos todos os seus princípios, porém, realizamos uma pesquisa qualitativa, interpretativista, de cunho etnográfico, a fim de fazer compreender o funcionamento dos gêneros comunicativos no espaço escolar. A escolha do instrumental etnográfico para a realização desta pesquisa se deve também ao olhar da pesquisadora como professora de Língua no C2 ao perceber que na sua prática a escola não era vista como espaço de interação e que os gêneros que circulam na escola não eram explorados nas aulas, nas turmas do Ensino Médio.

Nesse processo, os instrumentos de pesquisa são mais flexíveis e podem estabelecer diálogos. O questionário, por exemplo, deve ser realizado a partir de um olhar sensível do pesquisador (a). Brian Street (2010, p.46) ao explicar sobre pesquisa etnográfica, afirma que “[...] Investigar uma prática social não corresponde a fazer um inventário de perguntas e respostas. Assim, discutir sobre a importância das perguntas formuladas para compor determinado quadro social é uma etapa crucial para uma pesquisa [...]”, isto é, a pesquisa etnográfica exige do pesquisador uma postura diferenciada para a escolha das perguntas, a aplicação do questionário, entrevistas, visitas às escolas ou “[...] Quando se pensa em uma abordagem etnográfica, o tempo de trabalho é diferente: é preciso ir mais devagar e ouvir, descobrir o que está acontecendo, fazer algumas inferências e então, planejar [...]” (STREET, 2010, p. 46).



## 2.2 Contextos da pesquisa

Vamos apresentar os contextos de pesquisa a fim de que os dados possam ser melhor compreendidos. Cada escola que integra esse estudo apresenta-se como um mundo particular habitado por sujeitos de realidades, culturas e ideias diferentes. Nesse sentido, as escolas observadas representam duas culturas diferentes, uma vez que o Colégio Viana (C2) é uma instituição particular, atendendo desde a Educação Infantil até o Ensino Médio durante o turno matutino. Já o Colégio Estadual Professor Edgar Santos (C1) é uma escola pública que funciona nos três turnos, com turmas do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos. As duas escolas estão localizadas no centro do Município de Governador Mangabeira<sup>14</sup>, cidade do Recôncavo Baiano. As duas escolas atendem às comunidades da zona rural e urbana da cidade e das cidades circunvizinhas. Cada instituição tem uma história particular que nos faz entender também as relações sociais presentes nelas.

C1 é uma das primeiras instituições escolares do município, com mais de quarenta e cinco anos de existência (fundado no dia 14 de março de 1968). Historicamente, a escola já formou diversas gerações da cidade que tem apenas 53 anos de emancipação política. O C1 sempre foi referência em ensino na cidade e atendia a alunos desde a 5ª série ao 3º ano do Ensino Médio. Por conta de questões legislativas<sup>15</sup>, desde 2012, a escola passou a ofertar apenas o Ensino médio e a Educação de Jovens e Adultos, no eixo do Ensino Médio.

O colégio estadual (C1) é uma escola considerada de grande porte com 820 alunos, distribuídos nos três turnos, abrange o Ensino Médio e as turmas da Educação de Jovens e Adultos, nos turnos matutino, vespertino e noturno. A escola tem 35 professores (entre efetivos e estagiários), dos quais a maioria é licenciada ou estão terminando a graduação<sup>16</sup>. Possui 15 funcionários distribuídos nas funções de porteiro, merendeira, serviços gerais, auxiliar de administração. Há, também, uma coordenadora pedagógica, uma diretora e dois vice-diretores.

O Colégio Viana (C2), por sua vez, tem apenas três anos de funcionamento. Foi fundado a partir de uma associação entre professores e comunidades, tendo um caráter

---

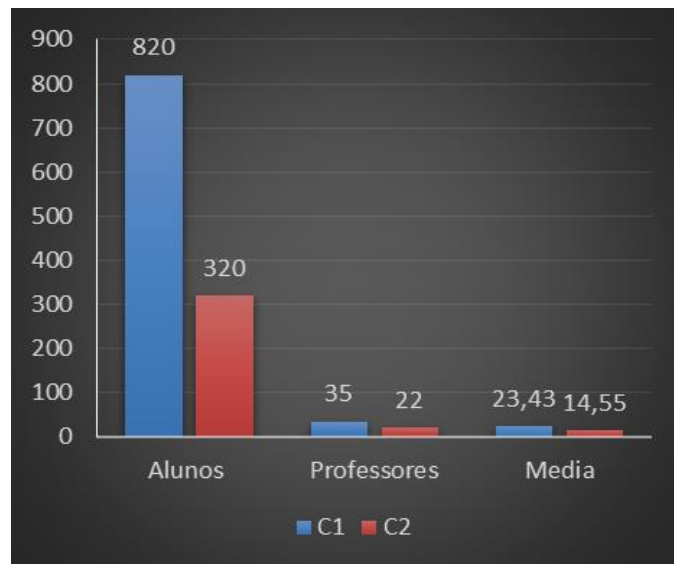
<sup>14</sup> Governador Mangabeira é um município do interior do estado da Bahia. (103 km de Salvador). Sua população estimada em 2013 era de 21.125 habitantes. Além do C1 e C2, o município tem mais vinte escolas do ensino infantil ao ensino fundamental II.

<sup>15</sup> A Lei de diretrizes e bases explica que cada instância é responsável por um nível de educação. O município é responsável pela educação infantil, fundamental I e II. O Estado responsável pelo ensino médio, ensino técnico e a federação responsável pela graduação.

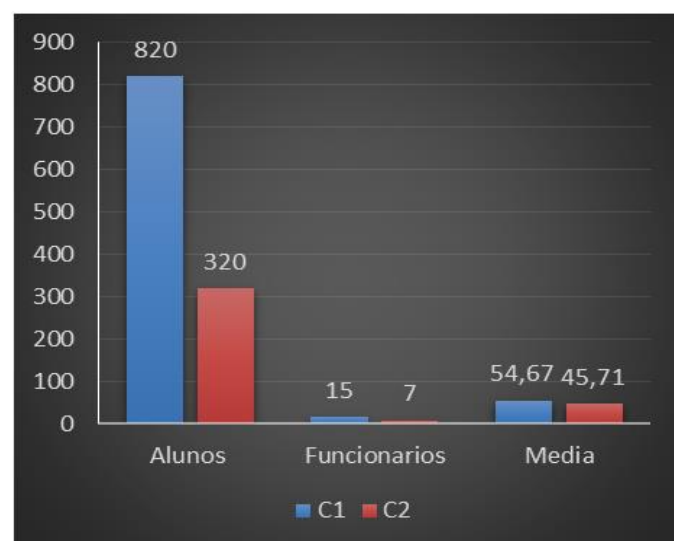
<sup>16</sup> Ainda hoje é bastante comum encontrarmos escolas, no interior da Bahia cujo corpo docente é formado majoritariamente por professor sem formação superior, o que não é o caso do colégio Estadual Professor Edgar Santos.

filantrópico, visto que o lucro é revertido para a própria escola. Assim, a Associação Educacional Otávio Mangabeira, administra a escola, sendo responsável pela eleição do diretor (a), contratação de funcionário, políticas salariais entre outros. A escola possui 22 professores da Educação Infantil ao Ensino Médio (todos graduados ou cursando), 7 funcionários entre os quais porteiro, merendeira, serviço gerais, auxiliar de administrativa, uma coordenadora pedagógica, um diretor e uma gerente-administrativo. Com 320 alunos, o C2 é uma escola nova na região, mas respeitada por seguir os ideais da escola anterior que existia no mesmo espaço físico<sup>17</sup>. Por conta do pequeno número de alunos, a escola funciona somente no turno matutino.

**Figura 4:** Gráfico com a média de alunos por professor.



**Figura 5:** Gráfico com a média de alunos por funcionário.



<sup>17</sup> Antes da existência do C2, havia uma escola também de caráter filantrópica integrada a uma rede nacional que oferecia do maternal ao ensino médio. A rede por questões econômicas fechou a escola, alugando o espaço tempos depois à Associação, que manteve a maior parte do grupo de professores e funcionários.

Observamos a partir dos gráficos as diferenças entre a instituição privada e pública. Enquanto no C1 há em média 24 alunos para cada professor, no C2 são aproximadamente 15 alunos para cada professor. Para a relação entre aluno e funcionário, percebemos que no C1 há mais alunos para cada funcionário do que o C2. Essas diferenças revelam um pouco a realidade de cada escola, uma vez que a demanda de alunos do C1 é maior que a do C2.

A escolha dessas duas instituições de ensino para integrar este estudo, está relacionada primeiramente ao fato de serem abertas à pesquisa. São escolas que acolhem a realização de pesquisa de campo ou estágio supervisionado. Durante todo o processo, desde a solicitação para a realização da pesquisa até o final, a pesquisadora foi bem quista por todos (alunos, professores, direção, funcionários), o que favoreceu a coleta dos dados. Outro fator importante diz respeito ao fato de, tanto no C1 quanto no C2, os professores também buscam esta aproximação entre a Academia e a escola. Alguns dos professores são mestrandos ou mestres, especialistas e consideram importante a realização de pesquisa bem como entendem que a escola deve estar aberta à comunidade.

### **2.3 Os sujeitos da comunicação nas escolas**

Destacamos nessa seção o perfil geral dos sujeitos participantes da pesquisa. Essas informações foram obtidas a partir das visitas, recolhimento de documentos, conversas e entrevistas com alunos, professor, direção/coordenação das duas escolas.

#### *2.3.1 Perfil dos alunos*

“Aluno é aluno em qualquer lugar.” Se seguissemos, à risca, esta máxima poderíamos afirmar, neste trabalho, que os sujeitos envolvidos são iguais e, portanto, estaríamos pesquisando uma comunicação homogênea. Contudo, considerando que a pesquisa foi realizada em duas instituições diferentes, os alunos que colaboraram com os questionários e entrevistas formam grupos heterogêneos, representando seus mundos e culturas particulares. A fim de caracterizar os alunos de cada instituição, apresentamos as tabelas abaixo que sintetizam o perfil geral do grupo.

**Tabela 1:** Síntese do perfil dos alunos do C1, participantes da pesquisa.<sup>18</sup>

<b>Faixa etária</b>	<b>Localização</b>	<b>Condição social</b>
Entre 14 a 40 anos	Zona rural e zona urbana	Classe baixa e média baixa

**Tabela 2:** Síntese do perfil dos alunos do C2, participantes da pesquisa.

<b>Faixa etária</b>	<b>Localização</b>	<b>Condição social</b>
Entre 14 a 19 anos	Zona urbana e zona rural	Classe baixa (bolsistas) Classe média

As tabelas apresentam que o perfil geral dos alunos do C1 constitui um grupo maior de alunos, com realidade econômica e social diferente dos alunos do C2.

Percebemos que os alunos externam no convívio escolar a cultura da sua comunidade e do seu grupo. Encontramos alunos com e sem acesso à internet (por questões econômicas e sociais). A internet faz parte do mundo desses alunos em momentos diferentes. Mesmo alguns alunos que não têm acesso à internet em casa, o colégio estadual, por exemplo, permite, nos horários vagos, que os alunos acessem, na sala de informática da escola, bem como entendemos que o acesso à internet, hoje, já foi facilitado pelas redes móveis de telefonia.

Nos dois colégios observamos alunos utilizando celular, tablets, ouvindo músicas, usando as redes sociais para se comunicar. Em um dos dias de visita, os alunos tiravam fotos do mural, visto que a direção tinha disponibilizado o novo horário das aulas. Assim, observou-se o uso da tecnologia para a comunicação entre os alunos. A imagem a seguir representa um dos usos do celular citado neste trabalho.

<sup>18</sup> A faixa etária do C1 abrange toda escola.

**Figura 6:** Aluna fotografando o horário disponibilizado pela direção.



Embora não tenha sido o foco da pesquisa, não verificamos o uso ostensivo das tecnologias da comunicação entre os alunos do EJA (Ensino de Jovens e Adultos). Durante duas visitas que realizamos no período noturno (a fim de analisar de forma geral a comunicação no C1), observamos que tanto a direção quanto professores comunicam-se através dos gêneros orais com os alunos do noturno.

### *2.3.2 Perfil das professoras*

As professoras que fizeram parte da pesquisa são licenciadas em Letras. No C1 participaram, respondendo ao questionário e realizando as entrevistas, as professoras ER (39 anos) e VS (28 anos). ER é mestre pela Universidade Estadual de Feira de Santana e leciona há mais de vinte anos. VS tem cinco anos de exercício em sala de aula e especialização na área de Educação.

No C2 participaram as professoras CB (38 anos) e LS (24 anos). CB leciona há cinco anos na rede pública e três anos na rede particular, ela tem especialização em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal da Bahia. LS está em início de carreira e está no terceiro ano de trabalho no C2 e não tem pós-graduação. Ressaltamos que todas as

professoras participam ativamente das redes sociais das escolas, fazem parte de grupo de bate-papo com alunos e outros professores.

### 2.3.3 Perfil da direção/coordenação

Os diretores e a coordenação das duas escolas são licenciados. A diretora do C1, RS, é formada em geografia, o diretor do C2, JA, é licenciado em matemática. A coordenadora, VA, é formada em pedagogia, possui especialização em psicopedagogia e trabalha nos dois colégios pesquisados na coordenação. Eles também participam ativamente das redes sociais de suas respectivas escolas. RS administra o *facebook* da escola e VA atualiza a página do C2.

## 2.4 Conjunto de dados da pesquisa

Considerados os contextos onde este estudo se realizou e os sujeitos, queremos, nesta seção, apresentar, de forma global, os dados da pesquisa, compostos por visitas de observação do campo, questionários, entrevistas, acompanhamento das redes sociais, a fim de alcançar os objetivos propostos, relativos à compreensão dos usos dos gêneros comunicativos no contexto escolar e suas relações com o ensino da língua. Apresentaremos, então, cada um desses instrumentos e os resultados mais gerais obtidos a partir de cada um.

### 2.4.1 As visitas

Realizar uma pesquisa que ultrapassa os muros da Academia é percorrer caminhos desafiadores para desvendar realidades até então pouco conhecidas aos olhos da ciência. Assim, foi preciso, desde o início, entender que os lugares que escolhemos pesquisar, os sujeitos envolvidos e o objeto de estudo merecem o respeito de quem investiga. O verdadeiro processo de pesquisa que reside em conhecer. E este momento da pesquisa não pode ser demarcado por rotulações ou pela procura de respostas prontas.

A escola é um espaço dinâmico e para penetrar nas especificidades da comunicação que existe nesse lugar foi preciso adotar instrumentos diversificados. Dessa forma, as visitas compuseram as observações da pesquisa e também realizamos a coleta de documentos como modelos de *comunicados* e registros fotográficos de cenas escolares. Na ocasião das visitas também se realizou pequenas entrevistas, quando flagramos situações comunicativas específicas, importantes de serem consideradas neste estudo.

Inicialmente foi feita a visita às escolas para apresentar a proposta de pesquisa. A partir do aceite<sup>19</sup>, produzimos uma autorização, a fim de que a pesquisadora tivesse livre acesso à escola, nos dias de pesquisa. A cada visita às escolas era escrito uma espécie de diário de campo no qual foram descritos os contextos observados e registradas as impressões da pesquisadora em relação às escolas. Nas visitas, a pesquisadora interagiu com alunos, professores, funcionários e direção/coordenação, conversando sobre os gêneros comunicativos encontrados, para compreender seus modos específicos de uso. As observações registradas nas visitas evidenciaram a necessidade da aplicação do questionário e da realização de entrevistas para garantir a triangulação dos dados de diferentes fontes, a fim de melhor compreender o funcionamento dos gêneros comunicativos nas escolas.

A adoção dessa metodologia se deve ao enfoque interpretativo da pesquisa, porque o objetivo central não é o controle do objeto como se faz em outros tipos de pesquisas, mas conforme Gómez (2008) busca-se a compreensão dos processos, dos fenômenos de maneira reflexiva, rica e eficaz, neste caso à compreensão da comunicação nas escolas.

Ao longo da pesquisa foram realizadas dez visitas ao C1 (entre o final de 2013 e durante o ano de 2014) e como a pesquisadora trabalha no C2, a presença constante na instituição proporcionou observações sobre a comunicação na escola<sup>20</sup>. As visitas duravam em média uma hora, momento em que realizávamos as observações, fotografávamos o mural, as paredes de cada escola, anotávamos detalhes sobre os alunos, professores em momentos diferentes como no período da matrícula. Nesse período, por exemplo, verificamos que o contexto cultural de cada escola demarcava a comunicação e, por conseguinte, a utilização de gêneros específicos como no período da matrícula e o no início e no final do ano letivo. Momentos em que a escola desenvolve atividades específicas, como a matrícula, por exemplo.

Enquanto no C1 havia apenas um anúncio de uma pequena loja de materiais escolares no mural da escola, no C2, o mural e as paredes estavam cheios de cartazes grandes de propagandas da empresa do material pedagógico que a escola adota. No mural do C1 não havia nenhum informativo sobre período de matrícula. Para as matrículas (conforme a direção), a escola utiliza uma carta<sup>21</sup> e mensagens de SMS, carro de mensagem ou ligações para os pais, a fim de que estes confirmem a matrícula dos filhos. Essas medidas comunicativas condizem com a realidade da escola em que os pais nesse período (mês de

---

<sup>19</sup> Ver em anexo o Termo de Consentimento das escolas.

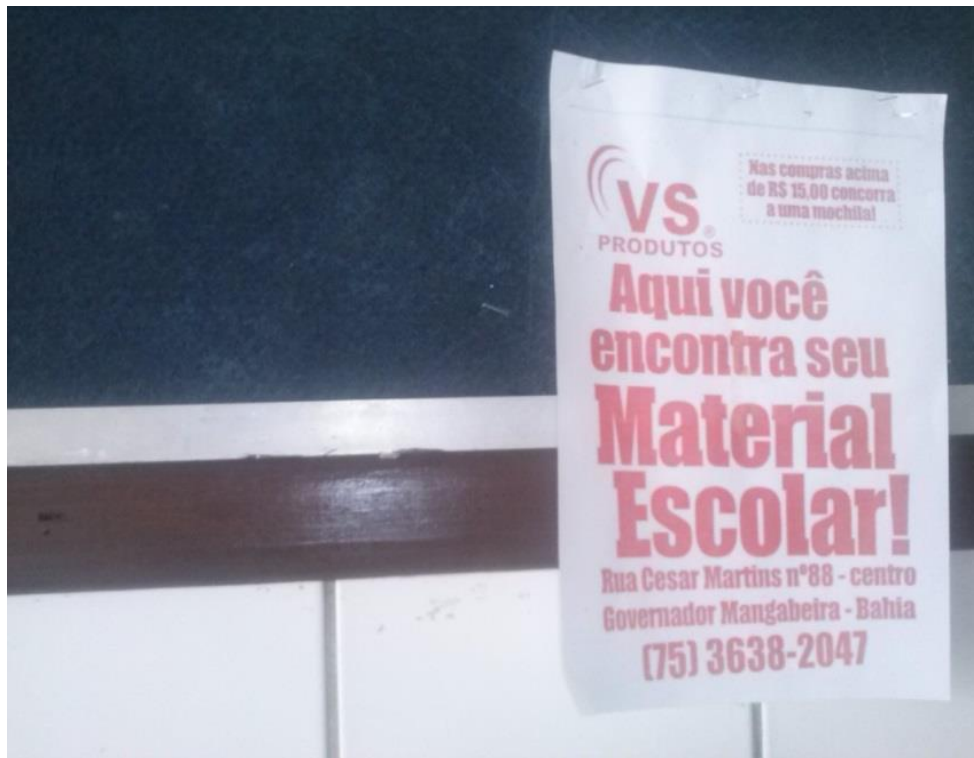
<sup>20</sup> Ressaltamos que mesmo a pesquisadora já estando na escola foram necessárias visitas no turno oposto (cinco) da escola para uma melhor análise.

<sup>21</sup> A carta matrícula os alunos recebem antes de terminar o ano letivo para que os pais possam reservar as vagas para o ano seguinte. Caso os alunos não devolvam a carta no período solicitado, a escola envia uma mensagem de texto para os pais ou responsáveis.

janeiro) não frequentam a unidade escolar, porque a maioria é da zona rural e precisa de transporte para chegar até a cidade.<sup>22</sup>

Já no C2, por ser uma instituição em que os pais vão diretamente negociar o processo de matrícula, vão conhecer o espaço escolar, observam-se práticas comunicativas bem diferentes. As imagens a seguir apresentam a diferença dos espaços pesquisados que têm culturas específicas e, para tanto, utilizam-se de gêneros diferentes para atender aos seus respectivos objetivos comunicativos. Enquanto um único anúncio compunha o mural do colégio estadual (em que os alunos não precisam comprar livros), o mural do colégio privado apresenta um cartaz publicitário mais eloquente e chamativo para atender às demandas de concorrência de mercado.

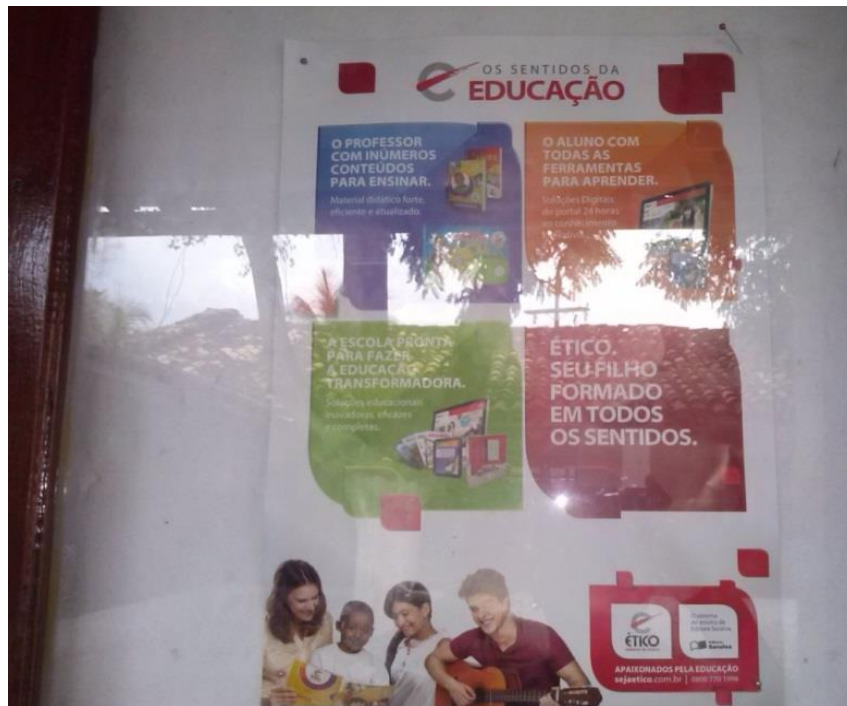
**Figura 7:** Propaganda exposta no mural do C1



<sup>22</sup> O acesso à zona urbana pelos pais é facilitado pelo transporte escolar durante o ano letivo. Quando termina o ano letivo, os pais/responsáveis têm que pagar um transporte particular para se dirigir ao C1.



**Figura 8:** Propaganda exposta no mural do C2



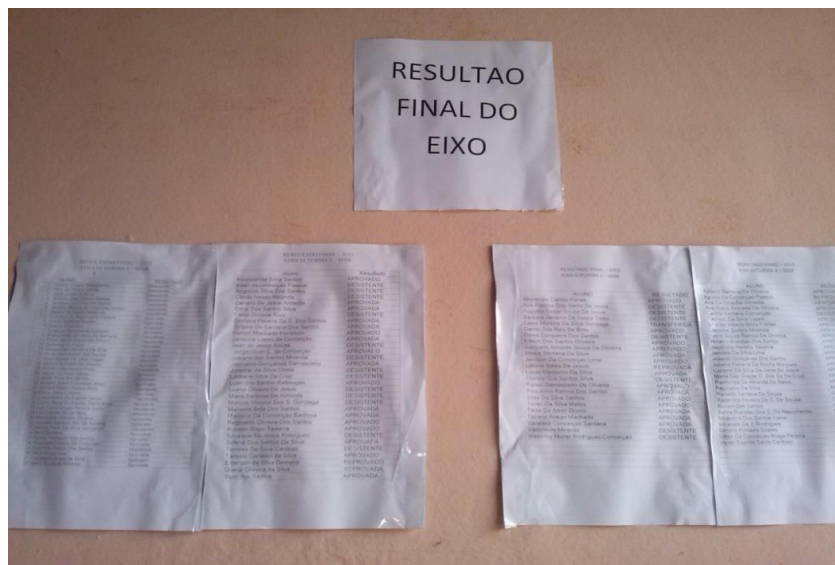
Além da propaganda do material didático utilizado no C2, observamos, também no mural, a presença do edital de seleção de bolsistas bem como orientações para a matrícula de alunos não bolsistas. No período de matrícula, o C2 expõe, no mural, fotos de eventos realizados durante o ano letivo, mais uma forma da instituição conquistar o apreço dos pais pelo trabalho realizado. O mural, então torna-se o suporte para os gêneros publicitários.

**Figura 9:** Mural do C2 no período da matrícula.



No período das recuperações e resultado final de desempenho dos alunos, no final do ano letivo (2013), a comunicação era mediada por gêneros como listas de assuntos para recuperação, lista de alunos aprovados e reprovados nas disciplinas, horário de recuperação expostos tanto no mural quanto nas paredes ou portões das duas escolas. As imagens a seguir são exemplos desses *comunicados* com os resultados finais e recuperação nas duas escolas. Registramos através de fotos os gêneros que circulam nas escolas, nesse momento específico.

**Figura 10:** Lista de alunos aprovados C1.

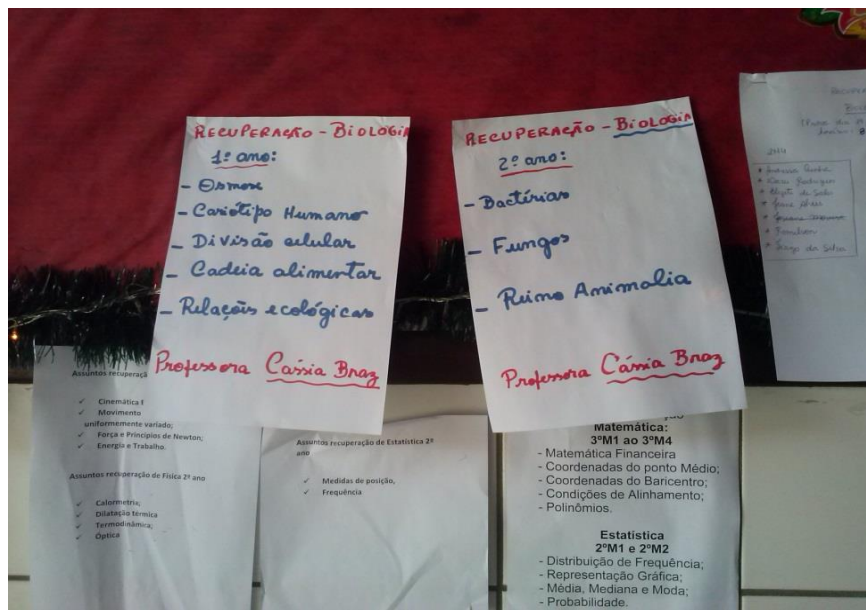


Nesse período de visita verificamos que o mural, as paredes perto da direção tornam-se os locais mais visitados da escola. Os alunos ficam ansiosos pela divulgação dos resultados. A cada nova lista anexada, o mural ganhava um grupo de alunos para observá-la, principalmente quando se tratavam dos resultados das disciplinas de exatas.

**Figura 11:** Mural do C1 no período do final do ano.



**Figura 12:** Lista de conteúdos para as provas finais.



Um fato curioso durante as observações foi perceber que na tentativa de alcançar os alunos em todos os espaços, a escola utiliza os portões como suporte para divulgar informações. Conforme a direção do C1, a ideia partiu de uma das professoras de matemática da escola, já que o mural fica cheio de informações e os alunos acabam confundindo-as. Então, ela escolheu o portão que é um espaço frequentado pelos alunos na chegada, momento do intervalo e na saída.

**Figura 13:** Portão do C1 como suporte.



Assim, aos visitarmos as escolas, no final do ano letivo, período em que a comunicação entre alunos, direção e professores é essencial, pois os alunos precisam saber sobre os resultados, paredes e portões se transformam em suportes, pois o espaço do mural, que muitas vezes fica vazio, torna-se insuficiente para divulgar calendário de recuperações, lista de assuntos, notas etc.

Sobre os diferentes suportes e suas relações com os gêneros, Marcuschi (2008, p.182) afirma que o suporte é: “... um lócus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado”. Então, pode-se dizer sobre o suporte de um gênero que é um lugar (físico ou virtual); tem formato específico e serve para fixar e mostrar o texto.

Durante a visita, neste dia que fotografamos, verificamos também o conteúdo e o estilo dos comunicados que circulam no portão. Dessa forma, nos portões e nas paredes circulam gêneros de composição mais simples e objetiva como os *avisos*, apresentando informações práticas. O portão do C1 (foto acima) divulgava a data do resultado final, em uma folha, que não tem um título e nem quem enuncia. No mesmo espaço, a professora de matemática divulgava a lista dos assuntos da recuperação final para as turmas do segundo e terceiro anos. No portão, as listas estão na parte superior. Observamos que a professora utiliza um título (Assuntos para recuperação), destaca o nome da disciplina e as séries com letras em negrito e enumera os assuntos para prova. No final do enunciado há a sua assinatura. Do lado da lista de matemática há outra lista de assuntos para a recuperação de História. O enunciado também tem um título, uma mensagem do professor sobre o dia e o horário da recuperação e os assuntos enumerados.

O portão do C2, por sua vez, apresentava um aviso (mal fixado), informando sobre datas e horários dos resultados, com letras destacadas pelo tamanho e negrito e no final a assinatura da direção como a figura, a seguir, representa.



**Figura 14:** Portão do C2 como suporte para um aviso.



Ao lado do portão, na parede esquerda da entrada, encontrava-se um *comunicado* que no topo há o símbolo, o nome do colégio e o ano, depois vem o assunto, com letras destacadas em tamanho e uso de negrito. Depois do título, a escola indica as turmas e disciplinas que sofreram mudanças. Logo abaixo a direção/coordenação retoma a informação do comunicado, desta vez, em forma de tabela.

**Figura 15:** Aviso de mudança e Horário de avaliações do C2.

COLÉGIO VIANA - 2013

**ALTERAÇÃO NA ESCALA DE AVALIAÇÃO FINAL**

ENSINO FUNDAMENTAL II:

11/12 – QUARTA-FEIRA: GEOGRAFIA / FILOSOFIA

13/12 -SEXTA-FEIRA: CIÊNCIAS / ARTE

A DIREÇÃO / COORDENAÇÃO

ENSINO FUNDAMENTAL - 6º ao 9º ANO

ESCALA DE RECUPERAÇÃO FINAL

DATA	08/12 SEGUNDA-FEIRA	09/12 TERÇA-FEIRA	11/12 QUARTA-FEIRA	12/12 QUINTA-FEIRA	13/12 SEXTA-FEIRA
DISCIPLINAS	MATEMÁTICA	PORTUGUÊS	GEOGRAFIA	HISTÓRIA	CIÊNCIAS
	REDAÇÃO	INGLÊS	FILOSOFIA	ESPAHOL	ARTE

COLÉGIO VIANA: O seu futuro começa aqui!

A tabela sintetiza a escala de recuperação, incluindo e contemplando a informação dada na primeira folha. O enunciado é encerrado com a frase “bordão”, utilizada nas propagandas do colégio.

Consideramos, assim, que as duas escolas têm espaços ímpares, com usos específicos dos gêneros no processo de comunicação a depender de cada interlocutor, embora adotem, em muitos aspectos, medidas comunicativas semelhantes, como a utilização do portão como suporte para ampla divulgação de informações de interesses dos alunos. Os contextos são diferentes, pois as relações nas escolas constituem-se de sujeitos diferentes. As relações entre direção/comunidade são diferentes nos dois contextos.

#### *2.4.2 Aplicação dos questionários*

A aplicação dos questionários objetivou o levantamento de dados que permitissem conhecer melhor a comunicação na escola, envolvendo sujeitos com funções diferentes. Construímos um questionário para cada grupo de sujeitos (alunos, professores e direção/coordenação). O questionário dos alunos continha doze questões entre objetivas e subjetivas. No primeiro bloco das questões, as perguntas foram direcionadas para comunicação entre direção e alunos e como se dava esse processo comunicativo. No segundo bloco, com o intuito de compreender melhor a comunicação, a partir do olhar dos alunos, questionamos sobre quais gêneros são utilizados na comunicação, se os alunos acessavam as redes sociais da escola, como era a comunicação com os professores. Seguem abaixo as perguntas.

<p>1. A direção da sua escola se comunica diretamente com você?  <input type="checkbox"/> sim  <input type="checkbox"/> não</p> <p>2. Se a direção se comunica contigo, quais recursos ela utiliza?  <input type="checkbox"/> memorando  <input type="checkbox"/> bilhete  <input type="checkbox"/> ofício  <input type="checkbox"/> recado transmitido oralmente  <input type="checkbox"/> redes sociais  <input type="checkbox"/> site  <input type="checkbox"/> (...) outros –[...]</p> <p>Com que frequência a direção da escola se comunica com você através de mensagens escritas?  <input type="checkbox"/> sempre  <input type="checkbox"/> poucas vezes – em quais situações?  <hr/> <input type="checkbox"/> nunca</p> <p>4. Quando a direção/coordenação quer se comunicar com você, quais recursos são utilizados?</p>
--

5. Há site da escola?  
 sim  
 não

6. Se há site, você utiliza, visita esta página? Com que frequência? Considera importante? Justifique.

7. Com que frequência o site é atualizado?  
 sempre  
 poucas vezes – em quais situações?  
 \_\_\_\_\_  
 nunca

8. Há rede social da escola como facebook/ instagan?  
 sim  
 não

9. Se há rede social, você utiliza, visita esta página? Com que frequência? Considera importante? Justifique.

10. Há mural na escola? Se sim, o que costuma ser afixado nele?  
 notas dos alunos  
 reportagens do cotidiano  
 recados da direção para os alunos  
 trabalhos dos alunos  
 mensagens de professores para os alunos  
 mensagens dos alunos para a direção  
 mensagens do alunos para a coordenação  
 mensagens dos alunos para os professores  
 outros.  
 Quais \_\_\_\_\_

11. E os professores, o que eles utilizam para se comunicar com você?  
 memorando  
 bilhete  
 comunicado impresso  
 ofício  
 recado transmitido oralmente  
 redes sociais  
 site  
 (...) outros - \_\_\_\_\_

12. E vocês, o que utilizam para se comunicar com seus colegas de escola, com os professores, a direção/coordenação?

Ressaltamos que antes das perguntas havia, no questionário, de cada sujeito participante, o cabeçalho da Universidade Federal da Bahia e um pequeno texto apresentado os objetivos da pesquisa e que o participante não seria prejudicado.

No C1 foram aplicados questionários com 10 alunos de cada turma do 1º ao 3º do Ensino Médio (EM), nos turnos matutino e vespertino. Ao todo participaram 60 alunos<sup>23</sup>. Como o C2 só funciona pela manhã e tem um número menor de alunos, os questionários foram aplicados com quinze alunos das turmas do EM e, dessa forma, não teríamos um número tão desproporcional entre as escolas. No C2 45 alunos responderam ao questionário.

<sup>23</sup> Ressaltamos que visitamos o C1 no turno da noite para também compreendermos a utilização dos gêneros comunicativos no turno da noite. No entanto, não aplicamos os questionários porque não teríamos dados para comparar com outro colégio que só funciona no matutino. Além disso, teríamos uma desproporcionalidade indesejada no processo de coleta de dados entre as duas escolas.

A aplicação do questionário com os alunos se deu em dois dias em cada escola. No C1, fomos às salas do EM, indicadas pelo auxiliar administrativo, fizemos o convite aos alunos para a participação na pesquisa e retiramos da sala aqueles que desejaram participar. Os alunos responderam ao questionário em uma sala separada pela direção do C1 com a presença da pesquisadora. No C2, a pesquisadora também apresentou a proposta da pesquisa aos alunos. Com ajuda do professor que estava na sala, separamos os alunos que desejaram responder ao questionário. No momento final da aula houve a aplicação do questionário com a presença da pesquisadora. Ressaltamos que antes dos alunos responderem, a pesquisadora se apresentou e explicou o objetivo da pesquisa. Foi um momento tranquilo e participativo. Alguns alunos tiveram dúvidas no preenchimento do questionário como: *O que é um memorando?* As dúvidas eram esclarecidas e eles continuavam a responder.

Para os professores, o questionário tinha onze perguntas (objetivas e subjetivas), a fim de conseguirmos mais detalhes acerca da comunicação na escola. Das 11 questões, quatro eram objetivas (a fim de saber se há comunicação entre direção e professor) e sete questões subjetivas, as quais detalhavam a comunicação e a utilização dos gêneros na prática do professor como se pode observar abaixo.

- |  |
|--|
| <p>1. A direção da sua escola se comunica diretamente com você?<br/> <input type="checkbox"/> sim<br/> <input type="checkbox"/> não</p> <p>2. Se a direção se comunica contigo, quais recursos ela utiliza?<br/> <input type="checkbox"/> memorando<br/> <input type="checkbox"/> bilhete<br/> <input type="checkbox"/> ofício<br/> <input type="checkbox"/> recado transmitido oralmente<br/> <input type="checkbox"/> redes sociais<br/> <input type="checkbox"/> site<br/> <input type="checkbox"/> outros -</p> <p>3. Com que frequência a direção da escola se comunica com você através de mensagens escritas?<br/> <input type="checkbox"/> sempre<br/> <input type="checkbox"/> poucas vezes – em quais situações?<br/> <input type="checkbox"/> nunca</p> <p>4. Com que frequência a direção da escola se comunica com você através de mensagens orais?<br/> <input type="checkbox"/> sempre<br/> <input type="checkbox"/> poucas vezes – em quais situações?<br/> <input type="checkbox"/> nunca</p> <p>5. Quando a direção quer se comunicar com vocês, quais recursos são utilizados?</p> <p>6. Como você se comunica com alunos?<br/> <input type="checkbox"/> memorando<br/> <input type="checkbox"/> bilhete<br/> <input type="checkbox"/> recado transmitido oralmente<br/> <input type="checkbox"/> redes sociais<br/> <input type="checkbox"/> site<br/> <input type="checkbox"/> outros -</p> <p>7. Como você se comunica com os pais dos alunos?</p> |
|--|



8. Como você se comunica com os alunos para designar tarefas, trabalhos, avaliações?
9. Na sua prática, você já teve a oportunidade de ensinar aos alunos produzirem algum texto como comunicado, memorando, convite? Se sim, qual a importância deste momento.
10. Você utiliza os gêneros textuais na sua prática? Se sim, quais são os mais recorrente? Justifique.
11. Se você não utiliza gêneros textuais, como se dá o processo de ensino da leitura e da escrita?

Convidamos quatro professoras (duas de cada escola) que ensinam nas turmas dos alunos que participaram da pesquisa. Elas receberam o questionário em mãos. As docentes do C1 devolveram o questionário por *e-mail* (em razão da dinâmica de aulas na escola, as professoras preferiram responder em um horário) e as do C2 devolveram a versão impressa na mão da pesquisadora (responderam também fora da escola). Todas devolveram o questionário depois de um prazo de oito dias.

A direção/coordenação preencheu um questionário com seis questões, sendo todas subjetivas, objetivando compreender como é a comunicação com os professores, funcionários, pais e alunos. Seguem as questões utilizadas.

1. Quais formas a escola utiliza para se comunicar com os alunos?
2. Quais formas a escola utiliza para se comunicar com os pais/comunidade?
3. Quais formas a escola utiliza para se comunicar com os professores?
4. Quais formas a escola utiliza para se comunicar com os funcionários?
5. Há site, rede social da escola? Se há, quem administra estas páginas? Qual a importância destes para escola?
6. Quem é responsável pelo mural da escola? Qual a importância dele?

O questionário da direção/ coordenação foi respondido pela diretora do C1, no horário de visita, momento que ela explicava melhor as relações dentro da escola. No C2, foi a coordenadora pedagógica quem respondeu ao questionário, pela direção considerar que é a coordenação pedagógica quem sempre analisa os comunicados, os ofícios antes de ir para mãos do receptor. Salientamos que no C2 há uma parceria entre direção e coordenação na construção dos comunicados, ofícios.

### 2.4.3 Entrevistas

O conjunto de dados deste estudo também de compõem por entrevistas realizadas com professores e alunos. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio. Inicialmente os participantes se sentiram tímidos, mas assim que eram acionados temas relacionados à vida escolar e de que nenhum dado pessoal deles seria revelado, todos contribuíram.

Realizamos entrevistas com seis alunos, sendo três do C1 (turno matutino e vespertino) e três do C2, alunos do Ensino Médio. A escolha desses alunos contou com a ajuda da diretora do C1, com as professoras do C2 e com a pesquisadora. Fomos às salas e fizemos o convite para entrevista, aqueles que se dispuseram, realizamos a entrevista na escola, em uma sala separada (um aluno por vez). Entrevistamos também quatro professoras de Língua Portuguesa, duas de cada escola (as mesmas que responderam o questionário). As entrevistas com as professoras do C1 foram realizadas no turno oposto de trabalho delas (noite), separadamente, na sala de leitura da escola. As professoras do C2 foram entrevistadas, depois que elas terminaram suas aulas.

As perguntas para as respectivas entrevistas foram semiestruturadas, mas no decorrer da conversa os participantes se sentiram a vontade para falar sobre os processos comunicativos. Utilizamos perguntas que esclarecessem melhor a comunicação na escola e se havia a utilização dos gêneros comunicativos na prática dos professores. Apresentamos a seguir as perguntas-base utilizadas na entrevista:

Para os alunos:

- A direção se comunica com você? Se sim, o que ela utiliza?
- Já houve na aula de Língua Portuguesa o trabalho com o ofício, o comunicado escrito, o e-mail, as redes sociais?
- Quais gêneros a professora usa para a leitura em sala de aula?
- Quais gêneros a professora usa para a escrita em sala de aula?
- Há diferença entre o comunicado oral e o comunicado escrito?

Para os professores:

- Professora, verificamos que há gêneros que circulam na escola como atestado, e-mail, comunicado escrito, comunicado oral, declaração, ficha de matrícula e redes sociais que medeiam às relações entre os sujeitos da escola. Já houve em sua prática a utilização de algum desses gêneros? Se sim, como ocorreu?

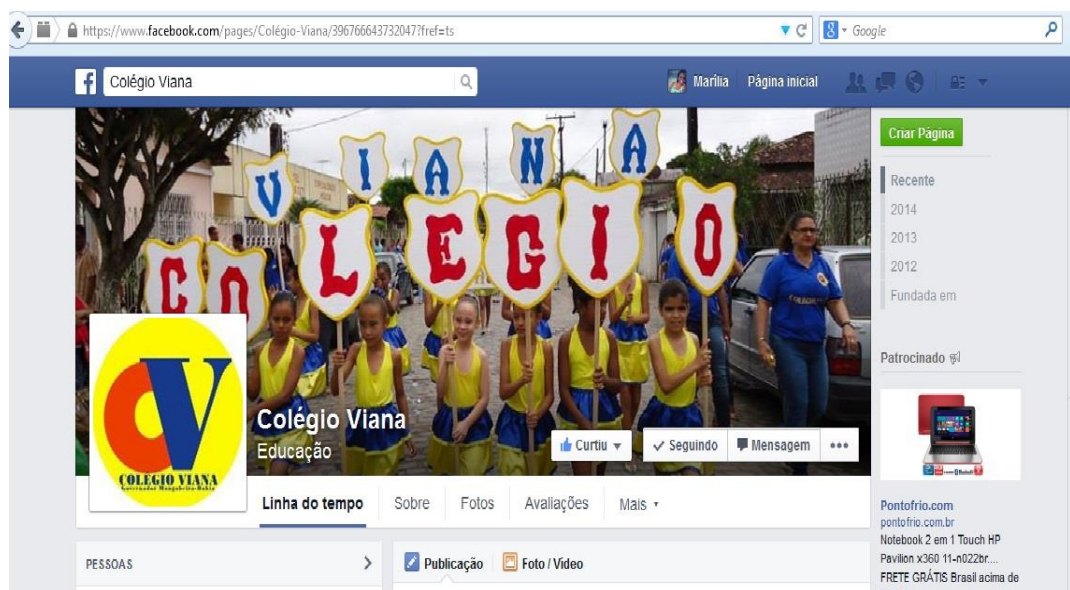
- Se não, por quê?
- Quais gêneros, a senhora utiliza, na sua prática, no ensino de leitura e escrita?
- Qual a importância de utilizar os gêneros nas aulas de língua?

Destacamos que com a direção/coordenação não realizamos a entrevista nos mesmos moldes dos professores e alunos. Durante as visitas, no recolhimento dos documentos que compõem os dados dessa pesquisa, fazíamos pequenas entrevistas, no entanto registrávamos no caderno.

#### 2.4.4 Acompanhamento das redes sociais e site

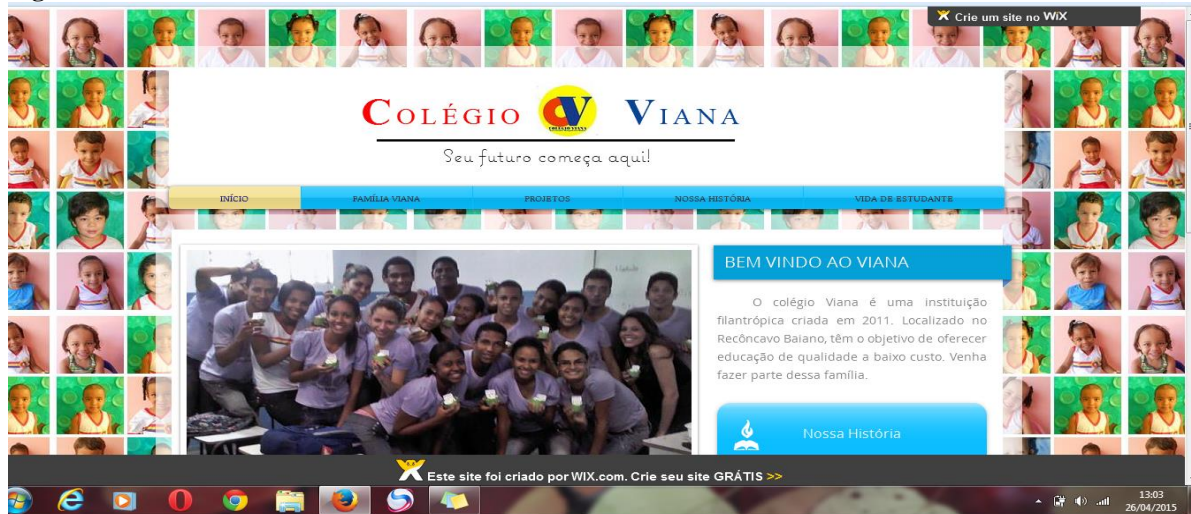
Compreendendo que as redes sociais e os sites são veículos de comunicação entre escola e comunidade, de modo geral, interna e externa à escola, adotamos também como estratégia de pesquisa o acompanhamento dessas páginas das escolas. Para tanto, a pesquisadora foi adicionada ao *facebook* do C1 e do C2 para assim observar o processo comunicativo. Esse acompanhamento foi registrado através do *Print screen*<sup>24</sup> das páginas, isto é, havia a visita à página e copiava-se a imagem geral da rede social para que fosse possível trabalhar com um dado passível de ser retomado. Percebemos desde então que as redes sociais tornaram-se, para as escolas mais um atrativo, os alunos frequentam as páginas, criam grupos a partir do *facebook*, mantendo relações fora da escola através da internet.

Figura 16: Rede Social do C2.



<sup>24</sup> Software utilizado para a criação de desenhos simples e também para a edição de imagens.

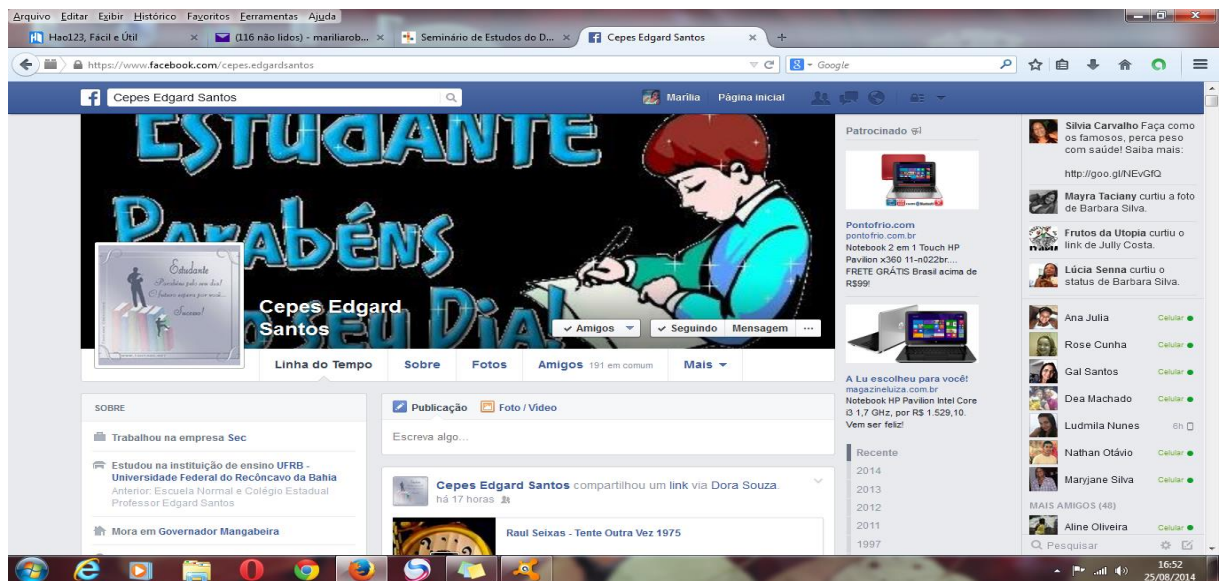
Figura 17: Site do C2



As imagens acima correspondem ao *print* do *facebook* e do *site* da escola do C2. A página do *facebook* foi criada no ano de 2012 pela direção da escola. O objetivo da mesma é o de informar sobre os eventos e as atividades da escola. O *site* do C2 foi criado no ano de 2013, no entanto percebemos que a página no *facebook* é mais atualizada que o *site*.

Situação semelhante se observou no C1, com a utilização do *facebook*. A rede social da escola, conforme a diretora, é um recurso importante, já que os alunos acessam e são informados sobre cancelamento de aulas e eventos. Observamos também que o colégio estadual atualiza frequentemente a página do *facebook*, lembrando-se de datas comemorativas, compartilhando vídeos, charges, poemas, vídeos, apostilas.

Figura 18: Rede social do C1



Observamos que as páginas das escolas também constituem espaços de incentivos aos alunos, os professores as utilizam para divulgar simulados *online* gratuitos, datas de inscrição em processo seletivo entre outros.

### 3 OS GÊNEROS QUE CIRCULAM NA ESCOLA

A pesquisa realizada nos permitiu visualizar a dimensão de gêneros orais, escritos<sup>25</sup> e virtuais que estão presentes na escola pública e privada. Ressaltamos, nesse processo de análise, que alguns gêneros não pertencem, exclusivamente, ao espaço escolar, isto é, são gêneros que podem ser encontrados em outros ambientes sociais, mas que são reconfigurados a partir da esfera comunicativa, nesse caso, os gêneros que circulam na escola refletem a dimensão institucional educativa e cultural de cada escola.

Os dados trazem o conjunto dos gêneros encontrados nas duas escolas C1 e C2 - em forma de lista e, depois, analisaremos os mais recorrentes, considerando as características (estilo, composição e conteúdo) de cada gênero na instituição escolar. Na tabela abaixo apresenta os gêneros que medeiam as relações sociais no C1 e C2:

**Tabela 3:** Gêneros que circulam no C1 e no C2.

C1	C2
Conversação face a face (formal e informal)	Conversação face a face (conversação formal e informal)
Comunicado oral	Comunicado oral
Comunicado impresso	Comunicado impresso
Carta- matrícula	Ficha de matrícula
Convite	Contrato
Declaração	Declaração
SMS	SMS
Advertência impressa	Advertência impressa
<i>E-mail</i>	<i>E-mail</i>
Telefonema	Telefonema
Rede social (facebook)	Rede social (facebook)
WhatsApp	WhatsApp
Atestado	Atestado
Advertência oral	Convite
	Advertência oral

<sup>25</sup> Destacamos que os gêneros escritos analisados neste capítulo, por muitas vezes são fixados no mural central da escola e no mural dos professores do C1 e C2. Esses suportes merecem uma análise mais profunda (abrindo portas para outros estudos), principalmente, ao percebemos que há relações entre os murais e as redes sociais das escolas.

Essa lista nos confirma que a comunicação nas duas escolas se realiza por meio de gêneros variados. São utilizados desde gêneros orais aos gêneros secundários, mais complexos como o *contrato*, passando pelos que nascem com a tecnologia como o *facebook*.

Para discutir esses gêneros, iniciaremos nossas análises pelo que é base da comunicação rotineira na escola: a conversação face a face. Definido como gênero primário por Bakhtin (2003), a conversação face a face é a base da comunicação entre alunos, professores, funcionários, pais, direção e coordenação. Trata-se de um gênero da comunicação diária que, em grande parte, se realiza de maneira informal, embora haja situações específicas, como as advertências feitas oralmente, em que se observa sua realização de maneira formal. A conversação face a face é utilizada pelos sujeitos envolvidos na escola para tratar de diferentes assuntos a depender da relação estabelecida. Entre direção/coordenação e pais/responsáveis, este enunciado, por exemplo, tem por muitas vezes os seguintes assuntos: desenvolvimento dos filhos na escola, mau comportamento, negociação de mensalidade (para o C2), dúvidas sobre o funcionamento da escola.

### 3.1 Comunicados, avisos e convites

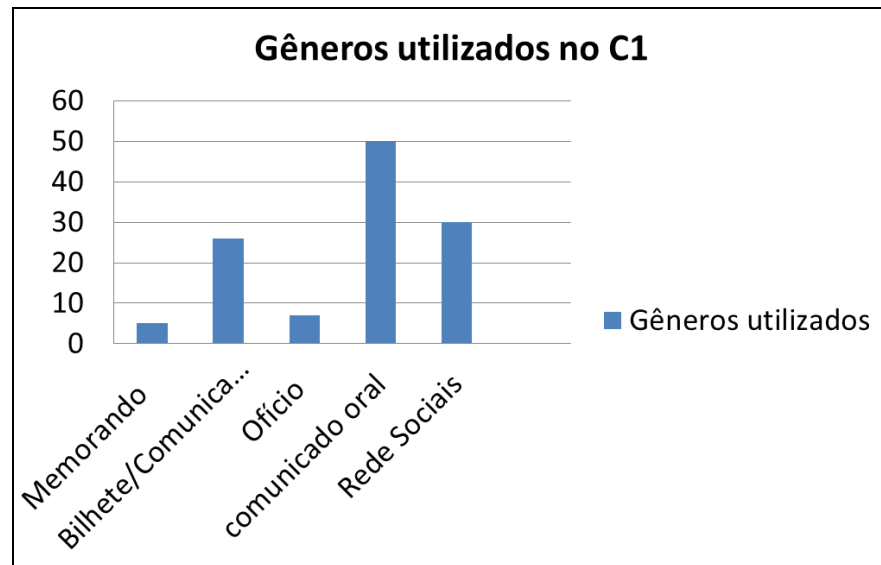
A partir do gênero conversação face a face, destacamos no contexto dos gêneros orais que circulam na escola, o comunicado/recado oral. Conforme a direção/coordenação das duas escolas, o comunicado oral é emitido pela própria direção, por algum funcionário ou pelos professores, sendo um dos gêneros mais utilizados na relação entre direção/coordenação e alunos como aponta o gráfico abaixo criado a partir das respostas<sup>26</sup> dos alunos à seguinte pergunta:

Se a direção se comunica contigo, quais recursos ela utiliza?

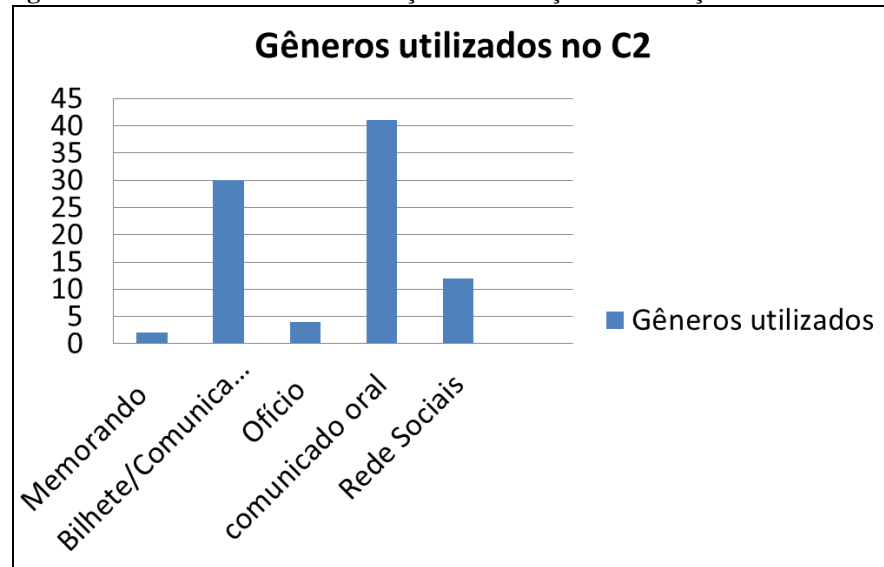
- memorando
- bilhete
- ofício
- recado transmitido oralmente/comunicado oral
- redes sociais
- site
- (...) outros - \_\_\_\_\_

<sup>26</sup> Ressaltamos um fato interessante durante o preenchimento do questionário: alguns alunos consideraram que a comunicação entre direção/coordenação é apenas para momentos de punição. “a senhora quer dizer quando ele chama a gente para direção” (SS, C1), “se alguém apronta, a diretora chama pra conversar” (FC, C2). A pesquisa não tem como objetivo analisar discursivamente as falas dos alunos, mas não podemos deixar despercebida a ideologia presente nas respostas dos alunos, ou seja, que a relação entre direção e alunos é marcada historicamente pelo poder, do lugar de autoritarismo, que culturalmente a comunicação com o diretor (a) só existe nos momentos de advertência.

**Figura 19:** Gêneros utilizados na relação entre direção/coordenação e alunos do C1.



**Figura 20:** Gêneros utilizados na relação entre direção/coordenação e alunos do C2.



Os gráficos das duas escolas representam a comunicação entre direção/coordenação e alunos, mediada pelos gêneros orais, escritos e virtuais. Cada escola tem uma relação com esses gêneros, mas destacamos que no C1 e no C2, o comunicado oral é superior ao comunicado escrito, ao ofício, as redes sociais e o memorando, confirmando que ele é a base da comunicação.

A pesquisa apontou que o comunicado oral também está presente na relação entre direção/coordenação e funcionário, entre direção/coordenação e professores e entre professores e alunos. A partir dos questionários, os alunos e professores confirmaram que esse gênero oral é importante para a comunicação diária entre os sujeitos da escola. Esse

enunciado é utilizado por conta da praticidade. Os comunicados orais, que circulam nas duas escolas, conforme a direção, contemplam assuntos como ausência de merenda escolar (C1), mudança especial do horário, liberação de alguma turma por falta de professor, cancelamento de uma atividade, entre outros.

Reforçando a comunicação na escola, destacamos, nas nossas observações, a relação do C1 e C2 com outro gênero, o *comunicado escrito*. Os comunicados encontrados no C1 e no C2 são organizados pela diretora RS e pela coordenadora pedagógica, VA.<sup>27</sup>, respectivamente, ganhando características dessas esferas. Conforme a coordenadora e a diretora, os *comunicados* é uma forma prática e eficaz para estabelecer comunicação tanto com os alunos, professores<sup>28</sup>, funcionários quanto com os pais. Para alguns alunos entrevistados, os comunicados têm linguagem clara e objetiva. Quanto às informações, elas são variadas, dependem do momento que a escola esteja vivendo.

De acordo com a direção/coordenação das escolas, o *comunicado escrito* garante maior segurança de a informação chegar aos pais, aos professores e funcionários e para que se evitem dúvidas sobre a mensagem informada. Percebemos, então, que as escolas possuem uma concepção cultural de que a escrita seja transparente. No entanto, as análises de alguns gêneros, ao longo desse capítulo, evidenciarão que a escrita não consegue fazer o outro saber exatamente o que se pretende comunicar bem como afirmou a aluna G.A (2ºM, C2) que, algumas vezes, o comunicado não é claro, ao ponto da sua mãe ter dúvida. Para esta aluna o comunicado oral é muito mais fácil de se entender:

[...] sinto porque, fica mais claro, fica até mais fácil de entender o que o comunicado quer dizer, às vezes, a gente leva o comunicado pra casa e quando chega na escola não é nada daquilo que a gente tava pensando[...].

Verificamos que a maioria dos *comunicados* ou *avisos*, do C2, por exemplo, também é seguida de um protocolo de recebimento. Assim, a escola tem a confirmação de que os sujeitos envolvidos na comunicação o receberam. No protocolo há uma apreciação do interlocutor em relação à concordância ou discordância com o conteúdo/tema tratado no comunicado.

A utilização do gênero escrito na comunicação faz parte do processo em que a escrita socialmente tem um valor diferente da oralidade, o valor de documento. Diante dos *comunicados* que tivemos acesso, apresentamos as características desse gênero em cada instituição. A figura abaixo é um exemplo de comunicado utilizado pelo C2 para comunicar

<sup>27</sup> Por questões metodológicas e éticas os nomes dos participantes da pesquisa não serão revelados, utilizando apenas as iniciais dos nomes e dos sobrenomes.

<sup>28</sup> Observamos avisos e comunicados nos murais dos professores emitidos pela direção.



aos pais sobre a realização de um trabalho, por alunos específicos do 1º ano do EM, no turno oposto de estudo, na escola.

**Figura 21:** Exemplo de comunicado do C2.

<p>COLÉGIO VIANA - 2014 COMUNICADO AOS PAIS</p> <p><u>Senhores Pais,</u></p> <p><i>Informamos que nesta segunda-feira (10/02) os alunos, (Gabrielle, Francine, Caíque e Leandro) do 1º ano do Ensino Médio realizarão trabalho de <b>Redação e História</b> na Escola no horário das 14:00 às 16:00.</i></p> <p style="text-align: center;"><i>A Direção/ Coordenação Pedagógica</i></p> <p>✂.....</p> <p>Eu, _____</p> <p>responsável pelo(a) aluno(a) _____</p> <p>_____matriculado(a) no _____ ano do Ens. Médio, libero a sua participação na realização do trabalho de <u>Redação e História</u> no dia 10/02/2014, no Colégio Viana. Governador Mangabeira., 10 de março de 2014.</p>
---

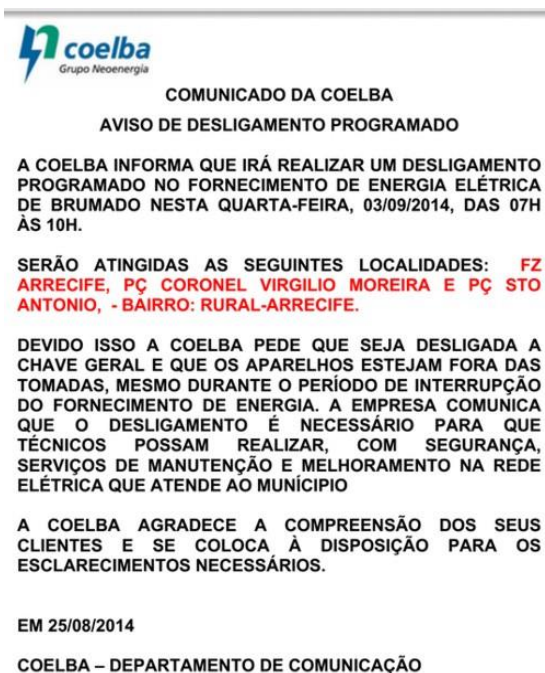
Na sua composição, o *comunicado* é iniciado com o cabeçalho da escola, o ano de circulação e o título do enunciado, centralizados, em letras maiúsculas. Depois, ao início, do conteúdo a ser comunicado é utilizado como recursos lexicais e gramaticais um vocativo indicando respeito (Senhores Pais). Destacamos a preocupação que a escola, durante a sequência textual, tem de registrar o momento, identificando os alunos que participarão do trabalho, as disciplinas envolvidas, o horário específico e o protocolo anexado ao *comunicado* para os pais ou responsáveis.

O protocolo anexado reforça a mensagem do *comunicado* (realização de um trabalho de Redação e História), a partir da autorização dos pais/responsáveis e exige que se preencham os dados dos alunos (série e nome). Conforme a direção/coordenação do C2, o protocolo evita possíveis reclamações e mantém os pais informados de tudo que acontece na escola. O gênero escrito registra e guarda a ideia a ser divulgada, ou seja, o comunicado escrito ajuda as escolas, de certa forma, a preservarem suas imagens e garantir a autorização dos pais que respondem pelos adolescentes e jovens. O *comunicado* ganha, então, status de documento que pode salvaguardar a escola em eventuais casos de discordância ou conflitos.

O contexto da escola particular permite que o gênero *comunicado* seguido de um protocolo estabeleça um diálogo entre os sujeitos. No primeiro momento, há a voz da direção/coordenação comunicando sobre a presença dos alunos em turno oposto. O protocolo, por sua vez, traz, à tona, a voz dos pais/responsáveis concordando com a atividade

pedagógica. Esse formato não é típico nos comunicados que circulam em outras esferas, quase sempre veiculados sem o protocolo, em que se observa apenas a voz de um enunciador, sem a preocupação em garantir recebimento da mensagem pelos destinatários. Apresentamos um comunicado utilizado pela Companhia de Energia a fim de mostrar a diferença entre as esferas comunicativas.


**Figura 22:** Comunicado da Coelba.



O comunicado acima, de outra esfera comunicativa, envolvendo outros sujeitos, representa as diferenças no estilo dos *comunicados*. Enquanto o C2 anexa um protocolo no *comunicado* para os pais, a Coelba não utiliza desse recurso.

Em outros *comunicados* do C2 também verificamos a presença de outros recursos utilizados pela escola na composição do gênero escrito como o símbolo da escola em destaque (ou no início ou centralizado no comunicado), juntamente com outras informações (endereço, número de contato, *e-mail*, ano de fundação da escola, CNPJ). No comunicado emitido para os pais sobre os paradidáticos observamos ainda saudação final e o uso da primeira pessoa dos pronomes pessoais (relacionamos, percebemos). Essa última característica que observamos nesse *comunicado* evidencia outro modo de relação entre a escola e os pais. Há nesse caso, um apelo institucional como se pode verificar no *comunicado* abaixo.

**Figura 23:** Comunicado para os pais sobre os paradidáticos.



**COLÉGIO VIANA**  
Fundado em 29 de novembro de 2011  
ENTIDADE MANTENEDORA: ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL OTÁVIO MANGABEIRA  
CURSOS MANTIDOS: 1º E 2º GRAUS: CNRJ 14.762.212/001-10  
Rua Prof. Agnelo Viana, 168, centro - Governador Mangabeira - Bahia  
Tel: (75) 82232352 / 92245436 - E-mail: colegioviana@hotmail.com

Caros Pais

Relacionamos abaixo os livros **paradidáticos** escolhidos para o 1º, 2º e 3º trimestres de 2014. Estes serão trabalhados em sala e farão parte das avaliações de cada trimestre. Por isso, é importante que todos os alunos adquiram o livro indicado para a sua turma.

MATERNAL			
Título/Autor		Unitário	
1º Trimestre	A escola de Inês – Pilar Ramos	R\$ 28,90	
2º Trimestre	Peixinho dourado vai Passear– Terezinha Casasanta	R\$ 27,50	
3º Trimestre	Deu branco– Fernando Almeida e outros	R\$ 27,50	
<b>Valor a vista</b>	R\$ 83,90	<b>30 dias</b>	R\$ 94,00

Como percebemos que houve muita dificuldade de encontrar nas livrarias, optamos por fazer os pedidos de paradidáticos através do Colégio.

**OBS.: Os livros já se encontram no Colégio e a venda dos mesmos será feita durante 30 dias.**

Atenciosamente  
A Direção/Coordenação

Observamos ainda no *comunicado* informações em negrito (observação, valor do paradidático e o prazo para compra), para chamar atenção dos receptores. O *comunicado* apresenta a sintetização da mensagem central do gênero – venda dos paradidáticos, através de quadros, enumerando os livros de cada trimestre e seus respectivos valores. Esses recursos configuram o gênero, tornando-o específico à esfera escolar, confirmando que o estilo é um elemento importante na constituição do enunciado. Nesse sentido, o estilo mantém uma relação intrínseca com as relações estabelecidas entre os sujeitos.

O final do ano letivo é um período em que diversos *comunicados escritos* circulam nas escolas. Percebemos mais uma vez na composição e no estilo do gênero, recursos que revelam o cuidado que a escola tem em contextualizar as informações para, então, apresentar as informações específicas, como o exemplo abaixo.

Figura 24: Comunicado para os pais e alunos sobre o final do ano letivo.

**COLÉGIO VIANA – 2014**  
**Comunicado Encerramento de Ano Letivo**  
 3º Ano do Ensino Médio / 2014

Caros alunos e pais,

O final do ano se aproxima e, com ele, a certeza de que este foi mais um período de desafios e conquistas. Nós, da equipe COLÉGIO VIANA, temos a convicção de que todos crescemos, pudemos ampliar nossa visão de mundo, nossas aprendizagens, e aprendemos mais uma vez que este é o momento de fazermos um balanço destas conquistas e percebermos o quanto crescemos em nossas responsabilidades, em nosso respeito e relação com os outros. Isso é gratificante!

Contudo, falta ainda um pouco para sentirmos o gosto da recompensa: atingirmos satisfatoriamente nossos objetivos e, assim podermos desfrutar de nossas merecidas férias! Segue abaixo, quadro com programação do que vai acontecer nestes dias finais.

Data	Atividade
21 a 26/11	Avaliação Trimestral
28/11	Entrega dos resultados do trimestre
01 a 05/12	Período de Recuperação Paralela
09 a 13/12	Período de Recuperação Final – Aulas
15 a 19/12	Período de Recuperação Final – Avaliações
29/12	Resultado Final

Aproveitamos para lembrá-los de que não pode haver faltas e atrasos às aulas no período de avaliação trimestral, recuperação paralela e/ou de provas da Recuperação Final. Faltas podem prejudicar a avaliação do aluno, provocando, inclusive, a reprovação.

**ESCALA DE AVALIAÇÃO TRIMESTRAL – SIMULADO**

22/11 – Sábado	7:30	História/ Geografia/ Filosofia/ Sociologia
24/11 – Segunda-feira	7:30	L. Portuguesa/ Redação/ Inglês/ Espanhol
25/11 – Terça-feira	7:30	Matemática/ Física/ Biologia/ Química
26/11 – Quarta-feira	7:30	SIMULADO – ÉTICO

Para realização da recuperação paralela e final é necessário inscrição na Secretaria do Colégio, mediante pagamento antecipado de R\$ 10,00 e R\$ 25,00 respectivamente, por disciplina.

**ESCALA DE RECUPERAÇÃO PARALELA**

DATA	01/12	02/12	03/12	04/12	05/12
3º ANO	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
	FÍSICA	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA	GEOGRAFIA	QUÍMICA
	REDAÇÃO	HISTÓRIA	ESPAÑHOL	BIOLOGIA	FILOSOFIA
	INGLÊS			SOCIOLOGIA	ARTE

**ESCALA DE RECUPERAÇÃO FINAL**

DATA	15/12	16/12	17/12	18/12	19/12
3º ANO	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
	FÍSICA	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA	GEOGRAFIA	QUÍMICA
	REDAÇÃO	HISTÓRIA	ESPAÑHOL	BIOLOGIA	FILOSOFIA
	INGLÊS			SOCIOLOGIA	ARTE

“Gratidão é uma sensação tão agradável... Cresce onde sementinhas são lançadas, floresce sob o sol. De um coração caloroso e bom, cresce mais quando é cuidada. Quase todos temos motivos para a gratidão, quando pessoas em nossas vidas têm tempo para partilhar e nos fazer saber por bons atos que nós estamos em seus pensamentos e que elas se importam. As coisas que você faz, com tanta compreensão e bondade, me enchem de gratidão pela presença e participação no COLÉGIO VIANA 2014. Obrigada, por se importarem com o nosso trabalho, com o nosso colégio, enfim com a educação dos nossos estudantes, por isso peço a Deus que ilumine suas vidas com graças, muita saúde e felicidades.” Muito obrigada por tudo. E Agradecemos também a todos os pais/responsáveis pelos nossos alunos que se empenham no processo de aprendizagem dos mesmos e não mediram esforços ao participarem das atividades promovidas pela escola nesse ano de 2014. Obrigada!

Feliz Natal e feliz ano novo, que as graças de Deus pai esteja presente no seu lar e na sua família.

Feliz 2015! Que ele seja repleto de paz e harmonia.

**Esperamos você para mais um ano.**

São os votos sinceros dos diretores do Colégio Viana e Associação Educacional Otávio mangabeira, do corpo administrativo e docente.

**PERÍODO DE MATRÍCULA PARA O ANO LETIVO DE 2015**

- Preferencialmente de 11/11 a 30/12
- Alertamos que nossas aulas já terão início no dia – 03/02/2015.
- A parcela de dezembro (última do ano letivo de 2014) deverá obedecer ao mesmo dia de vencimento dos meses anteriores.

**Observação:** Só serão aceitas matrículas dos alunos que não têm nenhum débito com o Colégio (parcelas da anuidade, material escolar, fardamento, fotografias, documentos e outros).

**Alunos em débito: Avisamos que os pais inadimplentes deverão entrar em contato com a tesouraria antes do período das avaliações para evitarmos transtornos.**

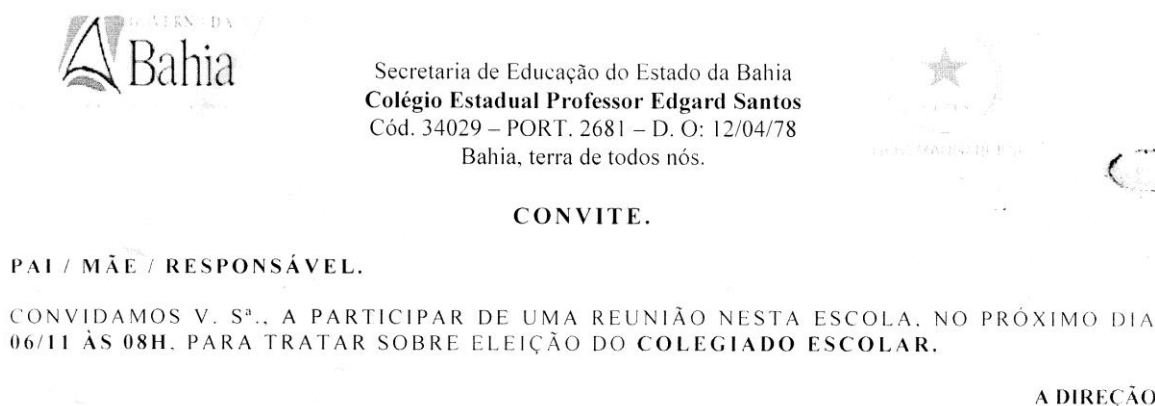
Atenciosamente,  
a Direção

Há o cabeçalho com o nome da escola (letras maiúsculas), o ano de circulação, o título do comunicado (Comunicado Encerramento do Ano Letivo) e a especificação da turma (3º ano do Ensino Médio/2014). Diferente dos outros *comunicados*, não há o símbolo da escola no cabeçalho, ele aparece como marca d'água do texto. Com esse recurso, a escola evidencia seu símbolo e ao mesmo tempo o nome da instituição. A escola apresenta o quadro de avaliações da turma do 3º ano (datas das provas e recuperações e os valores das recuperações) e utiliza de uma mensagem para os pais e alunos para agradecer por mais um ano de parceria, construindo a ideia de cortesia e cordialidade entre as partes. Observamos que a escola estabelece uma relação entre pais e alunos ao mesmo tempo, como uma estratégia de sedução aos dois grupos envolvidos, ou seja, para manter o aluno da escola, pais e alunos precisam estar satisfeitos.

No final do texto, a escola faz propaganda para o próximo ano letivo, descrevendo os períodos de matrícula e o início do ano letivo de 2015, em negrito. Esses recursos compõem o estilo do gênero que se diferencia de outros *comunicados* dentro da própria escola e dos *comunicados* relativos ao final do ano letivo da escola pública, uma vez que no C1 as relações não são perpassadas por interesses comerciais.

Os *comunicados* escritos dirigidos aos pais são menos frequentes no C1. As comunicações mais diretas da direção da escola para os pais acontecem em forma de convite, sempre que há um evento especial que demanda participação dos pais ou no período da matrícula. O exemplo abaixo é um convite encaminhado aos pais pela escola, que apresenta as seguintes:

**Figura 25:** Exemplo do convite do C1.características.



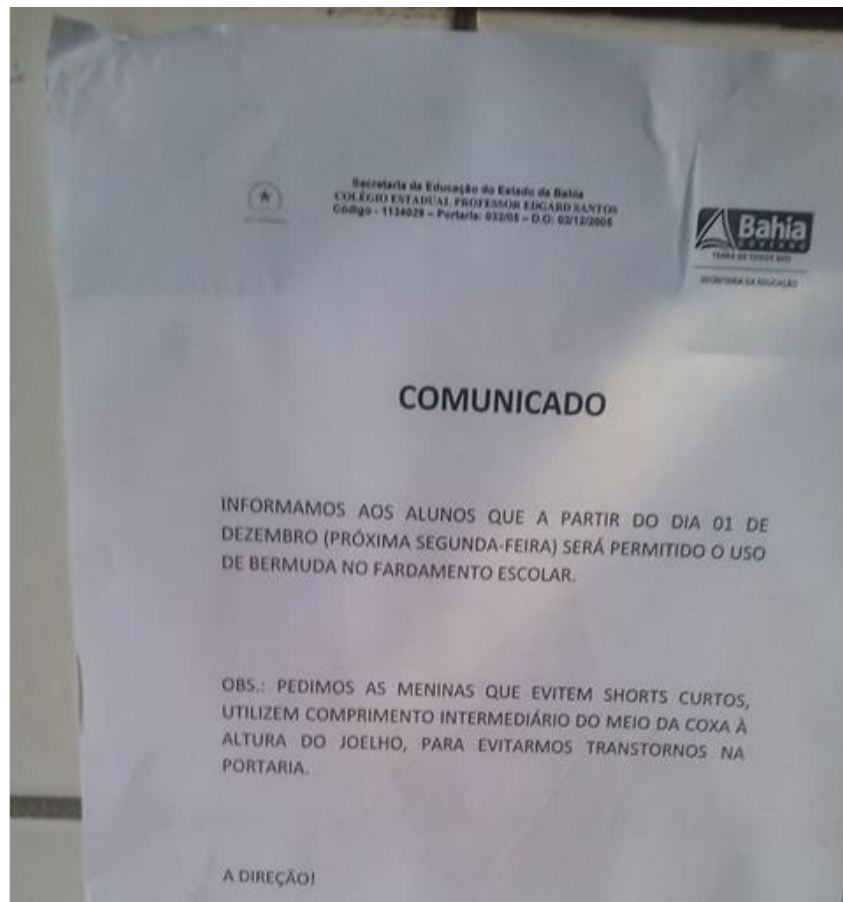
O *convite*, em análise, chama os pais para uma reunião sobre a eleição do colegiado escolar. Observa-se que não há nos recursos linguísticos um pronome de tratamento direcionado aos pais ou responsáveis nem saudação final. A mensagem é bastante breve, sem apresentar detalhes sobre o que viria ser o “colegiado da escola”. No topo do *convite* há marca do governo estadual, o logo da escola e um cabeçalho fazendo alusão às instâncias oficiais da escola, incluindo, ainda a portaria que legitima a instituição perante a rede estadual de ensino e nome da escola em negrito. Outras informações do *convite* estão em negrito como os destinatários, o dia, o horário e o assunto da reunião. Destacamos que não foi anexado um protocolo para confirmar o recebimento do *convite*.

Não encontramos no C1 um *comunicado* para os alunos em que cada um recebesse individualmente como o comunicado do C2. No C1, os *comunicados* escritos são geralmente afixados nas paredes e no mural. Os *comunicados* trazem como assuntos, principalmente, alguma mudança na rotina escolar tais como as mudanças nas regras do fardamento durante o período de dezembro de 2014, mudanças no cronograma de provas, horário de entrada e saída da escola entre outros assuntos.

O *comunicado* que informou mudança no fardamento, conforme se observa a seguir, apresenta o símbolo do governo do estado alinhado à direita, maior que o símbolo da escola alinhado à esquerda. Entre esses símbolos, há o cabeçalho que evidencia a instância governamental a qual a escola está vinculada, assim como se observou o cabeçalho do

*convite*. Segue então a mensagem escrita com uma linguagem direta e próxima da realidade dos alunos. Utiliza-se no corpo da mensagem letras maiúsculas e grandes. Não se observa saudações (inicial e final), nem o uso de pronomes de tratamento para os alunos. Esse mesmo *comunicado* foi transmitido também na forma oral pelos professores em sala, pois, conforme a diretora, há alunos que não leem as informações no mural ou nas paredes.

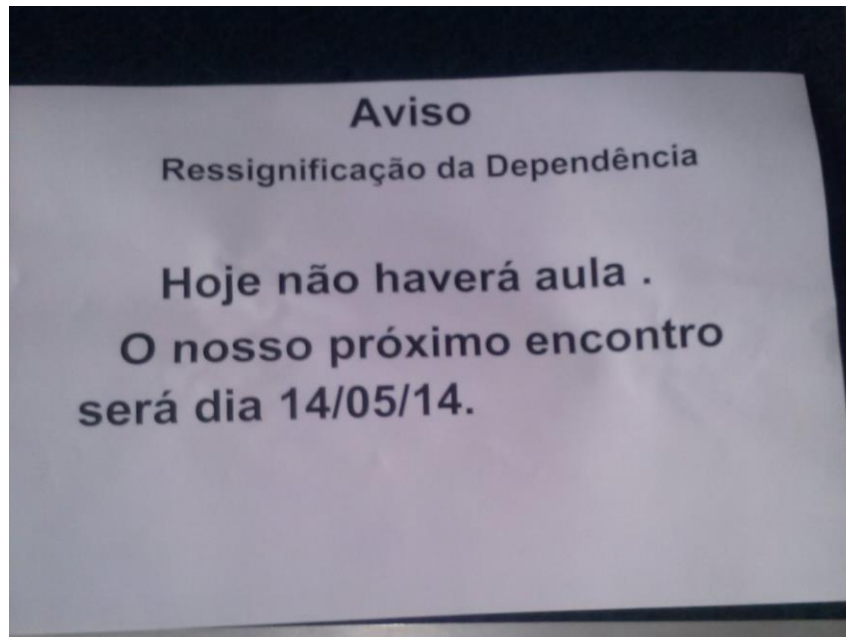
**Figura 26:** Comunicado exposto na parede do C1 no final do ano letivo de 2014.



Observamos que a escola rotula o gênero, utilizando o nome em negrito (Comunicado), há um texto explicativo e descritivo no espaço da observação. No final, verificamos a assinatura da direção, apontando o enunciador da mensagem. Percebemos então que as duas escolas têm estilos diferentes na composição do *comunicado*.

Outro gênero escrito exposto no mural, direcionado para os alunos foi um *aviso*. Analisamos um enunciado de composição simples (título do aviso, assunto e a mensagem) e, portanto, objetivo e pouco contextualizado. O *aviso* não aponta quem é o enunciador e a mensagem não se apresenta de forma precisa.

**Figura 27:** Aviso do C1 exposto no mural da escola.



Durante a visita ao C1, em que registramos o *aviso* acima, a diretora RS comentou que esse *aviso* não havia sido compreendido pelos alunos e eles não foram para aula. O motivo, conforme a diretora, estava situado nas dificuldades de leitura e interpretação dos alunos como no da palavra RESSIGNIFICAÇÃO. Do ponto de vista da diretora, o *aviso* estava claro. No entanto, a partir dessa situação, podemos considerar que o gênero foge dos padrões de um aviso. O enunciado utilizado pela escola é impreciso, por esta razão não houve interação. Além de não saberem o que era ressignificação da dependência, não havia assinatura, portanto, não poderiam fazer qualquer inferência a respeito do enunciador. Sem saber o enunciador, os alunos não poderiam saber que os destinatários eram eles, porque também não estava expresso no texto. Não havia uma data definindo o advérbio de tempo “hoje”. Assim, o *aviso*, do ponto de vista comunicativo e das especificidades do gênero, não cumpriu os requisitos mínimos para funcionar. Essa situação também comprovou que no gênero todos os elementos estabelecem uma relação intrínseca entre eles os recursos linguísticos e semânticos.

### 3.1.1 *As relações de poder da escrita*

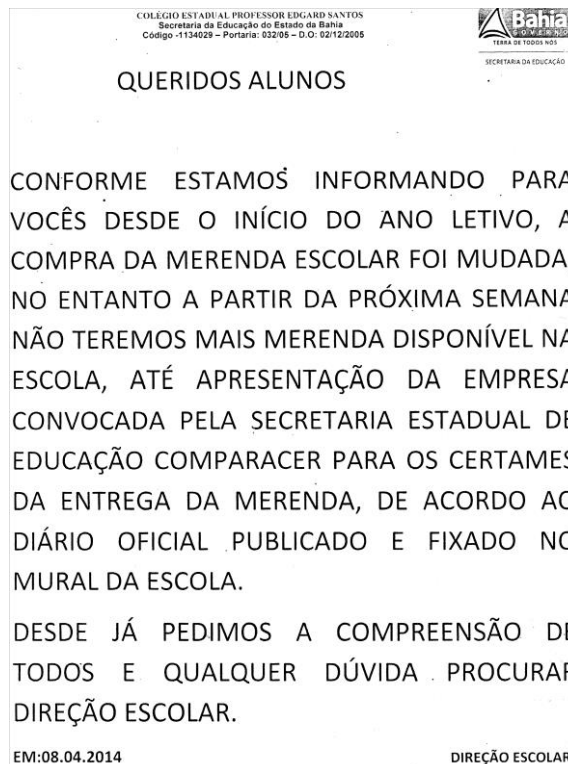
Observamos que os gêneros escritos utilizados pelas escolas revelam as relações de poder da escrita. Nesse sentido, analisamos um *comunicado* do C1 que representa um dos momentos que a escola se apoia na poder que a escrita tem na sociedade.



Encontramos afixado no mural do C1 outro *comunicado* que nasce de uma situação comunicativa específica, envolvendo alunos e direção/coordenação, e por isso, com características específicas. Em uma visita ao C1, questionamos a direção sobre o uso dos comunicados orais, quais eram os contextos, quem era os responsáveis pelos comunicados nas salas. Na oportunidade, a direção descreveu a utilização do *comunicado oral* para informar sobre a falta da merenda escolar. A direção comunicou e explicou aos professores os motivos para ausência da merenda escolar (para ter merenda escolar era preciso um novo processo de licitação realizado pelo Estado e não mais pela escola), estes por sua vez comunicaram aos alunos, juntamente com a direção. Para a direção, a partir do *comunicado oral*, os alunos entenderiam porque a escola estava sem merenda naquele período. Mas, os alunos continuaram questionar a direção sobre a merenda.

A fim de esclarecer a situação, a direção produziu um *comunicado escrito*, exposto no mural da escola juntamente com a cópia do Diário Oficial que justificava a falta da merenda, naquele período. Apresentamos, a seguir, *o comunicado*.

**Figura 28:** Comunicado aos alunos sobre a merenda escolar.



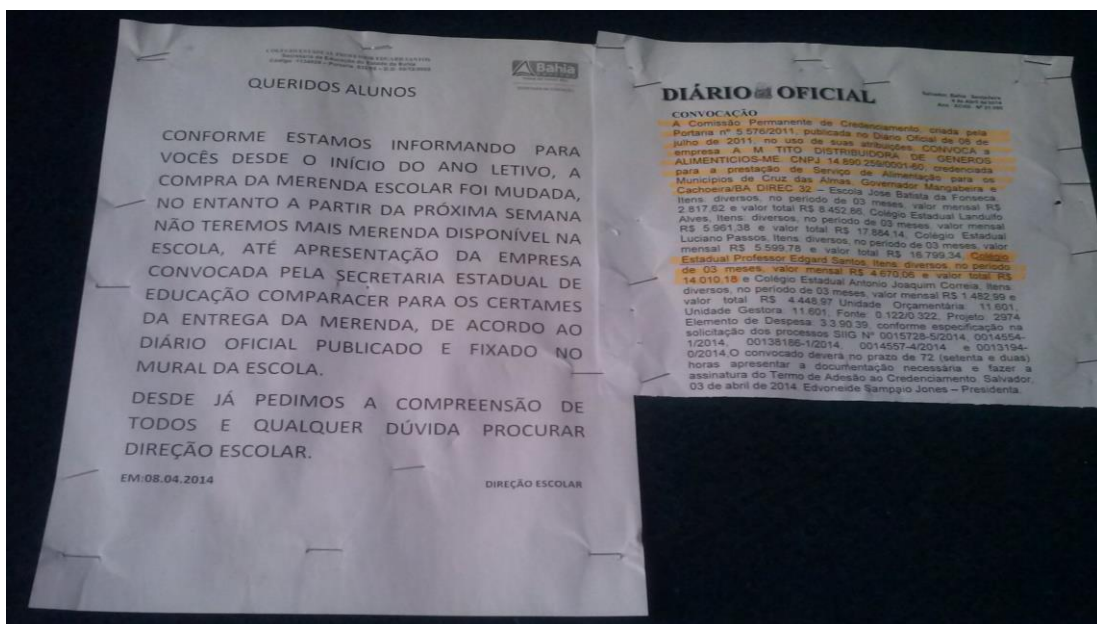
O *comunicado* reforça o que a escola já vinha comunicando nas salas, através do gênero oral e explica os motivos da ausência da merenda (novo processo de licitação). O comunicado é iniciado como cabeçalho (sem destaque), não há o símbolo da escola nem o



título do *comunicado*. A escola utiliza do vocativo (Queridos alunos) indicando apreço, o que não verificamos no outro comunicado analisado nesse estudo. O gênero apresenta a mensagem em letras grandes (desde o vocativo até o último parágrafo) para, possivelmente, chamar atenção dos leitores. Há no enunciado escrito a assinatura, apresentando o enunciador e a data de publicação do *comunicado* (em fonte menor). Observamos que o gênero reflete o contexto vivido pela escola e os objetivos do enunciador. O *comunicado* é feito, então, para atender à demanda da escola, num contexto comunicativo específico, que ela precisava se justificar quanto à ausência da merenda escolar. O enunciado tem estilo diferente de outros *comunicados* existente na escola.

A fim de explicar que a ausência da merenda não era um problema da unidade escolar, mas da rede estadual de ensino, a direção anexou uma cópia do Diário Oficial, destacando com marcador laranja partes do texto.

**Figura 29:** Comunicado e Diário Oficial.



O Diário Oficial é um gênero informativo utilizado por instituições públicas para dar a conhecer sobre decretos, licitações, convocações, mas não é um material de leitura rotineira para os alunos. O Diário Oficial é mais conhecido entre professores, direção ou funcionários das instituições públicas. O C1, dessa forma, apoiou-se no poder que a escrita e os documentos oficiais têm para explicar o problema que estava ocorrendo na escola e não no uso dos gêneros orais como de costume. Em reação, os alunos também se manifestaram,

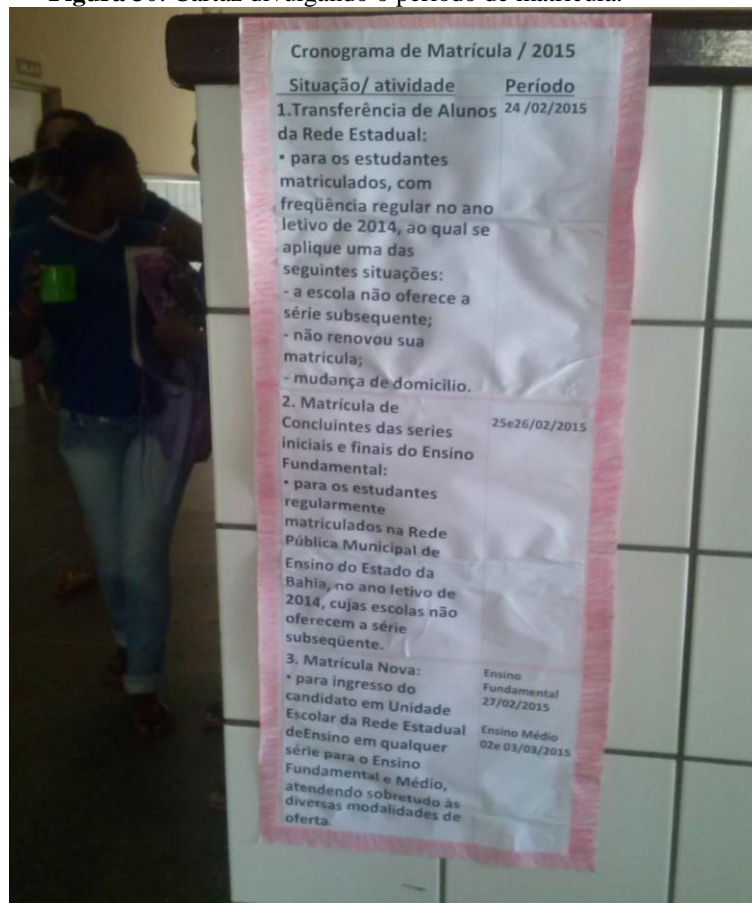
criando um protesto na escola, onde eles produziram cartazes para reclamar da falta da merenda escolar.

O C1 no uso do Diário Oficial e do *comunicado escrito*; o C2 no uso dos *comunicados escritos*, do *contrato* e dos *protocolos* reforçam as relações que o homem tem com a escrita ao longo do tempo. A importância de registrar para guardar, preservar as ideias, pois “[...] A língua escrita é um atributo de poder, escrever é potencialmente um meio de empoderamento [...]” (COULMAS, 2014, p.134).

### 3.2 Cronograma, Contrato, Carta, Ficha: gêneros para matrícula

No final do período letivo o C1 também se organiza, utilizando de gêneros como o *cartaz com o cronograma* da matrícula. Percebemos que o *cronograma* é dividido em seção (situação/atividade e período). O título do cartaz está em letras maiúscula e centralizado. Não há assinatura, mas o contexto completa o gênero, não deixando a informação imprecisa.

**Figura 30:** Cartaz divulgando o período de matrícula.



O gênero utilizado pela escola supõe que os alunos sejam autônomos, responsáveis pelo estudo, pelas informações que levarão para os pais. O cronograma de matrícula é justificado pelo contexto do C1 que utiliza de outros gêneros no processo de matrícula.

As duas escolas participantes deste estudo utilizam gêneros específicos no processo de matrícula. Durante o período da matrícula, o C2 utiliza o *contrato* para estabelecer prazos, multas, artigos e valores sobre as mensalidades do ano letivo. Percebemos, nas visitas à escola e com informações da direção, nesse período (janeiro), que são poucos os pais que fazem a leitura completa do *contrato* para estabelecer negociação. Conforme a direção e auxiliar administrativo, os pais se preocupam muito mais com os valores do que com outros pontos contratuais. Apresentamos na imagem a primeira página das três que compõem o contrato do C2.

Figura 31: Contrato do C2.



**COLÉGIO VIANA**  
Fundado em 29 de novembro de 2011  
ENTIDADE MANTENEDORA: ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL OTÁVIO MANGABEIRA  
CURSOS MANTIDOS: 1º E 2º GRAUS - CNPJ: 14.762.212/001-10  
Rua Prof. Agnaldo Viana, 158, Centro - Governador Mangabeira - Bahia  
Tel: (75) 83329822 / 92746944 - E-mail: colegioviana@hotmail.com

**CONTRATO DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS EDUCACIONAIS**

---

**BLOCO I**

**MANTENEDORA: Associação Educacional Otávio Mangabeira**  
**CNPJ: 14.762.212/001-10**  
**ESTABELECIMENTO MANTIDO: Colégio Viana**  
**ENDEREÇO: R. Prof. Agnaldo Viana, 158, Centro – Gov. Mangabeira – Bahia**  
**CONTATOS: Tel:(75) 83329822 / 92746944 E-mail: [colegioviana@hotmail.com](mailto:colegioviana@hotmail.com)**

**NESTE ATO REPRESENTADO POR:**  
**Jânio Gonzaga de Aragão, “ao fim assinado”.**  
**RG 03.756.521-40 CPF 389.598.365-91**  
**Função: Diretor geral**

---

**BLOCO II**

**CONTRATANTE:** \_\_\_\_\_  
**RG:** \_\_\_\_\_ **CPF:** \_\_\_\_\_ **ENDEREÇO:** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ **CEP:** \_\_\_\_\_

**ALUNO BENEFICIÁRIO:** \_\_\_\_\_ **DN:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
**NÍVEL/SÉRIE/TURNO:** \_\_\_\_\_ **NATURALIDADE:** \_\_\_\_\_

---

**BLOCO III**

**VALOR, VENCIMENTO, NÚMERO DE PARCELAS E PRAZO DE VIGENCIA**  
Como contraprestação dos serviços educacionais prestados, referente ao período letivo correspondente ao ano de 2014, conforme previsto na Cláusula 1ª, o CONTRATANTE se obriga a pagar contrato no valor de: **R\$ 2.584,80** na forma estabelecida nas cláusulas 9ª à 13ª.  
Vencimento das parcelas: **Dia 10 de cada mês do ano de 2014.**

Os signatários deste instrumento, devidamente qualificados acima, doravante denominados, simplesmente, CONTRATADA E CONTRATANTE, têm entre si justos e avençados o presente Contrato de Prestação de Serviços Educacionais, mediante as cláusulas e condições a seguir estipuladas e aceitas, que prometem cumprir e fazer cumprir, usando do direito de livre contratação amparado por lei.

**CLÁUSULA 1ª** – A CONTRATADA obriga-se a ministrar, na Escola, seu estabelecimento mantido, instrução que vise o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e morais do educando, respeitadas, quanto ao plano de estudos, programas, currículos da CONTRATADA e demais normas da legislação pertinente em vigor, de acordo com o Calendário Escolar do período letivo determinado no BLOCO III.

**Parágrafo único:** O COLÉGIO VIANA tem por finalidade e objetivo oferecer serviços educacionais para crianças e jovens nos cursos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, de acordo com o disposto na LDB 9.394/96.

A Missão e Visão estratégicas definidos pela comunidade escolar compreendem a função da escola e a concepção do homem e de mundo que se quer ensinar e aprender no interior da escola:  
A metodologia de ensino do COLÉGIO VIANA baseia-se na proposta de uma educação que esteja a serviço da formação do homem enquanto cidadão e de uma sociedade mais justa e mais humana que corresponda às demandas de ação social, da tecnologia e da democracia.

Na Educação Infantil, a proposta pedagógica da Escola privilegia o ensino enquanto construção do conhecimento, o desenvolvimento pleno das potencialidades do aluno e sua inserção no ambiente social utilizando, para isso, os conteúdos curriculares da base nacional comum e os temas transversais, trabalhados de forma lúdica em sua contextualização. Está fundamentado no Referencial Curricular Nacional do Ensino Infantil.

a) Os diversos Níveis de Ensino devem estar comprometidos com a democracia e a cidadania, visando à consecução das seguintes metas:

- Respeito aos direitos humanos e exclusão de qualquer tipo de discriminação, nas relações interpessoais, públicas e privadas;
- Igualdade de direitos, de forma a garantir a equidade em todos os níveis;
- Participação como elemento fundamental à democracia;
- Co-responsabilidade pela vida social como compromisso individual e coletivo.

b) É Missão do COLÉGIO VIANA a promoção integral da pessoa, visando à autonomia e a ação cidadã, numa perspectiva de construção do saber que possibilite a melhoria da qualidade de vida pessoal e coletiva



Verificamos que o *contrato* da escola destaca a questão financeira, o uso do celular na escola, o que é de responsabilidade dos pais, a metodologia de trabalho, a missão, as cláusulas do contrato. Na sua composição, o *contrato* mantém o cabeçalho de outros gêneros que observamos. O enunciado tem uma linguagem jurídica e financeira comum ao gênero. O *contrato* é dividido em seções: 1- informações sobre a instituição mantenedora (escrito em fonte maior); 2- informações sobre o contratante (escrito em fonte maior); 3- informações sobre os valores do contrato (destacadas em negrito); 4- informações sobre os objetivos da escola em cada nível de ensino (Infantil, Ensino Fundamental II e Ensino Médio, escritas) e cláusulas como o pagamento do carnê que pode ser pago na escola ou em um banco específico (escritas em fonte menor). Na última seção do gênero observa-se o local para assinatura dos sujeitos envolvidos na situação comunicativa e social.

No *contrato*, a escola não se dirige aos pais como nos outros *comunicados* (Caros pais é substituído por Contratante), pois a situação comunicativa é outra, marcada pelas relações comerciais. Isso confirma a perspectiva de Bakhtin ao explicar que o gênero (tema, estilo e composição) é o reflexo da situação comunicativa e a relação entre os sujeitos. No *contrato* não é a voz da direção/coordenação que enuncia, mas a empresa. Consideramos que o *contrato* é o gênero que inaugura as relações entre direção/coordenação e pais/responsáveis. É a partir desse gênero que a escola conhece seus interlocutores com quem estabelecerá outras relações como percebemos nos *comunicados* analisados.

Por pertencer a outro contexto (escola pública), no C1 não há o *contrato*. Para realizar a matrícula, a escola comunica com os pais através de mensagens de texto (SMS) e propaganda sonora veiculada em carro de som pelas ruas da cidade. A matrícula é efetuada por meio de *ficha de matrícula*, atestados e as declarações.

A seguir apresentamos a *ficha de matrícula* utilizada pelo C1. Observamos que ela segue o modelo padrão das fichas utilizadas pela rede estadual de ensino da Bahia (contém o símbolo do estado). Não há especificação do tipo de ficha, apenas o contexto permite entender que a ficha de matrícula é para o ano letivo e não para outro curso oferecido pelo estado. O gênero exige informações dos alunos, filiação, endereço, contatos, documentação, endereço e dados escolares a serem preenchidos nos quadradinhos.


Figura 32: Ficha de matrícula utilizada pelo C1.

 <b>GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA</b> Secretaria da Educação do Estado da Bahia Superintendência de Organização e Atendimento da Rede Escolar	<b>Ficha de Matrícula</b>	 <b>GOVERNO DA Bahia</b> TERRA DE TODOS NÓS
--	---------------------------	--

I - IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO										
1. Nome do Candidato										
2. Email										
3. Mão Ignorada <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não										
4. Nome da Mãe										
5. Apellido da Mãe										
6. Pai Ignorado <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não										
7. Nome do Pai										
8. Data de Nascimento			9. Município de Nascimento			10. UF		11. Certidão civil:		
12. Número			13. Livro		14. Folha	15. Data emissão/certidão		16. UF Cartório	17. Nome do Cartório	
18. Carteira de Identidade/Passaporte			19. Órgão emissor		20. UF		19. Data da emissão		21. CPF	
22. Nacionalidade <small>Para estrangeiros</small>										
23. Data de entrada no país			24. Sexo		25. Raça/Cor			26. Necessidades Especiais		
			<input type="checkbox"/> M <input type="checkbox"/> F		<input type="checkbox"/> branca <input type="checkbox"/> preta <input type="checkbox"/> amarela <input type="checkbox"/> parda <input type="checkbox"/> indígena <input type="checkbox"/> não declarada			<input type="checkbox"/> auditiva <input type="checkbox"/> visual <input type="checkbox"/> física <input type="checkbox"/> mental <input type="checkbox"/> def. múltiplas <input type="checkbox"/> cond. típica <input type="checkbox"/> altas hab.		
II - ENDEREÇO DO CANDIDATO										
27. Zona <input type="checkbox"/> urbana <input type="checkbox"/> rural										
28. rua, avenida, praça, travessa, povoado, fazenda ...										
29. Número					30. Complemento					
31. Ponto de referência										
32. Bairro					33. Município					
34. Distrito			35. UF		36. Telefone (com DDD)			37. CEP		
III - DADOS ESCOLARES										
38. Nome da unidade escolar (UE)										
39. Código UE		40. Código anexo		41. Cód. Série		42. Turno		43. Curso Profissionalizante		44. Educ. Especial
						<input type="checkbox"/> mat. <input type="checkbox"/> vesp. <input type="checkbox"/> not.		Código Cód. habilit		Modalidade área
45. Aluno Indígena <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não			46. Etnia Indígena			47. Aluno Quilombola <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>				
48. Egresso do TOPA <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> Não					49. Egresso da rede <input type="checkbox"/> Municipal <input type="checkbox"/> Estadual <input type="checkbox"/> Federal <input type="checkbox"/> Privado <input type="checkbox"/> outros					
50. Data			51. Assinatura do responsável			52. Carimbo e assinatura do responsável pela matrícula				

 <b>GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA</b> Secretaria da Educação do Estado da Bahia Superintendência de Organização e Atendimento da Rede Escolar	<b>COMPROVANTE DE MATRÍCULA</b>
--	---------------------------------

I - IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO									
1. Nome do Candidato									
II - DADOS DA MATRÍCULA									
2. Nome da Unidade Escolar									
3. Série			4. Turno <input type="checkbox"/> mat. <input type="checkbox"/> vesp. <input type="checkbox"/> not.			5. Data			

FOR02\_3\_12\_03\_V00\_FICHA\_DE\_MATRICULA\_DIROE\_CMT

A *ficha de matrícula* é composta por informações sociais e culturais que devem ser preenchidas pelos pais/responsáveis ou pelo próprio aluno, que na *ficha* é tratado como candidato. Verificamos que a *ficha* solicita os nomes dos pais e o apelido (apenas da mãe). A utilização desse termo informal em um documento formal, o “apelido”, insere na *ficha* um aspecto cultural, já que apelido é algo comum entre as pessoas. Essa característica faz com que o gênero desvie do padrão de um documento oficial.

O gênero escrito destaca entre as informações dos pais e alunos a cor e etnia, e se o aluno possui alguma necessidade especial. Observamos também que há na *ficha* erros de digitação “Mão do aluno”, informações imprecisas (analisando atentamente a *ficha* não sabemos se a data de nascimento e o número do documento são do aluno ou do responsável). Essa *ficha de matrícula* exige a interação entre pais/responsáveis e algum representante da escola, já que há dados que são da responsabilidade da escola como o “código da unidade”. Um gênero que representa um diálogo entre vozes do Estado, colégio, pais/responsáveis e dos próprios alunos/candidatos. Em um dos momentos de visita, percebemos que o preenchimento da *ficha* não era considerado tarefa fácil para os pais. Presenciamos um momento em que um responsável não sabia como responder as informações sobre a cor/etnia. Necessitou da ajuda da auxiliar administrativo para então terminar processo da matrícula do filho. No fundo, quem declarou a cor/etnia foi a funcionário, não o pai.


No C1, observamos que antes do período da matrícula, os pais dos alunos recebem no final do ano letivo uma *carta* a fim de que eles preencham um formulário de permanência do filho (a) na escola. A *carta* além de comunicar sobre o processo de matrícula serve também como uma pré-matrícula dos alunos. Com a *carta* respondida pelos pais/responsáveis, a escola assegura a vaga do estudante na escola. Segundo a direção da escola, alguns itens da *carta* já vão preenchidos para facilitar a compreensão.

A *carta* segue o modelo da enviada pelo Estado para todas as escolas. Ela começa com o cabeçalho, logo depois o nome do responsável pela matrícula e o nome do aluno. A mensagem usa uma saudação para os alunos, indicando respeito. O enunciador contextualiza o final do ano letivo de 2013, explicando ao mesmo tempo como será o processo de matrícula para o próximo ano letivo. Abaixo dessa mensagem, há os dados dos alunos e seguimentos para o (a) receptor (a) preencher. A *carta* se divide em uma parte que ficará com o (a) aluno (a) e a outra via que é da escola. O gênero usado pelo governo não tem saudação de despedida nem uma assinatura. A mensagem é finalizada com uma frase apelativa, típica de propaganda. Destacamos que essa carta foi a única comunicação individual escrita para os alunos encontrada no C1.

Analisando esse gênero percebemos um ponto interessante: a “*carta – matrícula*” não segue os padrões de uma carta normal (não preenchemos formulários nas cartas). O estilo da *carta-matrícula* é demarca pelo objetivo comunicativo (comunicar sobre a matrícula e ao mesmo tempo realizar a própria inscrição do aluno) do C1. Fugindo dos padrões da carta convencional, a situação comunicativa não exige que o aluno responda à correspondência em

outro espaço, pelo contrário, o aluno confirma sua matrícula no mesmo espaço ao preencher as lacunas como observamos na imagem abaixo.


Figura 33: Carta de renovação da matrícula do C1.



**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA

**CARTA DE RENOVAÇÃO DE MATRÍCULA**  
**COLEGIO ESTADUAL PROFESSOR EDGARD SANTOS**

R. RUA MANOEL MACHADO PEDREIRA, SN(112) - CENTRO - GOVERNADOR MANGABEIRA - BA



\*\* VIA ALUNO \*\*

<b>MÃE / PAI</b>	ROSEMEIRE DE ALMEIDA SANTOS DA CRUZ		
<b>ALUNO</b>	RAPHAEL SANTOS DA CRUZ		

Prezado(a) Aluno(a),  
Chegamos ao tão esperado momento de renovar sua matrícula, para que no próximo ano, você continue a trilhar o seu caminho na busca do conhecimento e de um futuro melhor.  
Para confirmar a permanência nesta unidade escolar, basta assinar a opção renovar matrícula e entregar na secretaria desta escola até o dia 30 de dezembro de 2013.  
Se quiser se matricular em outra escola, marque a opção não renovar. Isso significa que nos dias 17 e 18 de fevereiro de 2014, você poderá realizar sua matrícula via internet, com o seu código de renovação disponível nesta carta, através do site [www.educacao.ba.gov.br](http://www.educacao.ba.gov.br) ou indo a qualquer escola estadual.  
A não devolução deste documento preenchido com sua opção implica na desistência da vaga.  
Garanta sua vaga. Faça já sua renovação!

ALUNO			
<b>NOME DO ALUNO</b>	RAPHAEL SANTOS DA CRUZ		
<b>DATA NASCIMENTO</b>	28/10/1997	<b>SEXO</b>	MASCULINO <span style="float: right;">RM 7971620</span>
<b>NOME DA MÃE</b>	ROSEMEIRE DE ALMEIDA SANTOS DA CRUZ		
<b>NOME DO PAI</b>	JOSE OLIVEIRA DA CRUZ		

OPÇÕES DE RENOVAÇÃO	
<b>CÓDIGO RENOVAÇÃO</b>	5i\$7DqRuT
<b>RENOVAR MATRÍCULA:</b> ( ) SIM ( ) NÃO	<b>INTENÇÃO DE MUDANÇA DE TURNO:</b> ( ) SIM ( ) NÃO
OPÇÕES DE SÉRIE:	
3ª SÉRIE - ENSINO MÉDIO	

Assinatura e Carimbo da Escola  
Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

\*\* VIA ESCOLA \*\*

**COLEGIO ESTADUAL PROFESSOR EDGARD SANTOS**  
R. RUA MANOEL MACHADO PEDREIRA, SN(112) - CENTRO - GOVERNADOR MANGABEIRA - BA

ALUNO			
<b>NOME DO ALUNO</b>	RAPHAEL SANTOS DA CRUZ		
<b>DATA NASCIMENTO</b>	28/10/1997	<b>SEXO</b>	MASCULINO <span style="float: right;">RM 7971620</span>
<b>NOME DA MÃE</b>	ROSEMEIRE DE ALMEIDA SANTOS DA CRUZ		
<b>NOME DO PAI</b>	JOSE OLIVEIRA DA CRUZ		

MATRÍCULA			
<b>PERÍODO LETIVO</b>	2013	<b>CÓDIGO RENOVAÇÃO</b>	5i\$7DqRuT
<b>TIPO DE ENSINO</b>	ENSINO REGULAR	<b>MODALIDADE</b>	MÉDIO
<b>SUBMODALIDADE</b>	MÉDIO	<b>SÉRIE</b>	2ª SÉRIE - ENSINO MÉDIO
<b>PERÍODO DO DIA</b>	VESPERTINO	<b>CLASSE</b>	TURMA 2V7 <span style="float: right;">NÚMERO 23</span>

OPÇÕES DE RENOVAÇÃO	
<b>RENOVAR MATRÍCULA:</b> ( ) SIM ( ) NÃO	<b>INTENÇÃO DE MUDANÇA DE TURNO:</b> ( ) SIM ( ) NÃO
OPÇÕES DE SÉRIE:	
3ª SÉRIE - ENSINO MÉDIO	

Assinatura e Carimbo da Escola  
Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura (pais, responsável ou aluno maior de 18 anos)

As características da *carta* confirmam a perspectiva de Bakhtin (2003) sobre que os gêneros são enunciados relativamente estáveis, ou seja, os gêneros são flexíveis aos contextos comunicativos, nesse caso uma carta no período de matrícula. Consideramos diante dos gêneros *comunicados*, do *convite*, da *carta*, da *ficha de matrícula* e do *contrato* utilizados nas escolas nas diferentes relações o que Bakhtin (2003) destacou sobre o estilo de cada gênero, ou seja, no contexto escolar estes gêneros ganharam um novo contorno, podendo mesclar-se a outros gêneros e ao mesmo tempo imprimindo a estes gêneros seu estilo próprio, pois conforme Antunes (2009, p.35) a língua é uma atividade funcional e esta está a serviço das pessoas.



## 4 A COMUNICAÇÃO ESCOLAR ATRAVÉS DAS TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E O ENSINO DE LÍNGUA

Vivemos em uma sociedade marcada pela comunicação virtual e a escola participa das novas formas de interação. Dessa forma, neste capítulo, continuamos nossas análises sobre os gêneros comunicativos na escola, abordando os gêneros que não são mediados apenas pelas relações sociais, mas também pelas tecnologias da comunicação. A comunicação mediada pelas tecnologias contemporâneas, nas escolas, passa pelas mensagens curtas (SMS), *sites*, *e-mails*, *whatsapp* e pelo *facebook*. Esses gêneros abrangem as relações dentro e fora da escola.

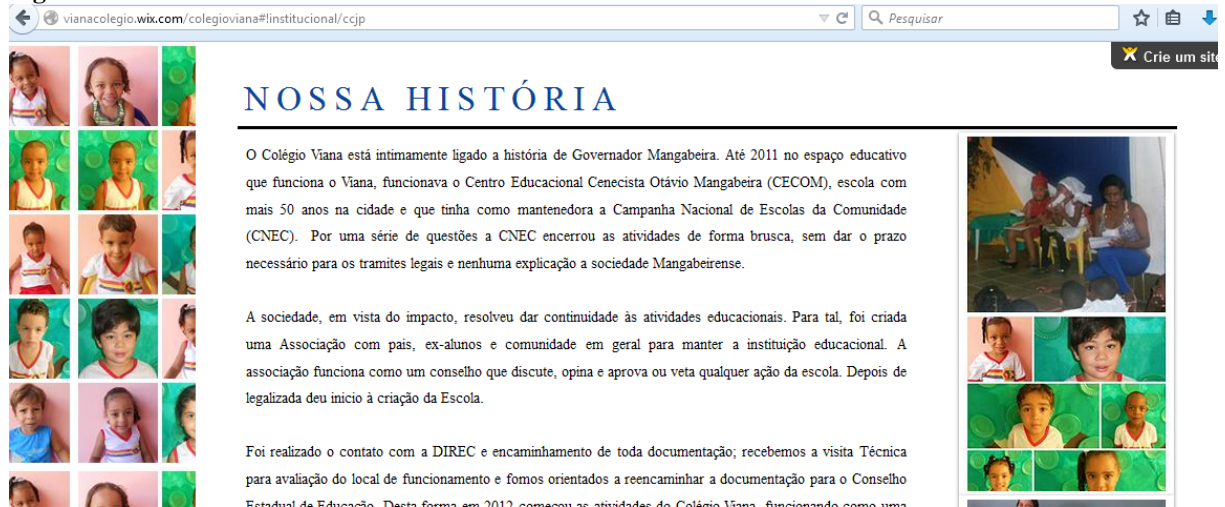
As escolas utilizam do sistema de mensagem curtas (SMS) para interagir com pais, professores e funcionários. Para a direção do C1, as mensagens enviadas pelo celular são uma forma prática, principalmente, se for uma urgência como doença ou indisciplina do aluno. A escola usa o SMS também para informar sobre matrícula e reuniões. Conforme a diretora é um gênero que tem efeito rápido, já que os pais respondem com celeridade. Para o diretor do C2, a mensagem SMS ajudou a escola até nos problemas de inadimplência, pois, os pais recebem um *comunicado escrito* sobre o débito, caso não apareçam, a escola envia uma mensagem para o celular do responsável, solicitando que compareça à escola para resolver a dívida. Conforme o diretor, a estratégia comunicativa tem surtido efeito, uma vez que os pais comparecem mais rápido do que pelo *comunicado* recebido.

A partir da perspectiva de gêneros adotada nesse estudo, consideramos, assim, que as mensagens SMS têm características específicas em cada escola, pois as relações sociais nas escolas são diferentes.

### 4.1. *Site e e-mails*

Nesse processo de comunicação virtual, destacamos o uso dos *sites* e dos *e-mails*, administrados pelos diretores ou coordenadores das escolas. O *site* do C2 apresenta um resumo da história da instituição, os projetos realizados, fotos das atividades, alunos, professores e funcionários. É mais um meio também para a escola fazer propaganda e conquistar pais e alunos, o *site* torna-se uma vitrine da escola.

Figura 34: Recorte do site do C2.



Na primeira seção do *site* do C2, observamos um texto que narra como o colégio surgiu, as etapas para o processo de legalização e funcionamento da instituição. Texto explicativo, escrito na linguagem formal como nos *comunicados* analisados no capítulo anterior.

Figura 35: Recorte do site do C2.



Na seção representada pela imagem, o C2 descreve a primeira semana de aula do ano de 2014 como a realização da oficina de música. Nesse mesmo espaço há o nome e símbolo do colégio, centralizados, em letras maiúsculas, logo abaixo o “bordão” utilizado nas propagandas do colégio. A seção ainda apresenta fotos dos alunos na oficina de música.

Percebemos ao acompanhar a página que a última atualização ocorreu no mês de sua criação, março de 2014. Essa situação é confirmada pelos próprios alunos que citaram no questionário não frequentar o site porque não é atualizado e não tem nada de interessante para a turma:

Se há site, você utiliza, visita esta página? Com que frequência? Considera importante? Justifique. (Questionário)

Raramente, se tivesse atualizações recentes sobre assuntos interessantes aos alunos sim, mas no caso do site do colégio é dispensável. (3º ano).

Não utilizo, acho importante para melhor comunicação (1º ano).

Porque a escola não divulga o site para os alunos. (2º ano).

O site, não, mas a página do facebook sim. (1º ano).

A evolução tecnológica permitiu ao homem, por meio de programas computacionais, comunicar-se em fração de segundos, diminuindo as distâncias entre as pessoas. Os suportes digitais juntamente com a internet proporcionam aos seus usuários uma interação rápida e também econômica. É nesse contexto de comunicação que a tecnologia se especificou nos programas de interação virtual. São salas de bate-papo (*chats*), *blogs*, páginas de relacionamento, *Twitter*, *MSN*, *facebook*, *whatsapp*, *e-mail*, que surgem e progridem constantemente com a ampliação da internet. As diferenças entre essas páginas de interação social situam-se, por exemplo, na sincronicidade ou assincronicidade, isto é, se a comunicação ocorre em tempo real ou não. Assim, o *e-mail*<sup>29</sup> é um espaço com características específicas por causa da assincronicidade e sincronicidade, assemelhando-se, muitas vezes, a uma carta, a depender dos sujeitos interlocutores e do conteúdo ou uma conversa face a face.

Rodrigues (2005, p.164) apoiando-se nas palavras de Bakhtin afirma “[...] o que constitui um gênero é a sua ligação com uma situação social de interação, e não as suas propriedades formais [...]”, ou seja, a existência do *e-mail* é justificada pela interação virtual entre os sujeitos. O *e-mail* é um gênero utilizado pela direção e coordenação para informar sobre reuniões, mudança no horário, cronograma de avaliação. Sobre a presença dos gêneros virtuais Marcuschi (2008, p.198) explica

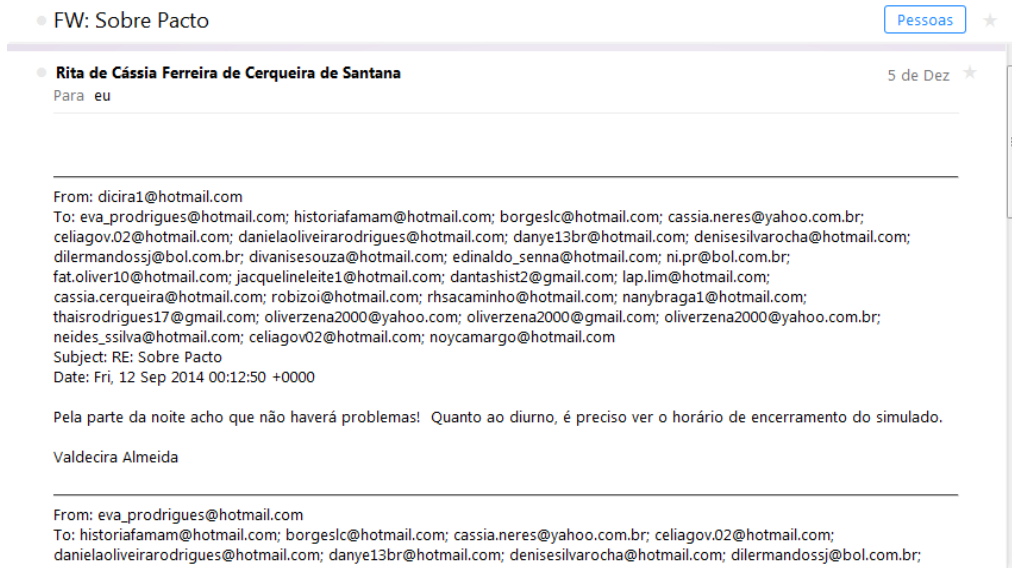
Se tomarmos o gênero enquanto texto concreto, situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, relativamente estável do ponto de vista estilístico e composicional, servindo como instrumento comunicativo com propósitos específicos como forma de ação social, é fácil perceber que um novo meio tecnológico, que interfere em boa parte dessas condições, deve também interferir na natureza do gênero produzido [...]

Os *e-mails* são enunciados surgidos no ambiente virtual para representar os objetivos comunicativos entre diferentes sujeitos. A imagem abaixo corresponde aos *e-mails* utilizados na comunicação entre direção/coordenação e professores.

<sup>29</sup> O e-mail surgiu em 1972/3 nos Estados Unidos e está entre os gêneros mais praticados na escrita. (Marcuschi, 2008)

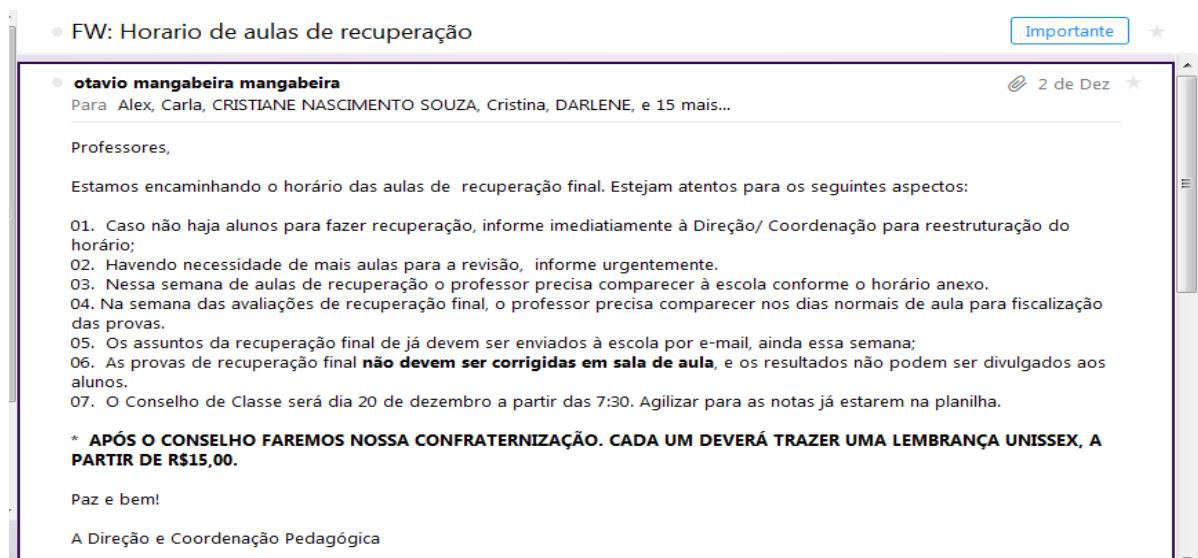
Esses *e-mails* foram cedidos gentilmente pelas escolas para contribuir com a pesquisa. Tanto o C1 quanto o C2 os professores utilizam também o *e-mail* criado pela escola para enviar notas, avaliações, comunicar sobre reunião, cancelamento de aula.

**Figura 36:** E-mail entre direção e professores do C1.



O *e-mail* acima se refere à comunicação entre a coordenação e os professores do C1 sobre uma reunião de um grupo de professores que participam do Pacto pela Educação. Percebemos que há a interação, visto que, os professores respondem ao *e-mail*, a partir da resposta do colega anterior. O *e-mail* reflete a comunicação oral muito presente no C1 como se fosse uma conversação face a face.

**Figura 37:** E-mail da direção para os professores do C2.



Analisando os *e-mails* do C2, constatamos que esse gênero é um dos principais mediadores da comunicação entre direção/coordenação e professores para informar sobre reunião, mudança no horário, orientações. O *e-mail* apresentado no corpo desta pesquisa corresponde às últimas orientações para o final de ano da escola. A direção pontua sobre resultados, confraternização entre funcionários, datas entre outros. Observamos no corpo do texto escrito um vocativo, as orientações enumeradas e uma informação em negrito. No final do texto há uma saudação e a assinatura da direção. A direção/coordenação tem a mesma posição do *comunicado* no *e-mail* ao utilizar a 1ª pessoa do plural (uma forma de manter boas relações). A fim de que confirme o recebimento dos *e-mails* e a compreensão dos interlocutores, a escola também adotou uma espécie de protocolo *online*, isto é, cada interlocutor, por exemplo, precisa confirmar o recebimento do *e-mail* para direção.

Conforme a direção, a medida foi adotada, pois alguns professores não liam os *e-mails* e conseqüentemente perdiam prazos para envio de notas, avaliações. A confirmação do *e-mail* reforça o lado institucional e documental da escola particular. Esse *e-mail* ratifica a relação que o C2 tem com a escrita bem como o *e-mail* torna-se mais documental e institucional do que do C1. A partir dos *e-mails* das escolas, compreendemos que os gêneros são adequados, especificamente, ao momento comunicativo, e conforme Bakhtin (2003)], à relação estabelecida pelos interlocutores dentro dos seus contextos culturais.

Observamos também que as relações entre os gêneros (*e-mail* com conversação face a face; *e-mail* com os *comunicados*) confirma que nossas ações comunicativas estão associadas a ações que nós conhecemos de outras experiências como Bakhtin afirma sobre as relações entre os enunciados.

## 4. 2 Facebook

Há dez anos o MSN<sup>30</sup> era utilizado como uma das principais redes de comunicação virtual. Hoje utilizamos de outras redes sociais como *facebook*, *o whatsapp*, *o instagram*. Percebemos que a cada ano que a tecnologia se aprimora as redes de comunicação também avançam, proporcionando aos interlocutores uma interação mais dinâmica. O *whatsapp*<sup>31</sup>, por

---

<sup>30</sup> O MSN (Microsoft Service Network) surgiu aproximadamente em mil novecentos e noventa e quatro, como programa da Microsoft aliado às estratégias da internet. Este programa objetiva uma conversação também em tempo real, em que os internautas têm suas páginas individuais, estas são preenchidas por outros contatos por meio de um e-mail.

<sup>31</sup> O *whatsapp* também é utilizado pelos alunos, direção, funcionários e professores. A pesquisadora não teve acesso a estas conversas. No entanto os alunos e professores, os grupos relataram que os grupos de conversa surgiram com esta nova tecnologia da comunicação. O *whatsapp* possibilita a interação entre alunos e

exemplo, muito citado pelos alunos (para interação entre eles e os professores ou entre os colegas) é denominado como um aplicativo para os celulares com *android*<sup>32</sup>. É uma versão móvel do MSN, que ao invés do *e-mail*, você interage pelo número de celular que também tem o aplicativo. Assim como no *MSN* o interlocutor pode enviar no espaço de conversas *emoticons*, fotos, vídeos, criar grupos de conversas, no *whatsapp* pode realizar o mesmo. Nesse sentido, os sujeitos encontram outro espaço de comunicação, o ciberespaço.

O ciberespaço, conforme Costa (2006, p. 20), “é um espaço de interação dinâmica, uma esfera social de comunicação viva da oralidade e da escrita feita de maneira mais complicada e mais complexa, cujas mensagens potenciais são lidas e escritas em várias direções [...]”. Pierre Lévy (1993), nos estudos sobre suportes digitais e suas consequências, explica que o computador não é apenas um instrumento a mais para produzir textos, mas um suporte mecânico que combinado a *hardware*<sup>33</sup> e *software*<sup>34</sup> torna-se um lugar fecundo no aparecimento de novos gêneros. Costa (2005) destaca que este espaço virtual está proporcionando um (re) encontro entre as sociedades orais e a escrita por causa de suas especificidades, como a velocidade da comunicação. Nesse sentido, Xavier (2000) afirma que o *bate-papo*, por exemplo, proporciona diálogos com ritmo conversacional, como em uma conversa telefônica. Percebemos no ambiente virtual que a relação entre os sujeitos é multilinear.

Pode-se afirmar, então, que o ambiente virtual de comunicação são espaços de produção de linguagem, no entanto há muito que se considerar sobre a mesma. Não se trata, conforme Marcushi (2005), de inovações linguísticas, mas de gêneros baseados na escrita, uma linguagem já existente, que é reestruturada com outros suportes. O internauta tem como mediadores na conversação a tela do computador ou do celular, o teclado e a internet, bem como o grande desafio de interagir com outros, muitas vezes, de maneira síncrona. Considera-se, então, que os gêneros emergentes no ambiente virtual (*Chat, MSN, Facebook, Instagram e Twitter*), conforme Marcushi (2005), centralizam-se na escrita, pois para o autor a tecnologia digital depende totalmente dela.

Além da centralização na escrita, o ambiente virtual proporciona o surgimento de gêneros marcados pela hipertextualidade, a hibridização e a multimodalidade. A última

---

professores. Os alunos encaminham dúvidas aos professores que orientam com rapidez. Os professores, além de diminuir as dúvidas, usam o *whatsapp* também para indicar sites de estudos, livros, filmes, conselhos entre outros.

<sup>32</sup> Sistema operacional móvel. Esse sistema utiliza-se da tela sensível ao toque para que o usuário possa manipular objetos virtuais e também de um teclado virtual.

<sup>33</sup> Conjunto de componentes eletrônicos.

<sup>34</sup> Parte lógica do computador.

característica torna o gênero mais atrativo e interativo. Dessa forma, a partir dessas reflexões sobre os gêneros nos ambientes virtuais, entendemos o porquê deles estarem presentes na comunicação escolar e serem destaques no resultado desta pesquisa. Os alunos, professores, diretores ou pais são sujeitos situados nessa sociedade marcada pela interatividade virtual, sujeitos que acompanham as mudanças tecnológicas, logo mudanças na comunicação.

A escola utiliza do *Facebook* para se comunicar. Essa rede social criada por um grupo de estudantes dos Estados Unidos é o reflexo de que a evolução tecnológica ampliou as formas de interação social, mas que mantém as características básicas da língua: o dialogismo e a intertextualidade, pontuados por Bakhtin (2003).

A rede social do C2 divulga projetos, realizações de atividades bem como informa sobre acontecimentos como pudemos perceber quando divulgou uma nota de pesar sobre o falecimento de um professor. Na rede social, a escola posta a nota e descreve as características do professor. A imagem abaixo é o recorte da rede social no dia 20 de setembro de 2014, assim que a escola soube do acontecido.

**Figura 38:** Recorte da página da rede social do C2.

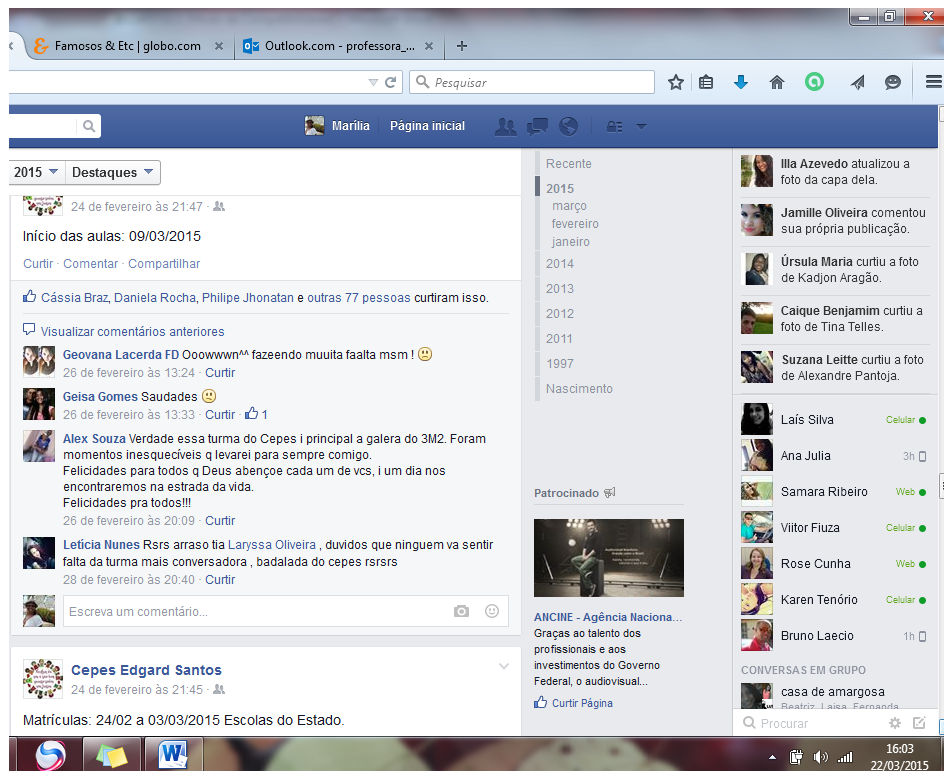


A comunicação virtual através do *Facebook* possibilita certificar-se de que os destinatários receberam a mensagem, pois há curtidas e a possibilidade de resposta (comentários). Observamos também que a mensagem veiculada na rede social se diferencia de outros tipos de *comunicados* que a escola produz, sempre com cabeçalho, data e assinatura. Essas diferenças são justificadas pela rede social que sempre marca a data da postagem e a própria página já indica o enunciador.

Percebemos que a mensagem da escola carrega o tom emotivo, representados nas *hashtags*<sup>35</sup> utilizadas no final da mensagem (#escoladeluto; #triste). Esse estilo ratifica a perspectiva de Bakhtin (2003) de que os gêneros organizam a língua e a vida em diferentes situações comunicativas. Assim, a escola, em uma questão de vida (falecimento do professor) transformou seu padrão comunicativo.

O C1 não possui site, a interação virtual com a comunidade se confirma através da rede social. No *facebook* da escola são disponibilizadas informações sobre a escola, mensagem de autoestima, vídeos, poemas, sugestões de sites e músicas. A imagem a seguir corresponde ao *print* do *facebook* da escola comunicando na rede o início das aulas do ano de 2015. Uma informação simples e objetiva. Não há assinatura, mas o contexto virtual completa o sentido da mensagem.

**Figura 39:** Recorte da página da rede social do C1.



Diante da postagem, há alguns comentários e mais de cinquenta curtidas. As respostas dos alunos à informação divulgada pela escola representam a possibilidade de uma interação simultânea, com diferentes sujeitos, rompendo barreiras geográficas, temporais e linguísticas.

<sup>35</sup> Para Fábio Malini *hashtags* são uma espécie de metadados, que existem para agregar informações semelhantes. Ela funciona como um assunto que vira tendência de opinião e que, quando começa a crescer, acaba entrando em uma área nobre, os Trending Topics do Twitter, pontos mais fortes de discussão online, ou seja, um termo que serve para categorizar as mensagens.



Conforme a direção, a rede social é mais um recurso para a comunicação direta da escola com os pais, professores, alunos e com a comunidade. Percebemos também que a diretora, administradora da página, posta mensagens bíblicas diariamente para a comunidade escolar<sup>36</sup>.

Em outro dia de observação do *facebook* do C1 (5 de janeiro de 2015), verificamos que o colégio utiliza da página para lembrar aos alunos sobre a semana de recuperação final iniciada no dia 5 de janeiro.

**Figura 40:** Facebook do C1.



Na postagem observamos que a escola se refere à comunidade escolar como família, diferentemente dos *comunicados*, *avisos* encontrados na escola e no momento comunicativo, o nome do colégio é destacado a partir da marcação na postagem. Não há especificação da data da semana de prova, no entanto, a mensagem não é imprecisa como o *aviso* analisado na outra seção, pois a tecnologia permite saber a data e hora da postagem.

Em outra observação, a página do C2, por sua vez, divulgava os resultados de um projeto pedagógico realizado na escola.

<sup>36</sup> Durante as entrevistas, alguns alunos citaram não utilizar a rede social da escola por não ter acesso à internet como verificamos em uma das respostas dos alunos ao questionário sobre a rede social da escola<sup>36</sup>  
 “Se há rede social, você utiliza, visita esta página? Com que frequência? Considera importante? Justifique.”

**Figura 41:** Facebook do C2.



Nessa postagem, o C2 apresenta fotos dos alunos, da palestrante. Observamos a página do C2 como veículo de propaganda ao expor com frequência, na rede social, as atividades e projetos da escola.

A comunicação virtual também está presente entre professores e os alunos, pois eles criam suas páginas e grupos de cada turma. Os alunos do C1 e C2 adicionaram a pesquisadora e com acesso aos grupos podemos observar que a rede é utilizada para os professores divulgarem editais, alunos fazerem convites, orientações pedagógicas entre outros. A figura abaixo destaca um edital do processo seletivo da Universidade do Estado da Bahia postado pela professora de filosofia no grupo do terceiro ano do C1.

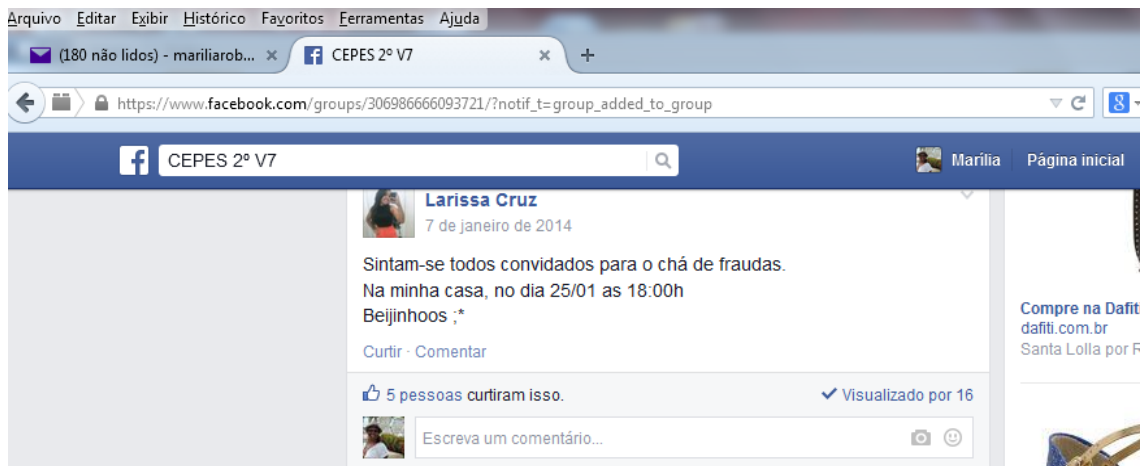
**Figura 42:** Grupo no Facebook dos alunos do 3º do C1.



A professora posta o edital do vestibular bem como o *link* para que os alunos acessem a página de inscrição. No *facebook*, a tecnologia permite que saibamos os enunciadores também pela foto, eliminando a assinatura.

Os grupos criados pelas turmas nas redes sociais, conforme alunos e professores, também servem para os alunos postarem informações que não são especificamente relacionadas à escola, ou seja, os grupos das turmas é um espaço em que os papéis dos sujeitos não são apenas de alunos e professores, mas de pessoas que assumem outros papéis. A figura, a seguir, apresenta uma aluna convidando os colegas do grupo para o chá de fraudas.

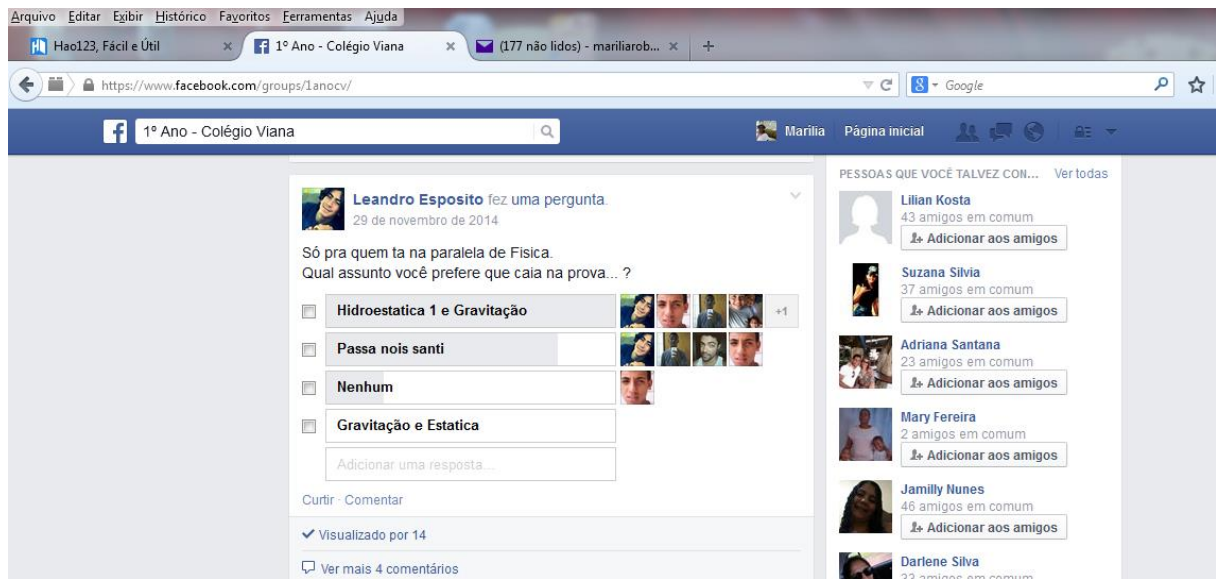
**Figura 43:** Grupo no Facebook dos alunos do 3º ano do C1.



A interação é observada pelas curtidas e a quantidade de visualização. A mensagem possui uma linguagem objetiva e características de um convite impresso. Ressaltamos que o *facebook* permite saber se a mensagem foi lida pelos destinatários, através da tecnologia de visualização.

Observamos também no uso dos gêneros virtuais os alunos como enunciadores. Assim como verificamos a aluna do C1 convidando os colegas, no C2 os alunos expõem suas ideias, propõem interação entre os componentes do grupo. Apresentamos a seguir uma comunicação no grupo dos alunos do 2º EM do C2.

**Figura 44:** Grupo no Facebook dos alunos do 2º ano do C2.



Na interação um aluno propõe uma enquete aos colegas sobre o conteúdo que deveria estar na recuperação de Física. Em resposta, os alunos escolhem o conteúdo e ainda comenta sobre a prova. Assim, compreender a língua a partir dos gêneros nos permite entender também que em determinados momentos comunicativos somos emissores ou receptores das mensagens.

A página da turma do 3º do EM do C2 é utilizada para os professores que postam listas de assuntos, listas de questões, sugestões de livros, textos complementares. A figura apresenta um professor que posta o simulado da turma com gabarito.

**Figura 45:** Grupo no Facebook do 3º ano do C2.



**Figura 46:** Grupo no *facebook* do 3º ano do C2.



Não observamos, até o momento que analisamos a página, a interação dos participantes do grupo através das “curtidas” ou comentários, mas identificamos que o documento foi visualizado pelos componentes. Ressaltamos que esses grupos criados pelos alunos e professores, por muitas vezes, são interdisciplinares. No grupo do terceiro ano do C2, encontramos interações entre professores de filosofia, biologia, química, matemática, entre outros.

### 4.3 Os gêneros que circulam na escola e o ensino de língua

Nesse contexto de interação entre alunos e professores na escola e no *Facebook*, nosso estudo também analisou se os gêneros que fazem parte da comunicação escolar são utilizados no ensino de leitura e escrita pelos professores de língua.

Do ponto de partida teórico, o ensino de língua baseado no uso dos gêneros é necessário, considerando que a língua, conforme Bakhtin se faz por meio dos gêneros discursivos. Schneuwly e Dolz et al. (2004, p.49), destacam que “os gêneros devem constituir os ingredientes do trabalho escolar, pois, sem os gêneros, não há comunicação, e, logo, não há trabalhos sobre comunicação.” Por outro lado, do ponto de vista prático, estamos observando que ao longo do tempo, o processo de “escolarização”<sup>37</sup> dos gêneros, eles vão perdendo a sua

<sup>37</sup> Esta palavra é utilizada para fazer referência ao ensino dos gêneros no dia a dia do professor de língua como conteúdo ou objeto de ensino. Rojo apoiando-se em Schneuwly e Dolz et al (2004) diferencia “gêneros escolares 1” (gêneros como processo da comunicação escolar) e “gêneros escolares 2” (gêneros que a instituição escolar toma como objeto, conteúdo de ensino).

essência (dialogismo, intertextualidade, dimensão social). Os livros didáticos, por exemplo, trazem os gêneros como regras de escrita<sup>38</sup> (como fazer uma carta, como escrever uma crônica), deixando de lado a essência dos gêneros que é a interação social. Os alunos não aprendem que o gênero pertence a uma esfera social/comunicativa e que ele como aluno pode ser um interlocutor durante essa interação social. Além disso, por muitas vezes os gêneros encontrados nos livros didáticos não incluem os gêneros que fazem parte da realidade dos alunos ou aqueles que permitam um avanço no desenvolvimento da escrita em diferentes espaços comunicativos como no ambiente virtual.

O uso dos gêneros no processo de ensino da língua abrange aspectos da leitura/compreensão de textos e dos diferentes usos da língua (modalidade oral ou escrita). Irandé Antunes (2003, p.50) sobre os gêneros no ensino ressalta:

Os gêneros de textos evidenciam essa natureza altamente complexa das realizações linguísticas: elas são diferentes, multiformes, mutáveis, em atendimento à variação dos fatores contextuais e pragmáticos que incluem e, por outro lado, são prototípicas, são padronizadas, são estáveis, atendendo à natureza social das instituições sociais a que servem.

Assim, não há como restringir o uso do gênero para aulas de classificações gramaticais, quando se pode explorar, a partir da dimensão histórica e cultural dos gêneros, as relações entre os sujeitos, a flexibilidade da linguagem diante dos fatores enunciativos. Destacamos nesse processo dos gêneros inseridos no ensino de língua, a variedade de gêneros que o professor pode utilizar. Bakhtin (2003) ao diferenciar os gêneros primários e secundários nos faz entender que os gêneros ultrapassam o campo da literatura, pois eles fazem parte da nossa vida das mais simples às mais complexas situações de comunicação, como observamos na comunicação no C1 e C2.

Refletiremos, então, o uso ou não dos gêneros comunicativos encontrados nas escolas pelos professores de língua do C1 e do C2. Para tanto, dialogamos as entrevistas, os questionários utilizados nesta pesquisa. Percebemos a partir das falas dos alunos e dos próprios professores que os gêneros mais utilizados têm um vínculo com a literatura ou são aqueles que os livros didáticos exploram e esquematizam para cada ano letivo. Conforme a

---

<sup>38</sup> Nesse contexto, há também que se considerar que os gêneros podem ser utilizados pelos professores como pretexto para o ensino “decoreba” das classificações gramaticais. Assim, o uso do gênero não é apenas inserir os gêneros como recurso, mas repensar a concepção de língua que o professor tem e ensina. Irandé Antunes (2009, p.50) sobre o ensino de língua afirma que a compressão da textualidade proporciona mudanças no olhar para o objeto investigativo, este que ampliou da questão estrutural para funcional.



professora CB<sup>39</sup>, do C2, de Língua Portuguesa, há um constante trabalho com alguns gêneros literários como conto, crônica, os romances. Quando perguntada sobre a utilização dos gêneros encontrados na escola como o *contrato*, a *ficha de matrícula*, o *edital*, o *comunicado escrito*, a advertência entre outros, a professora C. B. respondeu que:

[...] e::h com esses gêneros especificamente não, só com o ofício porque os alunos precisavam produzir um ofício para entregar a direção.

A resposta coincide com a do questionário:

Na sua prática, você já teve a oportunidade de ensinar aos alunos produzirem algum texto como comunicado, memorando, convite? Se sim, qual a importância deste momento.

“Esses tipos de textos especificamente ainda não tive oportunidade ou não criei a oportunidade para esse tipo de produção. Porém, já trabalhamos ofício. (C.B, C2.).

Questionada sobre a não utilização dos gêneros encontrados na escola, CB compreende que como esses gêneros não são úteis ainda aos alunos, por isso, não foram trabalhados. Ela fala sobre o contrato como um gênero que pertence mais ao ambiente comercial e como os alunos não usam momentaneamente não foi trabalhado em sala de aula. Por outro lado, a professora esclarece que se fosse uma necessidade utilizaria em seu trabalho. Compreendemos que a escola precisa ser uma via de acesso aos gêneros que os alunos encontrarão ao longo de sua vida dentro e fora da escola. No entanto, a postura da escola particular quanto ao *contrato*, nos parece, que seja uma atitude de autoproteção, pois se a escola ensina a lidar com o *contrato*, ela está minando todas as possibilidades de manter as possíveis cláusulas abusivas, a unilateralidade entre outros.

Quanto ao uso do ofício, a prática surgiu de uma necessidade dos alunos apresentarem um ofício à direção da escola. CB explicou como ocorreu a prática de ensino da escrita do ofício em sua aula:

“Pedi pra que eles trouxessem exemplos de ofícios observassem o objetivo que eles tinham e daí eles construíram” (C.B., C2)

A aluna LM (3º EM), na sua entrevista, falou sobre a produção desse ofício. Segundo a aluna, a experiência se deu pela necessidade. Ela destacou na sua fala que a professora tirou as dúvidas, mas que ofício não foi algo da programação da professora como uma rotina. Perguntada, se ela tinha contato com algum dos gêneros encontrados na escola como o *edital*, o *contrato*, ela respondeu:

“como leitura, só o ofício, mas não da declaração, do edital ou do contrato.”(LM, 3º EM, C2).

---

<sup>39</sup> Para nossa pesquisa, por questões éticas abreviamos os nomes das professoras e alunos.

Ainda no contexto do C2, a professora de redação LS falou que o gênero edital foi explorado em suas aulas, visto que ela percebeu a necessidade dos alunos. Como a escola estava envolvida no projeto de Meio Ambiente, e uma das atividades a ser realizada pelos alunos do 2º ano do EM era a construção de um edital para concurso de redação, o gênero se tornou um recurso para aula. Nesse contexto, os alunos foram envolvidos pela leitura de um edital (o edital de um processo seletivo) e depois receberam as orientações da professora para produzir o edital do projeto.

Compreendemos a partir das respostas das duas professoras ao questionário que há a utilização dos gêneros no ensino de Língua Portuguesa, elas reconhecem a importância desses, no entanto, os exemplos citados por elas reforçam os gêneros escolarizados pelos livros didáticos, os cobrados nos processos seletivos são os mais utilizados. Não há o reconhecimento ainda de que a escola é um espaço comunicativo, com gêneros que fazem parte das relações sociais.

As professoras do C1 também descreveram suas práticas em relação ao uso dos gêneros no ensino de Língua Portuguesa. Sobre a utilização desses recursos, elas responderam no questionário:

Sim. Textos narrativos (contos, crônicas), e, principalmente, textos argumentativos (cartas, dissertações). Os últimos por serem cobrados em processos seletivos,” (VS). A Escola percebe como gêneros essenciais a serem aprendidos e exercitados.

Sim. Os mais recorrentes são textos dissertativos, charges, textos argumentos, resenha, diário, blog, cartaz, debate, seminário, cujo o objetivo é desenvolver ou melhor conduzir o aluno a desenvolver sua competência comunicativa nas modalidades oral e escrita. Quadrinhos também são utilizados nas aulas. É entender e propiciar aos alunos participação na construção de sentido dos textos, tanto verbal quanto não verbal, visto que a diversidade de gêneros textuais acompanham o nosso dia a dia. (ER, C1)

A professora ER, no questionário, no que se referia ao uso dos gêneros que circulam na escola, ela respondeu da seguinte forma:

Sim, especialmente na EJA. Fizemos uma aula sobre convites, momento em que os alunos puderam produzir um convite para alguma festa tipo aniversário e casamento, foi interessante, pois eles puderam perceber a função social do convite e os itens necessários para sua confecção.

Sobre a importância dos gêneros na sua prática, ER afirmou:

Nossa comunicação se efetiva a partir de algum gênero textual, assim, não há como dissociá-lo da prática pedagógica em Língua Portuguesa. Costumo trabalhar com música, poema, carta, bilhete, seminário, cordel, conto, crônicas, notícias, romance e os relatos orais por serem mais comuns e fazerem parte do mundo dos alunos, tentando fazer um trabalho com gêneros orais e escritos. (E.R., C1)



A professora ainda ressalta no seu questionário que não vê o ensino de Língua fora dos gêneros.

Acredito que um trabalho com Língua Portuguesa não pode ser concebido fora dos gêneros textuais. Todo texto a ser lido e ou escrito vem dentro de um gênero. (E. R., C1)

Na entrevista, a professora ampliou suas considerações ao citar o trabalho feito com o ensino médio sobre abaixo-assinado.

Com as turmas do ensino médio já trabalhei com o abaixo-assinado, foi um momento muito importante, porque eles estavam reivindicando algo. E é bom quando nós nos aproximamos da realidade do aluno, né, a língua é mais viva. (E.R., C1)

Percebemos nas respostas da professora ER, do C1 uma reflexão maior sobre a concepção de língua e de gêneros. Por conseguinte, sua prática também se mostra mais fundamentada no uso dos gêneros que estão mais próximos da realidade dos alunos, principalmente, ao apresentar o ensino do abaixo-assinado, um gênero de cunho político e social.

A segunda professora do C1 participante, sobre a utilização dos gêneros na prática escolar, respondeu no questionário:

“Você utiliza os gêneros textuais na sua prática? Se sim, quais são os mais recorrente? Justifique.

Sim. Email, comunicado, crônicas, contos, notícias, artigos.” (V. S., C1)

Ela afirma, no questionário, que utiliza, mas não descreveu a experiência com o gênero.

“Sim. Foi importante vê-los perceber os mecanismos teóricos utilizados na construção/estrutura destes gêneros textuais de tão comum uso no dia-a-dia.” (V. S., C1).

Na entrevista, a professora confirma sua resposta do questionário, apontando o uso mais frequente dos gêneros do campo literário em sala de aula. Perguntada sobre a utilização dos comunicados orais, escritos, das redes sociais, dos *e-mails* que circulam na escola, ela respondeu:

Me limito aos gêneros virtuais porque o público que eu ensino corresponde aos alunos do matutino da zona rural e pra não constranger prefiro não trabalhar. Uso as crônicas, cartas. O e-mail, mas só a parte escrita e outros gêneros. (V. S, C1)

Questionada como foi o trabalho com o *e-mail*, a professora explicou que trabalha com a parte escrita, de como elaboramos um *e-mail*:

Utilizo a parte escrita, por causa dos alunos que não têm acesso, mostro pra eles como é a linguagem e outras características.

Sobre a importância dos gêneros no ensino de língua, VS confirma sua resposta do questionário. Apresenta os gêneros como ótimos recursos para leitura e escrita.

Em entrevista, os alunos do C1 falaram a experiência com os gêneros citados pelas professoras como a construção do comunicado. Pudemos perceber que os alunos compreenderam a experiência como a produção de mais um texto.

“A professora de redação que nos ensinou ela nos ensinou como fazer esse tipo de texto como desenvolver.” (JS, aluna do 3M do C1).

Já a aluna VS, do 2º EM, citou que não houve ainda na sala de aula um trabalho com os gêneros que circulam na escola. O aluno do 1º Matutino falou que a professora ensina, mas não especificou qual foi o gênero.

“A professora ensina a fazer como escreve, essas coisas aí... carta email” (A S, 3º EM, C1)

Ressaltamos que os gêneros ultrapassam os limites de como escrever ou desenvolver, compreendemos que eles (orais, escritos e virtuais) são recursos para uma visão completa de língua, oportunidade que o aluno tem de perceber a língua dentro de um determinado contexto social, histórico e ideológico ou de perceber a escrita também como prática social.

Sendo assim, as respostas das professoras de Língua Portuguesa do C1 e C2 nos revelam dois pontos importantes, confirmando o que Schneuwly e Dolz et al. (2004) Rojo (2009) discutem: 1- A utilização dos gêneros no ensino de língua ainda precisa de muitas reflexões, pois os gêneros não são apenas os do campo literário. 2- A escola precisa ampliar o acesso do aluno aos mais variados gêneros, tanto a partir dos gêneros que estão nos livros didáticos como a partir dos gêneros que circulam na escola, que são institucionais e são constituídos de linguagem forma e informal.

Nesse contexto de reflexão sobre os gêneros como objeto de ensino, Marchushi (2008) questiona se há gênero ideal para ser trabalhado e ele chega à conclusão que não, mas que há gêneros com maior complexidade que outro. Assim como Marcuschi afirma, acreditamos que não existe o gênero ideal, mas que há várias possibilidades quando entendemos que a língua

se constitui por meio dos variados gêneros. Sobre os gêneros utilizados nos livros e ensinados, Marcuschi (2008) explica:

Uma análise dos manuais de ensino de língua portuguesa mostra que há uma relativa variedade de gêneros textuais presentes nas obras. Contudo, uma observação mais atenta e qualificada revela que a essa variedade não corresponde uma realidade analítica. Pois os gêneros que aparecem nas seções centrais e básicas, analisados de maneira aprofundada são sempre os mesmos. Os demais gêneros figuram apenas enfeite e até para distração dos alunos

Não precisamos nos preocupar com o número de gêneros ensinados, mas que a cada experiência com um gênero (do cotidiano ao gênero do livro didático), este aluno possa compreender que a língua que se faz na interação de um emissor que deve saber o quê e como deve comunicar a partir da sua relação com o receptor. Utilizar o gênero *comunicado* em uma aula possibilitaria a compreensão de os recursos léxicos que fazemos depende justamente da língua em uso, ou seja, da situação comunicativa como observamos o estilo de cada escola na produção do comunicado. Cada professor pode ser o autor da sequência de gêneros a ser explorada em sala de aula, ampliando a visão que o livro didático aborda. Será que junto com o ofício não haveria possibilidade de estudar a declaração? Ainda nos falta como educadores o espírito de investigador da linguagem que nos cerca.

Trabalhar com os diversos gêneros permite que, segundo Schneuwly e Dolz et al. (2004), o aluno tenha diferentes acessos à escrita, é chegar aos objetivos centrais do letramento. Sobre o papel da escola no processo de letramento Rojo (2009, p.12) afirma que “[...] cabe à escola potencializar o diálogo, multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica.” Ampliando essas considerações de Rojo, ressaltamos que a escola também pode explorar o que está entre os limites de seus muros.

Considerando que os gêneros virtuais fazem parte da comunicação na escola, entre alunos, professores, direção/coordenação, nós os percebemos também como recurso para o ensino da escrita ou leitura, pois eles fazem parte da comunicação em que escrita e oralidade se relacionam de maneira ímpar, quando “defendo que um dos objetivos principais da escola é possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática” (ROJO, 2009, p. 11).

O gênero oral, escrito ou virtual como recurso no processo de ensino e aprendizagem da língua não é encontrar um livro de receitas. O trabalho com os gêneros exige que o

professor (a) seja um pesquisador (a) da língua materna e principalmente da sua prática. Requer habilidades para que ele (a) construa sua sequência ou outras possibilidades.

Nesse sentido, os gêneros que circulam na escola podem ser recursos para as aulas de língua, no processo de ensino da leitura, do desenvolvimento da escrita, pois eles correspondem à língua em uma determinada esfera comunicativa. Para tanto, a escola, inicialmente, deve abranger uma concepção de língua que esteja dentro desta perspectiva e os gêneros utilizados pelos professores não estejam apenas no limite do campo literário.

## CONCLUSÃO

Ter a língua como objeto de estudo, especificamente os gêneros, é uma maneira de ampliar as pesquisas linguísticas e ratificar que ela não se encerra em mais uma dissertação ou tese. Pelo contrário, ao concluir esta pesquisa apresentada ao longo desses capítulos, percebemos o quanto a língua (especificamente os gêneros) precisa ser estudada, pois os sujeitos e os espaços comunicativos são heterogêneos. Os gêneros que circulam na escola, na comunicação entre direção/coordenação, pais, alunos, professores, funcionários são variados. Assim, com o objetivo de verificar quais gêneros circulam na escola e, ao mesmo tempo compreender a comunicação entre os seus, consideramos que a escola é um espaço de interação onde a língua é constituída por meio dessas relações nas modalidades oral, escrita e virtual.

Inicialmente pontuamos que para nossa pesquisa era preciso ter uma concepção de língua interacionista apresentada aqui por meio das reflexões de Bakhtin. Preocupamo-nos em fundamentarmos em Bakhtin (2003), pois ele compreende a língua como fenômeno social e cultural. Dentro desse contexto, língua está relacionada às intenções, mudanças sociais e tecnológicas. Assim, a pesquisa preocupou-se em descrever a língua viva que está nas escolas através dos gêneros, ou seja, compreender que para determinado objetivo comunicativo é usado um gênero que contempla interação entre os sujeitos como no uso dos *comunicados*, dos *e-mails*, das redes sociais, do *convite*, entre outros. Para Rodrigues (2005, p.154), estudar os gêneros é fundamentar-se também na “concepção sócio-histórica e ideológica da linguagem, o caráter sócio-histórico, ideológico e semiótico da consciência e a realidade dialógica da linguagem e da consciência.” Estudar os gêneros é perceber o enunciado situado historicamente.

O estudo foi realizado tendo apoio das duas escolas<sup>40</sup> que desde a apresentação da proposta até o recolhimento de materiais que fazem parte da sua dinâmica diária foram solícitas com o desenvolvimento da pesquisa, contribuindo para a construção de um saber. Inserida no contexto das pesquisas qualitativas de cunho etnográfico, esta dissertação é o resultado da utilização de instrumentos variados a fim de que se compreendesse a comunicação na escola a partir dos gêneros que circulam entre professores, alunos, direção/coordenação, pais, funcionários. Para a realização da descrição dos espaços e dos gêneros que medeiam a relação entre os sujeitos, aplicamos questionários, visitamos as

---

<sup>40</sup> Durante a dissertação apresentadas como C1 e C2.

escolas, entrevistamos alunos, professores, fotografamos. Esses instrumentos permitiram entender juntamente com a perspectiva teórica que os gêneros são flexíveis e dinâmicos como Bakhtin afirma.

Entendemos que para uma pesquisa que tem como objeto a língua em uso, não caberia uma metodologia que se preocupasse em apenas quantificar os gêneros, mas uma estrutura metodológica que abrangesse os aspectos sociais e culturais das escolas, já que pesquisamos em contextos diferentes: uma escola pública e uma escola particular. Os fundamentos etnográficos nos ajudaram a perceber que os gêneros na escola legitimam os lugares que cada sujeito ocupa, seja ele o diretor de uma escola particular ou diretor da escola pública. Ter a etnografia como suporte permitiu enxergar outros objetos de pesquisa na área da linguística aplicada que podem ser explorados em outros trabalhos. A escola é um espaço social que precisa estar mais próxima da Academia, para assim as pesquisas auxiliarem professores e coordenação no processo de ensino de línguas.

Nossa intenção não era explorarmos os gêneros utilizados pelos professores, que muitas vezes já estão engessados nos livros didáticos, mas fazer revelar que a escola é um espaço onde a língua está presente e que por conta disso, pode ser um recurso para professores. Nós professores procuramos material para o ensino em outros espaços (também importantes para o desenvolvimento dos múltiplos letramentos) e desconsideramos o espaço mais íntimo dos nossos alunos que é a escola, a qual eles frequentam por no mínimo duzentos dias. Dessa forma, o C1 e C2 têm no seu dia a dia uma gama de gêneros entre orais, escritos virtuais que pode ser mais analisados pelos professores, para que o aluno tenha acesso aos diferentes usos da escrita. Sobre a importância dos gêneros Pinto (2005, p.54) afirma:

À medida que passam a conhecer e fazer uso dos mais variados gêneros discursivos, os alunos aprendem a controlar a linguagem, o propósito da escrita, o conteúdo e o contexto. É necessário também que se conscientizem de como a linguagem funciona para transmitir o conteúdo oral ou por escrito. Devem, portanto, aprender a organizar os diferentes tipos de conhecimento e de informação de acordo com a situação comunicativa.

Verificamos que cada escola tem suas especificidades, pois pertencem a contextos culturais diferentes. No C2, escola particular, observamos o uso ostensivo dos gêneros escritos em diferentes relações sociais dentro do espaço escolar. Gêneros com estilo, composição e conteúdo demarcados pelos objetivos comunicativos da direção/coordenação como observamos nos *comunicados*. A situação comunicativa entre direção e pais do C2

possibilitou constatar que os gêneros são híbridos para que a escola efetive seu objetivo como no uso do protocolo anexado aos comunicados.

O C1, escola pública, é um espaço onde circulam gêneros marcados pelas características das escolas públicas que seguem um padrão. Uma comunicação que tem como enunciador “maior”, o Estado. Assim, o estilo e a composição de alguns gêneros (ficha de matrícula, carta-matrícula) que circulam no C1 respeitam o diálogo entre o Estado e a unidade escolar.

A pesquisa evidenciou que para cada contexto que a escola vive o C1 e o C2 utilizam de gêneros variados (orais, escritos ou virtuais). Observamos, por exemplo, que no período da matrícula cada escola tem uma forma de se relacionar com a comunidade, pois as relações sociais são diferentes em cada instituição. No período de final de ano, momento que a comunicação da escola é importante, verificamos que paredes e portões das escolas tornam-se suportes para gêneros.

No C1, a utilização dos gêneros escritos se dá também em momentos específicos, como advertência e suspensão de alunos, autorização para viagem, a *ficha de matrícula*, *carta-matrícula*. Destacamos os efeitos de sentido do uso do *comunicado escrito* e do diário oficial para explicar o problema da merenda depois de usar o *comunicado oral*. Essa atitude demonstra que a escrita é um espaço de poder, que os gêneros escritos na sociedade têm valor de documento como as cartas tinham valor documental no período da colonização.

Nas relações dentro do espaço escolar, constatamos que os gêneros virtuais ganham força nessa relação a exemplo do uso do *e-mail* e das redes sociais. Gêneros que representam uma nova configuração da interação entre as pessoas que para atender às suas necessidades comunicativas usam as vantagens tecnológicas como o bate-papo do *WhatsApp* que possibilita o áudio, o vídeo e a comunicação escrita. Percebemos que estes gêneros virtuais têm uma relação diferente em cada escola. Enquanto no C1 o *facebook* é um espaço onde a escola, através da direção, tenta se aproximar dos alunos com mensagens bíblicas, por exemplo, o C2 transforma essa página virtual em uma vitrine de seus projetos ou homenagens.

Este estudo sobre a comunicação na escola nos fez confirmar que a interação é o centro da constituição da língua como Bakhtin nos afirma. Se o C1 utiliza a *carta-matrícula* e o C2 o *contrato*, em determinada situação comunicativa, isso se deve a relação entre os sujeitos, ou seja, entre o Estado e os pais e entre a escola/empresa e os pais/contratante.

Nesse sentido, as relações que existem na escola pública e privada revelam um recurso importante para o ensino de língua, que são os gêneros. Salientamos que esses gêneros não

estão organizados nos livros didáticos, os quais valorizam os gêneros do contexto literário e jornalístico. Por outro lado, a pesquisa mostrou a partir das respostas dos alunos que eles não têm leitura nem escrita dos gêneros que circulam na escola como o *contrato*, o *diário oficial*, uma *carta-matrícula*, os gêneros virtuais, declaração etc. O olhar sensível do professor poderia fazer com que os alunos conhecessem a língua que está muito mais próxima do que eles imaginam, que os gêneros que circulam em cada escola refletem as relações entre eles.

Concluimos, então, que gêneros comunicativos da escola são recursos potenciais para o ensino de língua, visto que eles são heterogêneos, representam a língua em contextos diferentes, preparando os alunos para o mundo do trabalho como no uso de um ofício, de uma declaração ou de um *e-mail*. O uso dos gêneros que circulam na escola é um caminho também para a leitura e escrita cidadãs, isto é, práticas de leitura e escrita que ajudarão o aluno nas diversas situações comunicativas como cliente, como empregador, enfim como cidadão emergido em uma sociedade que exige cada vez mais que sejamos leitores do mundo. Nesse contexto de uso dos gêneros, o professor poderá estabelecer um diálogo entre os gêneros que circulam na escola e os gêneros do livro didático, ampliando o processo de letramento dos alunos.

Esta dissertação é uma porta de entrada para que surjam outros trabalhos valorizando a escola como espaço comunicativo e que esta pesquisa seja um subsídio para os professores, que muitas vezes, se veem perdidos na gama de informações sobre gêneros ou ensino de língua. Enfim, o processo de construção deste trabalho proporcionou aprendizagens importantes para formação enquanto educadora. Foi um desafio que só enriquece a formação acadêmica e incentiva a busca do conhecimento através da pesquisa.



## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé (2009). **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo, SP: Parábola Editorial.

\_\_\_\_\_(2003). **Aula de Português: encontro e interações**. São Paulo, SP: Parábola Editorial.

BAKHTIN, Mikhail. (2003 [1951-1953]). Os gêneros do discurso. In:\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 4 ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. (1997). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do Método Sociológico na ciência da Linguagem**.8 ed. São Paulo: Editora Hucitec.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. (2010). Ensino de Língua Portuguesa e Contextos teóricos-metodológicos. In: DIONÍSIO, Angela P.; MACHADO, Ana R.; BEZERRA, Maria A. (org.). **Gêneros textuais & Ensino**. São Paulo: Parábola Editorial.

BAZERMAN, C. (2011). **Gêneros textuais tipificação e Interação**. Ângela Paiva Dionísio, Judith Chamblis Hoffnagel (orgs.). Revisão técnica Ana Regina Vieira *et al.* São Paulo: Cortez Editora.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide. (2013) Enunciado/enunciado concreto/enunciação. IN: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin conceitos-chave**. 5.ed. São Paulo: Contexto.

BRAIT, Beth. Estilo. IN: BRAIT, Beth (org.) (2013). **Bakhtin conceitos-chave**. 5.ed. São Paulo: Contexto.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena (2012). **A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o círculo**. Alfa, São Paulo, 56 (2): 371-401.

\_\_\_\_\_. Beth (2005). Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: \_\_\_\_\_. **Bakhtin dialogismo e construção do sentido**. 2ªed. Campinas: Editora Unicamp.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. (2006) **Orientações curriculares para o ensino médio: códigos e suas tecnologias**. Língua Portuguesa. Brasília: MEC.

BRONCKART, J. P. (2012). **Atividade de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo Sociodiscursivo**. São Paulo: Educ.

CAGLIARI, Luiz Carlos. (1993). **Alfabetização e Linguística**. 6. ed. São Paulo: Scipione.Campinas: Mercado de Letras.

CAVALCANTI, M. C. (Org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, p.51-77.

COULMAS, Florian (2014). **Escrita e sociedade**. São Paulo: Parábola Editorial.

COSTA, Marcos Antônio. (2013). Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 2.ed. São Paulo: Contexto.

COSTA, Sérgio Roberto (2006). Leitura e escrita de hipertextos: implicações didáticos-pedagógicas e curriculares. In: FREITAS, M. T. de A.; COSTA, S. R. (Orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica.

CULLER, Jonathan (1979). **As ideias de Saussure**. Tra. De Carlos Alberto da Fonseca. São Paulo: Editora Cultrix.

FARACO, C. A (2009). **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições.

FURTADO DA CUNHA, M.; OLIVEIRA, M.R.; MARTELOTTA, M. (Org.) (2003). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A.

FURTADO DA CUNHA, Angélica. (2004). Funcionalismo. In: CRISTHIANO, Maria Elizabeth A. SILVA; Camilo Rosa; HORA, Demerval da. **Funcionalismo em Gramaticalização**: Teoria, análise e ensino. João Pessoa: Ideia.

GNERRE, Maurizio. (2009). **Linguagem, escrita e poder**. 5ªed. São Paulo, Martins Fontes.

GÓMEZ, P. A .I. (2008). Comprender la enseñanza en la escuela. Modelos metodológicos de investigación educativa. In: **Metodo cuantitativo Aplicados 2**. Antologia, Chichiu.

HEINE, L.M.B. (2005). **Considerações sobre a Linguística de texto**. UFBA.

KLEIMAN, A. B. (1998). O estatuto interdisciplinar da Linguística Aplicada: o traçado de um percurso, um rumo para o debate. In: SIGNORNI, I.; I.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, p.51-77.

\_\_\_\_\_ (1995). Modelos de letramento e práticas de Alfabetização na escola. In: Kleiman, A. B (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercados de Letras, p.15- 61.

KOCH, Ingedore V. e ELIAS, Vanda Maria (2009). **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto.

LÉVY, Pierre (1993). **O que é virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34.

MARCUSCHI, L. A. (2005) Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentidos. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 13-67. Disponível em: <http://www.googleacademico.com.br/>. Acesso em: 9 jan. 2013.

\_\_\_\_\_ (2003). **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez.

\_\_\_\_\_ (2008). **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. IN: BRAIT, Beth (org.) (2013). **Bakhtin conceitos-chave**. 5.ed. São Paulo: Contexto.

MELO, Lélia Erbolato . Estrutura da narrativa ou gêneros, mundos, lugares discursivos e companhia? In: BRAIT (2005). **Bakhtin dialogismo e construção do sentido**. 2ªed. Campinas: Editora Unicamp.

MOITA LOPES, L. P (1996). Oficina de Linguística Aplicada.

PINTO, Abuêndia P. (2010). Gêneros Discursivos e ensino de língua inglesa. In: DIONÍSIO, Angela P.; MACHADO, Ana R.; BEZERRA, Maria A. (org.). **Gêneros textuais & Ensino**. São Paulo: Parábola Editorial.

OLSON, D. R. (1997). **O mundo no papel**: as implicações conceituais e cognitivas de leitura e da escrita. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Ática

RODRIGUES, Rosângela Hammes. (2005). Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, p. 152-183.

ROJO, Roxane (2009). **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial.

\_\_\_\_\_ (2014). **Novos letramentos e Gêneros digitais**: Uma abordagem bakhtiniana. V Encontro gêneros na linguística e na literatura, Recife, UFPE.

SAUSSURE, Ferdinand de (1973). **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix. p. 15-33.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (e colaboradores). (2004). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.

SILVA, Maria C. P. de Souza (2005). Enunciados interrompidos são eles inacabados? In: BRAIT (2005). **Bakhtin dialogismo e construção do sentido**. 2ªed. Campinas: Editora Unicamp.

SILVA, Adriana P. P. de Faria (2013). Me disseram que você é bachiana. Pró me explica isso? IN: OLIVEIRA, Luciano Amaral (org.). **Estudos do Discurso**: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial.

STREET, Brian V. (2010). Horizonte: Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: Carvalho, Gilcinei; MARINHO, Marildes. **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte.

XAVIER, Antonio Carlos (2003). **Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da internet**. Disponível em: <<http://www.googleacademico.com.br/>>. Acesso em: 15 de out. 2014.

XAVIER, Antonio Carlos; SANTOS, Carmi Ferraz (2000). O texto eletrônico e os gêneros do discurso. In: **Vereda Revista de Estudos Linguísticos da UFJF**, V.4, n1 jan/jun. Juiz de Fora. ed.UFJF, p.51-57

## APÊNDICES

### APÊNDICE A- Termo de consentimento das escolas



**Universidade Federal da Bahia**

**Instituto de Letras**

**Pós- Graduação em Letras**

**Programa de Pós- Graduação em Língua e Cultura**

Rua Barão de Jeremoabo, 147, sala 127 - *Campus* Universitário – Ondina, Salvador, Bahia. CEP: 40170-290  
Telefone: (71) 3283-6237. Fax: (71) 3283-6208.

## Termo de Consentimento

Autorizo, na condição de diretora do Colégio Estadual Professor Edgard Santos, localizado à Rua Manoel Machado Pedreira, Governador Mangabeira, Bahia, o desenvolvimento da pesquisa **Texto e Contexto: Os gêneros que circulam na escola** junto à comunidade escolar. Declaro, ainda, que conheço o projeto de pesquisa acima referido, bem como as atividades que serão desenvolvidas na escola.

Por esta, autorizo também os pesquisadores do projeto, mais a equipe de apoio técnico a frequentarem as dependências da escola, gravar entrevistas com membros da comunidade escolar, desenvolver os experimentos previstos no projeto e fotografar o ambiente durante o desenvolvimento do estudo.

Governador Mangabeira, 9 de setembro de 2013.

---

Rita de Cássia Ferreira de Cerqueira Santana

Diretora do Colégio Estadual Professor Edgard Santos



**Universidade Federal da Bahia**

**Instituto de Letras**

**Pós- Graduação em Letras**

**Programa de Pós- Graduação em Língua e Cultura**

Rua Barão de Jeremoabo, 147, sala 127 - *Campus* Universitário – Ondina, Salvador, Bahia. CEP: 40170-290  
Telefone: (71) 3283-6237. Fax: (71) 3283-6208.

## Termo de Consentimento

Autorizo, na condição de diretor do Colégio Viana, localizado à Rua Agnaldo Viana, Governador Mangabeira, Bahia, o desenvolvimento da pesquisa **Texto e Contexto: Os Gêneros que circulam na escola** junto à comunidade escolar. Declaro, ainda, que conheço o projeto de pesquisa acima referido, bem como as atividades que serão desenvolvidas na escola.

Por esta, autorizo também os pesquisadores do projeto, mais a equipe de apoio técnico a frequentarem as dependências da escola, gravar entrevistas com membros da comunidade escolar, desenvolver os experimentos previstos no projeto e fotografar o ambiente durante o desenvolvimento do estudo.

Governador Mangabeira, 9 de setembro de 2013.

---

Jânio Gonzaga Aragão

Diretor do Colégio Viana

## APÊNDICE B – Termo de consentimento dos professores e alunos



**Universidade Federal da Bahia**  
**Instituto de Letras**  
**Pós- Graduação em Letras**  
**Programa de Pós- Graduação em Língua e Cultura**  
 Rua Barão de Jeremoabo, 147, sala 127 - *Campus* Universitário – Ondina, Salvador, Bahia. CEP: 40170-290  
 Telefone: (71) 3283-6237. Fax: (71) 3283-6208.

### TERMO DE CONSENTIMENTO

#### **Título do Projeto: Texto e Contexto: Os gêneros que circulam na escola**

Este termo de consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente.

#### **1 ) Introdução**

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **Texto e Contexto: Os gêneros que circulam na escola**. Se decidir participar dela, é importante que leia estas informações sobre o estudo e o seu papel nesta pesquisa.

Você foi convidado(a) a participar do estudo mediante adesão espontânea e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

É preciso entender a natureza da sua participação e dar o seu consentimento livre e esclarecido por escrito.

#### **2 ) Objetivo**

Este estudo tem por objetivo geral verificar quais os gêneros textuais (orais, escritos ou imagéticos) são utilizados na escola pública e privada, para atender aos momentos comunicativos entre direção, professor e alunos do Ensino Médio.

São objetivos específicos desta pesquisa:

- 1- Conhecer os gêneros que circulam nas escolas;
- 2- Analisar os gêneros encontrados nas escolas;
- 3- Compreender como se dá o processo de comunicação nas escolas pesquisadas;
- 4- Verificar quais dos gêneros que circulam na escola são contemplados nas aulas de Língua Portuguesa como um recurso de aprendizagem no ensino de Língua tanto na leitura quanto na produção dos mesmos.

#### **3 ) Procedimentos do Estudo**

Se concordar em participar deste estudo você será solicitado a responder a questionários sobre suas experiências de ensino e formação profissional. Será, também, convidado a analisar os dados da pesquisa. Haverá registros da dinâmica da sala de aula.

#### **4 ) Riscos**

“RISCO INEXISTENTE”.

### 5 ) Benefícios

- ✓ A participação na pesquisa não acarretará gasto para você, sendo totalmente gratuita. O conhecimento que você adquirir a partir da sua participação na pesquisa poderá beneficiá-lo com informações e orientações futuras em relação ao seu trabalho docente.

### 6 ) Caráter Confidencial dos Registros

Algumas informações obtidas a partir de sua participação neste estudo não poderão ser estritamente confidenciais, mas você não será identificado quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativos.

### 7 ) Participação

Sua participação nesta pesquisa consistirá em:

- Auxiliar no levantamento de dados acerca dos gêneros que circulam na escola.

É importante que você esteja consciente de que a participação neste estudo é completamente voluntária e de que você pode recusar-se a participar ou sair do estudo a qualquer momento sem penalidades ou perda de benefícios aos quais você tenha direito de outra forma. Em caso de você decidir retirar-se do estudo, deverá notificar aos pesquisadores.

### 8 ) Para obter informações adicionais

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço dos pesquisadores, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Caso você necessite ligue para:

Profª Drª Simone Bueno Borges da Silva – (71) 33533826 / 9994.4442 - Salvador

### 9 ) Declaração de consentimento

Li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento.

Declaro que tive tempo suficiente para ler e entender as informações acima. Declaro também que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem qualquer penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar do estudo.

---

Nome do participante (em letra de forma)

---

Assinatura do participante

---

Data

Atesto que expliquei cuidadosamente a natureza e o objetivo deste estudo, os possíveis riscos e benefícios da participação no mesmo, junto ao participante e/ou seu representante autorizado. Acredito que o participante e/ou seu representante recebeu todas as informações

necessárias, que foram fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível e que ele/ela compreendeu essa explicação.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

\_\_\_\_\_  
Data

#### **Autorização de uso da imagem**

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) de cédula de identidade nº \_\_\_\_\_ autorizo o registro em foto, áudio e vídeo, bem como a veiculação da minha imagem e depoimentos em qualquer meio de comunicação para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem quaisquer ônus e restrições.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e depoimentos, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Data



## APÊNCIDE C- Questionário da direção



**Universidade Federal da Bahia**

**Instituto de Letras**

**Pós- Graduação em Letras**

**Programa de Pós- Graduação em Língua e Cultura**

Rua Barão de Jeremoabo, 147, sala 127 - Campus Universitário – Ondina, Salvador, Bahia. CEP: 40170-290  
 Telefone: (71) 3283-6237. Fax: (71) 3283-6208.

### QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Caro diretor (a)/ coordenador (a),

estou desenvolvendo um estudo para compreender os processos de comunicação no contexto escolar. Então, para que eu possa conhecer melhor esses processos, peço que respondam a este questionário. Você não terá nenhum prejuízo por conta de suas respostas e ninguém saberá o que você respondeu, pois os questionários não são identificados. O importante mesmo é que você responda de maneira bem sincera.

Desde já, agradeço sua colaboração.

**ESCOLA** \_\_\_\_\_

1- Quais formas a escola utiliza para se comunicar com os alunos?

---



---

2- Quais formas a escola utiliza para se comunicar com os pais/comunidade?

---



---

3- Quais formas a escola utiliza para se comunicar com os professores?

---



---

4- Quais formas a escola utiliza para se comunicar com os funcionários?

---



---

5- Há site, rede social da escola? Se há, quem administra estas páginas? Qual a importância destes para escola?

---



---

6- Quem é responsável pelo mural da escola? Qual a importância dele?

---



---

## APÊNDICE D- Questionário do professor



**Universidade Federal da Bahia**  
**Instituto de Letras**  
**Pós- Graduação em Letras**  
**Programa de Pós- Graduação em Língua e Cultura**  
 Rua Barão de Jeremoabo, 147, sala 127 - *Campus* Universitário – Ondina,  
 Salvador, Bahia. CEP: 40170-290  
 Telefone: (71) 3283-6237. Fax: (71) 3283-6208.

### QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Caro professor (a),

estou desenvolvendo um estudo para compreender os processos de comunicação no contexto escolar. Então, para que eu possa conhecer melhor esses processos, peço que respondam a este questionário. Você não terá nenhum prejuízo por conta de suas respostas e ninguém saberá o que vocês respondeu, pois os questionários não são identificados. O importante mesmo é que você responda de maneira bem sincera.

Desde já, agradeço sua colaboração.

**ESCOLA** \_\_\_\_\_

**Professor/Disciplina** \_\_\_\_\_

1. A direção da sua escola se comunica diretamente com você?

( ) sim

( ) não

2. Se a direção se comunica contigo, quais recursos ela utiliza?

( ) memorando

( ) bilhete

( ) ofício

( ) recado transmitido oralmente/*comunicado* oral

( ) redes sociais

( ) site

(...) outros - \_\_\_\_\_

3. Com que frequência a direção da escola se comunica com você através de mensagens escritas?

( ) sempre

( ) poucas vezes – em quais situações? \_\_\_\_\_

( ) nunca

4. Com que frequência a direção da escola se comunica com você através de mensagens orais?

( ) sempre

( ) poucas vezes – em quais situações? \_\_\_\_\_

nunca

5-Quando a direção quer se comunicar com vocês, quais recursos são utilizados?

---



---



---

7- Como você se comunica com alunos?

memorando

bilhete

recado transmitido oralmente

redes sociais

site

(...) outros - \_\_\_\_\_

8- Como você se comunica com os pais dos alunos?

---



---



---

9- Como você se comunica com os alunos para designar tarefas, trabalhos, avaliações?

---



---



---

10- Na sua prática, você já teve a oportunidade de ensinar aos alunos produzirem algum texto como comunicado, memorando, convite? Se sim, qual a importância deste momento.

---



---



---



---

11- Você utiliza os gêneros textuais na sua prática? Se sim, quais são os mais recorrente? Justifique.

---



---



---

12- Se você não utiliza gêneros textuais, como se dá o processo de ensino da leitura e da escrita?

## APÊNDICE E- Questionário do aluno



**Universidade Federal da Bahia**  
**Instituto de Letras**  
**Pós- Graduação em Letras**  
**Programa de Pós- Graduação em Língua e Cultura**

Rua Barão de Jeremoabo, 147, sala 127 - *Campus* Universitário – Ondina, Salvador, Bahia. CEP:  
 40170-290  
 Telefone: (71) 3283-6237. Fax: (71) 3283-6208.

### QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Caro aluno,

estou desenvolvendo um estudo para compreender os processos de comunicação no contexto escolar. Então, para que eu possa conhecer melhor esses processos, peço que respondam a este questionário. Você não terá nenhum prejuízo por conta de suas respostas e ninguém saberá o que você respondeu, pois os questionários não são identificados. O importante mesmo é que você responda de maneira bem sincera.

Desde já, agradeço sua colaboração.

ESCOLA \_\_\_\_\_

Série: \_\_\_\_\_

1. A direção da sua escola se comunica diretamente com você?

( ) sim

( ) não

2. Se a direção se comunica contigo, quais recursos ela utiliza?

( ) memorando

( ) bilhete

( ) ofício

( ) recado transmitido oralmente

( ) redes sociais

( ) site

(...) outros - \_\_\_\_\_

3. Com que frequência a direção da escola se comunica com você através de mensagens escritas?

( ) sempre

( ) poucas vezes – em quais situações? \_\_\_\_\_

( ) nunca

4. Quando a direção/coordenação quer se comunicar com vocês, quais recursos são utilizados?

---

---

---

5. Há site da escola?

sim

não

12. Se há site, você utiliza, visita esta página? Com que frequência? Considera importante? Justifique.

---

---

---

13. Com que frequência o site é atualizado?

sempre

poucas vezes – em quais situações?

nunca

14. Há rede social da escola como facebook/ instagran?

sim

não

15. Se há rede social, você utiliza, visita esta página? Com que frequência? Considera importante? Justifique.

---

---

---

16. Há mural na escola? Se sim, o que costuma ser afixado nele?

notas dos alunos

reportagens do cotidiano

recados da direção para os alunos

trabalhos dos alunos

mensagens de professores para os alunos

mensagens dos alunos para a direção

mensagens do alunos para a coordenação

mensagens dos alunos para os professores

outros. Quais \_\_\_\_\_

---

---

---

17. E os professores, o que eles utilizam para se comunicar com você?

memorando

bilhete

comunicado impresso

- ( ) ofício
- ( ) recado transmitido oralmente
- ( ) redes sociais
- ( ) site
- (...) outros - \_\_\_\_\_

---

---

18. E vocês, o que utilizam para se comunicar com seus colegas de escola, com os professores, a direção/coordenação?

---

---

---

## **ANEXOS**